



Universidade do Estado do Rio de Janeiro
Centro de Ciências Sociais
Instituto de Filosofia e Ciências Humanas

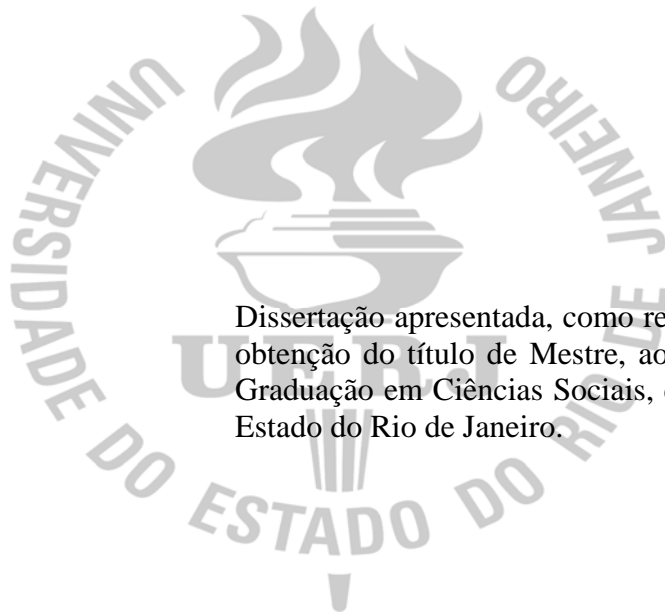
Ronald Apolinario de Lira

O Espírito sopra onde quer: carisma versus hierarquia numa “Assembléia de Deus Renovada”

Rio de Janeiro
2008

Ronald Apolinario de Lira

O Espírito sopra onde quer: carisma versus hierarquia numa “Assembléia de Deus Renovada”



Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Orientadora: Cecília Loreto Mariz

Rio de Janeiro
2008

CATALOGAÇÃO NA FONTE
UERJ/REDE SIRIUS/BIBLIOTECA CCS/A

L768 Lira, Ronald Apolinário de.

O espírito sopra onde quer: carisma versus hierarquia numa “Assembléia de Deus Renovada” / Ronald Apolinário de Lira.- 2008.

146 f.

Orientadora: Cecília Loreto Mariz.

Dissertação (mestrado) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Instituto de

Filosofia e Ciências Humanas.

Bibliografia.

1. Igrejas protestantes – Baixada Fluminense (RJ) – Teses. 2. Religião e sociologia – Teses. I. Mariz, Cecília Loreto. II. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. III. Título.

CDU-284(815.3)

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta dissertação.

Assinatura

Data

Ronald Apolinario de Lira

O Espírito sopra onde quer: carisma versus hierarquia numa “Assembléia de Deus Renovada”

Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Aprovado em: 22 de setembro de 2008.

Banca Examinadora:

Cecília Loreto Mariz (Orientadora)
Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da UERJ

Clara Cristina Jost Mafra
Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da UERJ

Joana D’Arc do Valle Bahia
Faculdade de Formação de Professores da UERJ

Rio de Janeiro
2008

DEDICATÓRIA

À minha esposa, meu amor, Luciana, que é a luz de meus passos, pessoa a qual me faz ser o que eu sou e à minha mãe, Risalva, cujo amor extrapola explicações.

AGRADECIMENTOS

À minha esposa, que conseguiu suportar as luzes acesas em noites de digitação e às minhas ausências a tantas as coisas importantes;

A Cecília Mariz, minha orientadora, que com muita calma me encaminhou e esteve sempre lá quando necessário.

Ao pastor da Assembléia de Deus da Família, Edinaldo Silva, que me recebeu sem nenhuma cobrança ou imposição de limites na sua congregação.

Ao meu irmão, Reginaldo Apolinario, que me possibilitou meu trabalho de campo.

Aos amigos da turma de 2006: Amanda, Ana Amélia, Clark, Pedro, Tatiana e Guilherme além dos amigos de outros anos e cursos, como o Geraldo Condé, Francisco e Paulo Gracino, que muita força me deram em momentos de pânico intelectual.

À Christiane da secretaria, que sempre tinha o sorriso e o bom humor que todos gostariam em uma secretária perfeita.

A Deus, que, seja o que for, como for, sempre fez as coisas darem certo.

RESUMO

LIRA, Ronald Apolinario de. **O Espírito sopra onde quer:** carisma versus hierarquia numa “Assembléia de Deus Renovada”. 2008. 146 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008.

O presente trabalho tem como objetivo compreender de que forma o pastor fundador de uma igreja na Baixada Fluminense, Rio de Janeiro, tem conseguido através de sua liderança carismática construir e manter um sistema de distribuição, redistribuição e manipulação de bens simbólicos entre seus seguidores. Observa-se essa dinâmica entre o poder, carisma e reconhecimento, tanto dentro da congregação: nas relações o pastor fundador da igreja e os demais pastores, presbíteros e membros, como fora dela: na medida em que essa igreja, que se identifica como Assembléia de Deus, não participa de nenhuma convenção ou órgãos referenciais dessa denominação. Sugere-se que, apesar de se pretender um tipo de Assembléia de Deus, essa igreja assume um *ethos* neopentecostal de igrejas autônomas, podendo ser identificada na terminologia nativa como uma “Assembléia de Deus Renovada”. Para alcançar os objetivos propostos, foi realizado um estudo de campo, com entrevistas e observação participante, e também um pequeno *survey*.

Palavras-chave: Sociologia. Religião. Pentecostalismo. Neopentecostalismo. Carisma.

ABSTRACT

The research has aimed to understand how a Neopentecostal pastor, founder of a church located at Baixada Fluminense, Rio de Janeiro, is able to build and keep a system of distribution, redistribution and manipulation of symbolic goods among his followers, through his charismatic leadership. This study tries to show the power dynamics between charisma and leader recognition inside the church, among the founder and the other pastors, presbyteries and members, and also outside of it, when this church self defined as an Assembly of God has no part of any convention of this denomination. We suggest that, despite defined as a kind of Assembly of God, this church assumes a Neopentecostal ethos of autonomous churches, and can be identified, using a native terminology, as “Renewed Assembly of God”. To reach the proposed aims, we carried out a field research with participant observation, interviews, and also a small survey.

Keywords: Sociology. Religion. Pentecostalism. Neopentecostalism. Charisma.

SUMÁRIO

	INTRODUÇÃO	10
1	TIPOS IDEAIS E RACIONALIZAÇÃO: O TRABALHO DE MAX WEBER	16
1.1	O carisma em Max Weber	17
1.1.1	<u>O carisma e ação social afetiva</u>	18
1.1.2	<u>Carisma e formas de dominação</u>	19
1.2	A Sociologia da Religião de Max Weber	21
1.2.1	<u>A racionalização do carisma: os profissionais do sagrado</u>	23
1.2.2	<u>O líder carismático pentecostal: uma aproximação</u>	25
2	O PENTECOSTALISMO E SUAS RAÍZES	27
2.1	O pentecostalismo e o neopentecostalismo nas discussões acadêmicas	28
2.2	Igrejas assembléia de deus “renovadas” e “tradicionais”	31
2.3	A Assembléia de Deus	35
2.3.1	<u>As convenções e seu papel na história da Assembléia de Deus</u>	37
3	CONHECENDO A IGREJA ASSEMBLÉIA DE DEUS DA FAMÍLIA	40
3.1	Uma igreja personalizada	42
3.1.1	<u>“O Templo da Família” e sua organização</u>	45
3.1.2	<u>Membresia</u>	49
3.2	Dados do questionário sobre participação e compromisso	51
4-	O PASTOR EDINALDO SILVA E SEU DISCURSO AUTO-BIOGRÁFICO	59
4.1	A trajetória	59
4.2	Hierarquias formais	66
4.3	O carisma e o pastor	69
4.4	Formas de concentração de carisma	71
4.4.1	<u>O acesso ao altar</u>	72
4.4.2	<u>A mobilidade e o papel das lideranças</u>	73
4.4.3	<u>O controle da estrutura espiritual</u>	76
5	O LUGAR DA ADF: AS RELAÇÕES INSTITUCIONAIS EXTERNAS E A INSERÇÃO DA ADF NO MUNDO PENTECOSTAL	80
5.1	A ADF e seu papel no círculo pentecostal	80
5.2	Carisma radiofônico	86

5.3 - Renovação na AD.....	87
CONCLUSÃO.....	92
REFERÊNCIAS	96
APÊNDICE A – Entrevista com a missionária Vânia.....	98
APÊNDICE B– Entrevista com o pastor Edinaldo Silva – 16 de agosto de 2006.....	103
APÊNDICE C – Entrevista com o pastor Edinaldo Silva – 04 de Janeiro de 2008	117
APÊNDICE D: Questionário e notas qualitativas.....	145

INTRODUÇÃO

O meu interesse pelo estudo de religião surgiu ainda durante a graduação em História, onde tive contato com diversos historiadores da religião, e outros que, mesmo não sendo especializados na área, produziram excelentes trabalhos sobre o tema, tais como Mircea Eliade, Marc Bloch, Jean Delumeau. Mas pude notar que meus questionamentos estavam além da esfera da produção historiográfica, abarcando as raias das ciências sociais. Já o interesse exato pelo pentecostalismo e o carisma surgiu logo depois.

Durante a minha vida como morador do bairro de Parque São José, no município de Belford Roxo, pude notar que, com o passar dos anos minha vizinhança a cada dia se tornava mais evangélica: cerca de seis entre dez amigos se converterem ao pentecostalismo. Um questionamento se formou acerca do poder de atração que essa religião apresentava – e ainda apresenta – no lugar que nasci e cresci: a Baixada Fluminense. Minha atenção se aguçou ainda mais quando dois dos meus irmãos – até aquele momento, fumantes e de vida liberal – “aceitaram Jesus” em igrejas pentecostais; na mesma rota seguiram minhas cunhadas, sendo que uma delas era *filha-de-santo* na umbanda, sua mãe biológica era a dona do terreiro.

Interessei-me em saber como uma mudança tão radical – de um terreiro de umbanda para o altar pentecostal – poderia ser dada e descobri, logo adiante, que minha cunhada, ex-umbandista, agora falava a “língua dos anjos”. Depois de tanta mudança, fui testemunha da imensa influência exercida pela igreja de meu irmão sobre ele e sua esposa – hábitos, vestuário, etc. Daí em diante, passei a questionar qual seria a real importância da nova religião aceita por meu irmão e sua família

Como funcionaria a lógica pentecostal? Qual a relação de “falar a língua dos anjos” com a posição social exercida pelas pessoas daquele templo? Questões levantadas que estão sendo parcialmente respondidas no estudo de caso.

A opção pelo estudo da comunidade pentecostal, inicialmente, se justificava porque esse tipo de igreja se caracteriza pelas experiências com os dons do Espírito Santo por grande parte de seus membros, esse fenômeno permitiria o estudo de uma possível hierarquização dos carismas espirituais. Minha primeira hipótese afirmava que seria possível observar numa igreja pentecostal a existência de diferenciações entre membros de acordo com as suas expressões carismática – ou seja de acordo com os dons que possuíssem . Essas diferenciações corresponderiam a uma hierarquia de posições no exercício de poder dentro da

igreja. Com essa primeira proposta, tive acesso, com a ajuda de meu irmão, à Assembléia de Deus da Família, onde ele tinha sido presbítero. No entanto, após um período de observação em campo, decidi modificar minhas hipóteses iniciais. Verifiquei que a configuração existente naquela igreja – que, em minha opinião talvez se constitua numa exceção ou um caso incomum – o pastor ocupava todos os canais de liderança possíveis na comunidade. Assim, decidi rever minha hipótese, pois percebi que nessa igreja havia apenas uma liderança: o poder e a hierarquia da igreja parecia se ter base em uma liderança carismática. Meu estudo passa assim a ter como foco a pessoa do pastor.

Mas, quando do andamento do trabalho de campo e leitura acadêmica, pude perceber que o modelo visto na ADF não era necessariamente ímpar. A figura carismática do pastor pentecostal e neopentecostal não seria estranha a outras comunidades, mas se relacionava com o fenômeno de proliferação de pequenas igrejas fundadas por pastores autônomos, desconectados de órgãos reguladores, como convenções (MAFRA, 2001, p.51).

Minha inserção na Assembléia de Deus da Família se deu de forma muito tranqüila, já que contei com a ajuda de meu irmão, Reginaldo Lira, ex-presbítero (reintegrado na congregação no fim do ano passado) e co-fundador da congregação. O pastor Edinaldo Silva, líder da congregação, aceitou receber-me em sua sala e quis saber do trabalho a ser realizado em sua igreja.

As visitas à congregação se davam semanalmente, quase sempre às quartas-feiras e aos domingos. Em alguns momentos não foi possível uma frequência constante, fazendo com que me distanciasse do templo por maior tempo. Em suma, temos material etnográfico compilado durante um ano e sete meses de observação: de junho de 2006 a janeiro de 2008. Muitas mudanças ocorreram dentro do campo, o que será observado e analisado em seus pormenores. Ainda que a observação tenha se dado até janeiro de 2008, resolvi delimitar o círculo da análise entre junho de 2006 a julho de 2007, cerca de um ano. Em minha opinião, se alargasse demais o período de observação, correria o risco de não dar conta das constantes reformulações do ambiente físico e no discurso religioso do local, que mudam de forma rápida (somente em três meses, o altar mudou duas vezes; o pastor assumiu algo do modelo *G-12*¹ – o qual o próprio pastor chamou de “demoníaco” na aula da escola dominical – e em menos de dois meses, decidiu abandoná-lo).

¹ O modelo G-12, fundado pelo pastor colombiano César Castellano Domingues, na década de 1980, se baseia em uma divisão da igreja em doze células. Na ADF o pastor Edinaldo dividiu a congregação em doze “nações” – “Nação de Davi”, “Nação de Judá”, etc. – coordenadas pelos presbíteros, diáconos e pastores auxiliares, que deveriam organizar os seus membros subordinados em reuniões separadas. Esse modelo não durou dois meses na ADF, talvez por causa da necessidade de diluição de poderes entre os líderes das “nações”. Esse modelo é extremamente controverso dentro das igrejas. Para uma

Foram efetuadas cinco entrevistas, sendo que uma delas foi muito extensa (cerca de duas horas), fazendo com que eu tivesse de editá-la. As entrevistas se deram quase todas no próprio templo, o que fez com que nem sempre tivéssemos uma maior liberdade de conversa. Apenas nas entrevistas com o pastor pude me encontrar sozinho e sem preocupação com o tempo. Um fator dificultou a prática da entrevista e, até mesmo conversas duradouras: a estrutura física do templo. A ADF não possui pátio ou uma área de convivência e lazer, ou mesmo estacionamento. Ele tem sua entrada de frente para uma pista onde ônibus e carros passam constantemente. Ainda que tenham construído um pequeno cercado em volta da entrada, não é possível o trânsito ou a permanência de mais de três pessoas por vez sem atrapalhar a passagem dos demais.

O pastor concedeu duas entrevistas, uma em 2006 e uma segunda em janeiro de 2008, onde pude fazer comparações na mudança do discurso do líder quanto a sua trajetória. Esse espaço entre as duas entrevistas não foi proposital, mas por motivos de impossibilidade de conseguir um espaço em sua agenda, ou na minha. Duas outras entrevistas me foram concedidas por uma missionária e por um obreiro. Quanto a entrevista do presbítero Reginaldo Lira, ela foi feita em sua residência, logo após o seu retorno à igreja pois, como veremos, ele estava congregando em outra denominação – a Igreja Pentecostal de Nova Vida em Lote XV, Belford Roxo – no momento do início da pesquisa.

Em um primeiro momento decidi ocultar os nomes dos entrevistados e citados no trabalho, mas já que nada apontava para a necessidade de segredo ou pedido formal dos envolvidos em ocultar seus nomes, decidi mantê-los. Outro motivo para utilizar os nomes e lugares reais, foi o trabalho com as fotos, pois nelas o nome do pastor e da comunidade, assim como seu endereço, são claramente visíveis.

Foram distribuídos 267 questionários com 17 questões objetivas, sendo que oito delas ofereciam desdobramento. 45 questionários retornaram. Debrucei-me sobre esses dados quantitativos, observando questões sobre o perfil dos participantes da igreja, relações entre a hierarquia interna, frequência e gênero, além do papel do pastor na vida dos membros de forma privada ou no templo. O material será apresentado em forma de citações, tabelas e quadros durante o decorrer do trabalho, além de constar integralmente no anexo deste.

Uma última fonte de dados, que quero apontar como muito útil, foi a conversa informal. Nem sempre me foi possível ter acesso aos membros de maneira formal para

explicação do modelo G-12 conferir no site oficial do movimento disponível em <<http://www.g12brasil.com>>, visitado em 17/07/2007. Para a opinião oficial da CGADB sobre o assunto, Cf. *Mensageiro da Paz*, 1 a 15 de maio de 2000, p. 10-11.

conversar, ou, como já foi dito, por motivo de desconfiança íntima, já que ninguém se propunha a abrir suas casas para minha visita. A conversa informal, não gravada, foi uma maneira de conseguir os dados que necessitava, sem que os membros da igreja se sentissem expostos ou ameaçados.

RENOVAÇÃO

No decorrer do trabalho de campo, após várias visitas à ADF, vi que somente poderia compreender a dinâmica existente entre o carisma e a hierarquia na igreja se começasse pelo seu ponto central: o pastor Edinaldo Silva. Pernambucano, filho de uma família rural e pobre do interior do estado, ele consegue uma posição chave na congregação que criou há mais de nove anos no Rio de Janeiro. Seu papel de líder carismático fez com que eu me concentrasse na sua pessoa, e, assim entendesse as relações de poder existentes em sua congregação.

Essas relações de poder sejam elas em uma escala macro – entre a ADF e as representações pentecostais oficiais, como as Convenções, por exemplo – ou micro – entre a liderança central, os líderes subordinados e a congregação –, se mostraram inseparáveis da pessoa do pastor. O que, inicialmente seria um estudo da igreja, passou a ser um estudo do pastor. Se compreendermos o pastor Edinaldo e as relações de poder e hierarquia a ele relacionadas, certamente compreenderemos toda a igreja.

Participando da ADF e observando o papel de seu pastor como líder carismático, pude ampliar meu questionamento, sem perder a proposta principal. Foi depois de entrevistar alguns membros e o próprio pastor que passei a questionar a forma diferente que a ADF tinha em comparação às outras AD. Vi, nesse momento, a possibilidade de repensar a organização formal das Assembléias de Deus, tendo como ponto inicial as chamadas “Assembléias de Deus Renovadas” pelo pessoal do campo evangélico, sejam pentecostais ou não. Existiria uma gama de diferentes Assembléias de Deus, elas se diferenciariam entre si em vários aspectos de acordo com o estilo de seu pastor e sua congregação, mas a distinção fundamental parece ter sido quanto ao rigor da chamada “doutrina”, e por isso se costuma classificar de forma genérica e pouco rigorosa essas igrejas em dois tipos Tradicionais e Renovadas, sendo que as últimas se encaixariam, num perfil neopentecostal.

Não seria necessária uma pesquisa acadêmica para constatar a existência de diferentes igrejas evangélicas e, em sua maioria, pentecostais, na Baixada Fluminense (JACOB, 2006).

A cada passo nas principais vias é possível encontrar dezenas de pequenos templos, fundos de casas, construções faraônicas ou varandas de antigos bares repletos de pessoas de diferentes cores e vestimentas. O discurso neopentecostal é muito popular onde existe uma classe social pobre, aberta ao discurso da prosperidade e da saúde. Mas ainda que saltando às nossas vistas a grande quantidade de templos, não seria possível vermos apenas através de observação superficial as diferenças sociológicas que ocorrem dentro das denominações pentecostais e neopentecostais. Essas diferenças variam desde questões de gênero até as relações de poder e política partidária. Assim, a profusão de artigos, dissertações e teses a esse respeito não conseguirão menos que auxiliar a compreensão desse crescente grupo religioso, que, a cada ano alcança horizontes de membresia cada vez maiores.

O principal recorte teórico será reservado à sociologia de Max Weber, seu conceito de carisma será adotado como ferramenta chave em minha dissertação. A produção bibliográfica de outros autores nos oferece caminhos para a busca de respostas frente às questões apresentadas pelo campo. A compreensão do pentecostalismo, seu desenvolvimento em terras brasileiras, seu crescimento nas décadas iniciais do século XX e, por fim as modificações por ele sofridas no decorrer do mesmo século.

ESTRUTURA DO TRABALHO

A discussão se divide em três momentos distintos, mas intimamente ligados: o conceito de “carisma”, a produção bibliográfica e conceitual acerca do pentecostalismo e neopentecostalismo e, por fim, a apresentação e análise do objeto de estudo – a ADF e sua liderança carismática.

O primeiro momento, onde abordo a obra de Max Weber, é o ponto referencial para a questão teórica do trabalho. Para que possamos entender como o autor constrói o conceito de carisma e da liderança carismática, é preciso analisar a obra e suas principais questões como por exemplo, a observação da sociedade ocidental e o processo de racionalização das esferas sociais. A sua *Sociologia da Religião*, vista como parte de um todo maior em seu trabalho, favorece o presente estudo por ele abordar um objeto dessa natureza, onde o carisma é centro nervoso.

O segundo e o terceiro momentos se aproximam por causa de sua natureza comum: a religião pentecostal e neopentecostal, onde o carisma individual do líder e o institucional (no

caso, o carisma do nome da denominação “Assembléia de Deus”) se apresentam ora como complementares, ora como antagônicos e, em seguida, uma apresentação do objeto de estudo de forma detalhada. Nesse ponto abordarei o tema do “Carisma versus Instituição”.

Ainda, como se quer mostrar nesse trabalho, esse pastor através do uso do nome “Assembléia de Deus” na sua igreja, a ADF, se aproxime de uma organização cujo carisma se racionaliza através de normas e burocracia, esse líder tem como atrativo principal para os seus fiéis a posse de um carisma individual, que não estaria preso às convenções legais de seu cargo na igreja. A instituição, mesmo concedendo ao pastor uma legitimação representada por seu posto, se vê subordinada, em certos momentos pelo carisma deste, quando as regras de conduta, doutrina e costumes são por ele modificados ou mesmo inventados.

A hierarquia, no sentido desse trabalho se concentra nas relações legais as quais todos os líderes ou membros da igreja estão submetidos: regras que representam a vontade da instituição, o que faz aquela igreja ser reconhecida como legitimamente cristã. Essas regras, sinônimo de uma racionalização do carisma, estariam em sentido oposto à sua diluição, feita todos os dias pelo pastor.

A relação do pastor com as hierarquias internas e representações religiosas externas, além de sua biografia, se concentram nos dois últimos capítulos. É levada em conta a sua participação ou não em órgãos reguladores, como as convenções da Assembléia de Deus, assim como ele utiliza seu carisma junto à igreja para limitar o controle dos seus subordinados hierárquicos.

Ao fim do quinto capítulo decidi incluir três entrevistas e os dados completos do questionário em quatro apêndices, permitindo uma consulta direta ao material por inteiro. Não incluí todas as entrevistas transcritas, mas apenas aquelas que aparecem no trabalho.

1 - TIPOS IDEAIS E RACIONALIZAÇÃO: O TRABALHO DE MAX WEBER

Como expus na introdução, o centro do presente trabalho é a compreensão do líder carismático, o pastor Edinaldo Silva da ADF, sob a sociologia de Max Weber. A escolha desse autor se deu por ele oferecer um cabedal teórico sobre o carisma que abarca as necessidades teóricas da pesquisa.

A sociologia de Max Weber pode ser considerada como uma das mais importantes no universo acadêmico, junto com os trabalhos de Durkheim e Marx. Weber contribuiu com uma vasta obra, inspirando o trabalho de outros sociólogos, como por exemplo, o sociólogo francês Pierre Bourdieu, dentre tantos outros. Dentre diversos conceitos criados por Weber, destaco aqui dois: a *Racionalização* e a idéia de *Carisma*, sendo esse último o fator principal desse estudo. Mas para entender os conceitos de Weber é importante lembrar sua ferramenta metodológica, o *Tipo Ideal*.

[...] Weber rejeita a concepção antiga da ciência no sentido em que esta esteja em um sistema completo, que seja o pensamento fiel da realidade. Ao seu ver, nenhum sistema é capaz de reproduzir integralmente a infinidade do real e nenhum conceito é capaz de reproduzir integralmente a diversidade do conhecimento não hipotético. (FREUND, 2006, p. 48).

Portanto seus conceitos seriam sempre um “tipo ideal”, que não poderia ser encontrado como tal na realidade analisada, sendo apenas “um recurso metodológico, com um valor exclusivamente instrumental” (MARIZ, 2003, p.78).

A sociologia de Weber é complexa e diferenciada. Como aponta Raymond Aron (1982, p.463), Weber se debruça sobre diferentes questões da Sociologia.

Mas uma questão une toda sua obra, o fenômeno de racionalização que ocorre dentro das diferentes esferas sociais. Esse fenômeno abrangente seria percebido pelo autor a partir do seu método de trabalho, o modelo histórico-comparativo.

Para uma maior compreensão do processo de racionalização, é preciso entender como Weber define a sociedade através do que ele chama de *ação social*. Essas ações poderiam ser: a Ação Afetiva, a Ação Tradicional e a Ação Racional. Essa última pode ser dividida em duas: a ação racional em relação a um fim e em relação a um valor (WEBER, 2004, p.15).

É através da compreensão das relações sociais que poderemos entender o processo de racionalização. A tipologia das ações assim como as questões de poder e legitimidade nos remete a paulatina mudança e desenvolvimento das esferas sociais. Weber destaca que o

carisma – base da ação emocional – vai se tornando cada vez mais racionalizado e cotidianizado, trazendo para essas esferas uma nova forma de realidade. As relações sociais iriam do puramente emocional em um extremo até o burocrático no outro dentro de cada esfera.

Weber centraliza seus esforços de compreensão para entender a sociedade ocidental especialmente como o processo de racionalização que a caracteriza. Segundo Cecília Mariz (2003, p.68), Weber “Considera que essa sociedade, em seus diferentes aspectos políticos, econômicos e culturais, é fruto de uma conjunção de fatores que historicamente se combinaram no contexto da civilização ocidental judaico-cristã.”

A esfera religiosa teria tido uma influência de grande importância na sociedade ocidental, já que ela teria criado um *ethos* próprio a uma racionalização econômica e política e ética. Seria a partir da ética religiosa do judaísmo ascético e, posteriormente, do protestantismo, com seu ascetismo intramundano, que o Ocidente se encaminharia à racionalização e desmágicação do mundo. O processo conhecido como *Desencantamento do Mundo* (WEBER, 2006).

Em nenhum momento o autor assume uma postura evolucionista quando trata do processo de racionalização do Ocidente, ainda que essa afirmação não seja unânime entre todos os autores. Também não podemos apontar Weber como determinista, pois o autor não compreende a racionalização como um *devir* histórico. “Weber concebia o fenômeno histórico como único e individual e negava um devir histórico. Cada civilização terá sua história peculiar, cada uma evolui de forma própria e única” (MARIZ, 2003, p.69).

Seguindo a proposta weberiana de racionalização das esferas sociais, que podem influenciar na racionalização de outras esferas e, por conseguinte de uma sociedade, temos como ponto inicial a dinâmica do carisma. É entendendo esse conceito que poderemos aproximar a liderança carismática religiosa na ADF.

1.1 - O CARISMA EM MAX WEBER

O conceito de carisma em Max Weber deve ser visto de forma ampla, já que permeia toda a sua sociologia de alguma forma. O carisma estaria diretamente ligado às ações sociais, assim como às formas de poder e legitimidade. Ele pode se manifestar através do líder carismático, que questiona a autoridade que o precede podendo inaugurar uma nova ética social, em detrimento da antiga.

O autor herda concepções tipicamente da cultura alemã para a confecção do conceito de carisma, perpassando Goethe, Stuart Mill e Nietzsche (LINDHOLM, 1993, p.39). É um conceito amplo e profícuo, ele tem natureza instável, é contrário a todo o tipo de controle institucional, não pode ser aprendido, pois, segundo Weber, “*o carisma vive nesse mundo, embora não seja desse mundo*” (WEBER, 2002, p.172).

Segundo Weber (2004, p. 280), o carisma pode ser definido como uma força extracotidiana:

Não exclusivamente, mas, sobretudo, é a essas forças extracotidianas que se atribuem tais nomes específicos – mana, orenda ou, como fazem os iranianos, maga (daí a palavra mágico) –, para as quais empregamos aqui de uma vez por todas o nome “carisma”.

Uma segunda definição do autor sobre o carisma:

Denominamos “Carisma” uma qualidade pessoal considerada extracotidiana (na origem, magicamente condicionada, no caso tanto dos profetas quanto dos sábios curandeiros ou jurídicos, chefes de caçadores e heróis de guerra) e em virtude da qual se atribuem a uma pessoa poderes ou qualidades sobrenaturais, sobre-humanos ou, pelo menos, extracotidianos específicos ou então se a toma como enviada por Deus, como exemplar e, portanto, como ‘líder’. O modo objetivamente ‘correto’ como essa qualidade teria de ser avaliada, a partir de um ponto de vista ético, estético ou outro qualquer, não teria importância alguma para o nosso conceito: o que importa é como de fato ela é avaliada pelos carismaticamente dominados – os “adeptos”. (WEBER, 2004, p. 158-159).

O caráter revolucionário do carisma pode remodelar as relações da sociedade, renovando-as e inaugurando uma nova forma de ação social. O que pode, também, ocorrer é que, após a renovação da antiga visão de mundo combatida pelo líder carismático, as forças da tradição continuem dando segmento á sua iniciativa, ou seja, o carisma sofra uma rotinização.

1.1.1 - O CARISMA E AÇÃO SOCIAL AFETIVA

O carisma seria a base de sustentação da ação social afetiva, ou seja, aquela “definida por uma reação emocional do ator, em determinadas circunstâncias e não em relação a um objetivo ou a um sistema de valores.” (ARON, 1982, p.464) Ou ainda, segundo o próprio Weber:

O comportamento estritamente afetivo está, do mesmo modo, no limite ou além daquilo que é a ação conscientemente orientada “pelo sentido”; pode ser uma ação desenfreada a um estímulo não-cotidiano. Trata-se de sublimação, quando a ação afetivamente condicionada

aparece como estado consciente do estado emocional: nesse caso encontra-se geralmente (mas nem sempre) no caminho para a “racionalização” em termos valorativos ou para a ação referente a fins ou para ambas. (WEBER, 2004, p.15)

A base a ação afetiva – o carisma – tende a se racionalizar, em relação a fins ou valores. O carisma, através do processo de rotinização deixa de ser pessoal, se cristalizando em uma instituição. O carisma institucionalizado pode vir a dar origem a outras formas de ação: a) Tradicional, quando o carisma passa a pertencer à família ou clã ou b) Racional, quando a burocratização do carisma se despe de toda a relação com um líder pessoal, passando para uma instituição.

1.1.2 - CARISMA E FORMAS DE DOMINAÇÃO

Quanto às formas de poder e legitimidade, Weber segue o mesmo esquema exposto para a compreensão das ações sociais, apontando graus de carisma e racionalização aos seus tipos ideais. A chave de compreensão da relação entre dominador e dominado residiria na obediência deste frente ao reconhecimento daquele como poder legitimamente instituído. “para que o Estado exista, os dominados devem obedecer à autoridade legada pelos detentores do poder. Quando e por que os homens obedecem? Sobre que justificação íntima e sobre que meios exteriores repousa esse domínio?”

Respondendo sua própria pergunta, Weber constrói três tipos ideais: as formas de dominação, *Tradicional*, *Carismática* e *Legal*, que são referências diretas à cotidianização e institucionalização do carisma. (WEBER, 2002, p.56)²

Partindo da dominação³ Carismática, veremos que o papel do carisma pessoal está no centro do conceito, onde a dominação e, mais importante, a aceitação do dominador pelo dominado, se faz através do reconhecimento daquele por suas capacidades individuais tidas como especiais. O carisma do líder é o motivo da obediência de seus seguidores. A liderança carismática surge em períodos de crise, “em situações de dificuldades psíquicas, físicas,

² Decidi inverter a ordem original da tipologia da dominação de Weber, iniciando com a *carismática*, seguida pela Tradicional, e não o contrário apenas para traçar um delineamento do caminho percorrido pelo processo de racionalização e de rotinização do carisma.

³ A definição “Domínio” e “Dominação” se referem ao mesmo processo, a diferença reside na obra – e na tradução – em que ambas se encontram. Nos *Ensaio de Sociologia*, traduzidos por Gerth & Mills temos a definição “Domínio”, enquanto na obra *Economia e Sociedade* encontramos o termo “Dominação”. Cf. WEBER, Max *Ensaio de Sociologia*. Rio de Janeiro: LTC. 2002. e do mesmo autor *Economia e Sociedade*. Brasília: UNB. 2004. 2 vol. respectivamente. Apenas para padronizar, assumi termo “Dominação”.

econômicas éticas, religiosas e políticas” (WEBER, 2004, p.323), e também quando temos uma configuração social onde “Com forte vinculação à tradição” (WEBER, 2004, p.161).

Aquele que possui o carisma é o líder natural, que possui legitimação de forças não tradicionais, mas a tem em si mesmo – características que só ele possui: força, inteligência, contato com o divino ou quaisquer qualidades sobrenaturais, não possuídas por outros. O carismático demanda ser seguido, não pode ser contestado, exige reconhecimento entre os seus dominados.

Com o processo de cotidianização (ou rotinização), teremos a dominação Tradicional, ou “(...) a autoridade do ‘ontem eterno’, isto é, dos mores santificados pelo reconhecimento imaginavelmente antigo e da orientação habitual para o conformismo” (WEBER, 2002, p.56). Esse tipo de dominação se abastece da tradição, onde o carisma, cotidianizado, se expressa principalmente pela linhagem ou pelo costume. As comparações entre a forma de dominação e a ação social tradicionais são inevitáveis, o que nos mostra que a abordagem de Weber se apresenta como uma continuação teórica sobre o tema da racionalização. A santificação do príncipe ou do patriarca apresenta uma cristalização do carisma dentro de uma instituição, ele é passado adiante por meio do sangue ou de outros mecanismos tradicionais. Mas, mesmo que o carisma não esteja mais presente como característica única do indivíduo que o possui, não podemos nos esquecer que, em algum momento, essa tradição pode ter surgido de uma explosão carismática. Esse efeito de transferência cotidiana do carisma pode ser efeito da morte do líder carismático, principalmente quando este funda uma nova ética ou exemplo. Assim veremos mais adiante quando nos referirmos à Sociologia da Religião.

Enfim, a dominação Legal, que representa o fim, a superação da legitimidade pelo carisma pessoal. O poder não mais se focaliza em uma pessoa, mas num estatuto de leis, as quais todos devem seguir. O carisma passa ser da instituição, ou seja, desse conjunto de leis. O dominado reconhece a validade do estatuto como legal e legítimo, nesse tipo de dominação “(...) há o domínio em virtude da legalidade, na fé da validade do estatuto legal e da competência funcional, baseada em regras racionalmente criadas.” (WEBER, 2002, p.56). O papel do dominador se encontra no “servidor do estado” ou no burocrata, mas a possibilidade de exercer a coerção não reside neles como indivíduos particularmente especiais, mas nos estatutos e leis que os colocam nas posições de poder. É a face da burocratização da dominação. Para o autor, o Ocidente se encontraria no seu auge, a sociedade, possuidora de uma “leitura matemática da natureza” (MARIZ, 2003, p.72), se burocratiza e racionaliza cada vez mais as relações sociais.

1.2 - A SOCIOLOGIA DA RELIGIÃO DE MAX WEBER

O trabalho de Max Weber acerca da religião não se diferencia em sua metodologia de trabalho: uma análise histórico-comparativa das diferentes religiões em diferentes sociedades no tempo e no espaço. Mesmo que, como já pude abordar, ele trate de religiões diferentes, é o Ocidente e sua ética religiosa que está presente no centro da sociologia de Weber.

Não podemos chamá-lo de “sociólogo da religião”, porque, no mínimo, estaríamos cometendo um anacronismo, sua obra sobre religião, disposta em diferentes artigos, vai além da análise unicamente religiosa, tendo em mente uma explicação mais minuciosa do processo de racionalização do Ocidente. Como afirma Antônio Flávio Pierucci (2005, p.18): “Weber se pretende o sociólogo que, ao eleger as religiões como objeto, produz uma dupla macro-sociologia: uma sociologia geral da mudança social como inevitável racionalização da vida, e uma sociologia **específica** da modernização ocidental.” (Grifo nosso)

Portanto, Weber utiliza da sociologia da religião como forma de compreender, de forma macro-sociológica o processo de racionalização das sociedades e, em especial o da sociedade ocidental.

A religião faz parte da construção da visão de mundo dos atores sociais. Observando o interior da esfera religiosa, que apresenta diferenciada em cada religião distinta, poderemos compreender a concepção de mundo se seus crentes, traduzidos por seus dogmas (ARON, 1982, p.490). Segundo Weber:

A ação religiosa ou magicamente motivada é, ademais, precisamente em sua forma primordial, uma ação racional, pelo menos relativamente: ainda que não seja necessariamente uma ação orientada por meios e fins, orienta-se, pelo menos, pelas regras de experiência. [...] a ação ou o pensamento religioso ou ‘mágico’ não pode ser apartado, portanto, do círculo das ações cotidianas ligadas a um fim, uma vez que também seus próprios fim são, em sua grande maioria, de natureza econômica. (WEBER, 2004, p. 279).

Para entender a obra de Weber é importante entender sua distinção entre o que chama “explicar” do que chama “compreender” as ações sociais (MARIZ, 2003, p.74). Para Weber a ação social seria resultado tanto de fatores externos à subjetividade, a análise desses fatores consistiria a explicação, quanto por intenções ou motivações subjetivamente experimentadas, que deveriam ser analisadas e “compreendidas”. Assim Cecília Mariz (2003, p. 74-75) afirma que:

A religião interessa a Weber na medida em que ela é capaz de formar atitudes e disposições para aceitar ou rejeitar determinados estilos de vida ou para criar novos. A importância dada por Weber à subjetividade e intencionalidade dos atores nos ajuda, portanto a entender sua dedicação ao estudo da religião

O novo estilo de vida trazido pelo capitalismo teve consonância com certos *ethos* protestantes, estes prévios àquele modo de produção, como a poupança, por exemplo, (WEBER, 2006). A religião protestante não teria dado origem ao capitalismo, mas ela produziria uma possível aceitação do novo tipo de economia.

Weber traça essa disposição racionalizante do capitalismo moderno nos países protestantes ocidentais, como já foi dito, do judaísmo antigo e da nova ética inaugurada por aquela religião: o “ascetismo intramundano” (WEBER, 2006). Em sua obra “*A Ética Protestante e o ‘Espírito’ do Capitalismo*” e também em “*As Seitas Protestantes e o Espírito do Capitalismo*” que Weber traça a importância da religião no nascimento de uma ética capitalista ocidental.

O judaísmo com sua aversão à magia inicia um caminho em direção ao paulatino “desencantamento do mundo”. “[...] É a passagem, ao longo do tempo, de um mundo social encantado para um mundo social desencantado da modernidade que abre caminho para a crescente racionalização das esferas” (NEVES, 2005, p.119). Essa passagem de uma religiosidade magicamente estruturada para uma outra, eticamente lastreada.

Outros fatores fariam, ao longo do tempo, com que o Ocidente seguisse cada vez mais em direção a uma racionalização paulatina, como, por exemplo, a tradução da Bíblia para o alemão por Martinho Lutero, onde ele traduz como “trabalho” (*Beruf*) a palavra que poderia também ser tida como “missão”, ou seja, traz para a esfera laica um conceito religioso:

No conceito de *Beruf*, portanto, ganha expressão aquele dogma central de todas as denominações protestantes que condena a distinção católica dos imperativos morais em “*praecepta*” e “*consilia*” e reconhece que o único meio de viver que agrada a Deus não está em suplantando a moralidade intramundana pela ascese monástica, mas sim, exclusivamente, em cumprir com os deveres intramundanos, tal como decorrem da posição do indivíduo na vida, a qual por isso mesmo se torna sua “*vocação profissional*” (WEBER, 2006, p.72).

O processo de desencantamento levaria um longo tempo, mas teria como centro a crescente racionalização do carisma religioso e, conseqüentemente, a racionalização dos especialistas do sagrado. Como pudemos ver, quando o carisma pessoal se esgota, inicia-se o processo de institucionalização que, no caso da religião, parte para formação das congregações. Segue-se assim uma outra discussão acerca dos profissionais do sagrado que,

seguindo a mesma linha até aqui acompanhada – a da continuidade na proposta do autor referente ao processo de racionalização das esferas sociais e, por conseguinte, da sociedade ocidental – trará um importante ligação com o tema desse trabalho.

1.2.1 - A RACIONALIZAÇÃO DO CARISMA: OS PROFISSIONAIS DO SAGRADO.

Quando weber propôs uma tipologia ideal para os profissionais do sagrado – o Profeta, o Mago e o Sacerdote – ele seguiu caminho semelhante do que fez com as ações sociais e as formas de dominação: organizou-os de acordo com a relação entre a maior e a menor representação de carisma pessoal, apontando uma crescente racionalização através da cotidianização: o possuidor carisma se vai, deixando a profecia em mãos de seus seguidores. A esse processo, segundo Neves (2005, p.129-134), o carisma seria objetivado, ou seja, sairia de sua esfera pessoal, se enraizando nas instituições, de onde ele se tornaria transferível, acessível ao homem comum.

Para compreendermos esse processo de racionalização e transferência carismática, Weber nos propõe a tipologia dos profissionais do sagrado, que, longe de qualquer necessidade de paralelos diretos com a sociedade vivida, servem para traçar qualidades e características de idéias acerca do carisma e das relações sociais na religião e na sociedade.

Na concepção de Weber, teríamos inicialmente o *Profeta*. Ele é o portador de uma nova promessa, lei, exemplo ou ética:

Por “profeta” queremos entender aqui o portador de um carisma puramente pessoal, o qual, em virtude de sua missão, anuncia uma doutrina religiosa ou um mandamento divino. Não queremos distinguir fundamentalmente entre o profeta que anuncia de novo uma revelação antiga (de fato ou suposta) e aquele que reivindica para si uma revelação totalmente nova, isto é entre o “renovador” e o “fundador” de uma religião. Ambas as coisas podem estar entrelaçadas e, sobretudo, não é a intenção do próprio profeta que decide se de sua revelação nasce ou não uma nova comunidade. (WEBER, 2004, p.302. Grifos do autor)

O profeta inaugura, inicia e, como possui a legitimação carismática sobre os seus adeptos, exige o reconhecimento de sua mensagem. Ele não aceita prebendas, pagamentos nem se enquadra em qualquer forma de economia formal, como o líder carismático que é, por excelência, traz consigo a mudança. Ele usurpa o poder e vai contra os poderes estabelecidos.

Existem dois tipos de profeta na sociologia de Weber: o “ético” e o “exemplar”. O primeiro pode ser comparado com Maomé que instala uma nova forma de conduta ética em

seu povo, exigindo a obediência à divindade como dever ético a ser obedecido. No segundo caso, o que seria típico dos países orientais, o profeta faz de sua vida um exemplo a ser seguido, aponta e exemplifica um caminho para a salvação (WEBER, 2004, p.308).

Mesmo que o profeta represente o auge da posse do carisma individual, sua promessa pode sofrer, como vimos, uma forma de rotinização. Isso acontece quando ele morre e, em seu lugar, uma *congregação*, composta por seus seguidores tentam manter viva sua ética ou exemplo. Esse processo colocaria em pólos opostos o profeta e outro tipo ideal weberiano: o *sacerdote*, que, como veremos mais adiante, representa a cotidianização do carisma em sua forma burocratizada.

Mas ainda que o profeta exija o reconhecimento de sua mensagem, e, em circunstâncias positivas a ele, consiga levar a profecia até o fim da sua vida, isso não quer dizer que essa seja uma regra. É possível que o profeta perca seu prestígio e legitimidade, basta que ele não consiga mais dar provas de sua situação especial como líder carismático. Quando o profeta falha ele perde seus adeptos, o que quer dizer que a divindade de quem anuncia a nova promessa o abandonou.

O Mago, por conseguinte, também possui o carisma pessoal – o mana, o maga – , ele que pode forçar as divindades a cumprirem os seus desejos. Os magos não seriam funcionários de uma instituição, ainda que possuam, às vezes castas ou confrarias de magos: “ Não raro estão unidos numa corporação fechada, em certas circunstâncias, em castas hereditárias, esta pode ter, em determinadas comunidades, o monopólio da magia” (WEBER, 2004, p.294).

Ainda que o mago possua um contato com as entidades invisíveis, ele não representa uma ruptura ou traz novidades éticas para o seu grupo. Ele efetua seu ofício em nome das divindades de quem recebe a magia que possui. Mas, assim como o profeta, ele também pode perder seu carisma caso não consiga mais *forçar* os deuses para que façam o que querem. A falha para o mago é um sinal de sua fraqueza, seu carisma o abandonou. (MARIZ, 2003, p.81)

Por fim, temos o *Sacerdote*, que representaria a total ausência do carisma individual, pois, sendo *funcionário* de uma empresa religiosa, originada das palavras do Profeta, não possui o papel nem de inovador ou de negociador com os deuses, mas de mantenedor da ordem religiosa de sua congregação. O sacerdote representa o carisma institucionalizado, carisma esse pertencente à instituição da qual o sacerdote oficia.

Weber traça diversas comparações aproximativas e de afastamento entre os três tipos ideais acima citados. Não tendo a intenção de apontar cada uma delas, posso sintetizar essas aproximações e esses afastamentos na questão da posse de um carisma pessoal, a

transferência do carisma do indivíduo para a instituição, e um processo inevitável de racionalização. O profeta, ao contrário dos outros dois tipos ideais, possui o poder da mudança e representa o novo, destrói as velhas verdades e constrói um novo prédio ético ou exemplar. Em contraste, o mago e o sacerdote não propõem um novo modelo, e, ainda o último, seria o agente da cristalização do carisma, fazendo da nova mensagem lugar-comum, uma velha verdade a ser novamente questionada em tempos de crise. É a racionalização do carisma que transforma a mensagem em burocracia religiosa, pautando-a quase sempre em ritos e escrituras sagrados:

A transformação da adesão pessoal em uma congregação constitui, portanto, a forma normal em que o ensino dos profetas entra na vida cotidiana, como função instituição permanente. Os alunos ou discípulos do profeta tornam-se então mistagogos ou mestres ou sacerdotes ou curas de almas (ou tudo isso em conjunto) de uma relação associativa que serve exclusivamente para fins religiosos: a congregação de leigos. (WEBER, 2004, p: 311-12)

Ainda, Weber deixa bem claro que não é possível trabalharmos com esses tipos ideais de forma unívoca, e que, ainda, “a oposição é inteiramente fluida, como ocorre em quase todos os fenômenos sociológicos.” (WEBER, 2004, p.294). Não encontraremos na natureza ou na sociedade um tipo puro, mas sim elementos variados de cada um em circunstâncias diversas.

1.2.2 - O LÍDER CARISMÁTICO PENTECOSTAL: UMA APROXIMAÇÃO

Um estudo feito por Cecília Mariz e Maria das Dores Machado (2005), propõe possíveis análise da sociologia de Max Weber sobre o pentecostalismo e o neopentecostalismo. A existência de uma ética pentecostal e neopentecostal própria, o fenômeno da ausência de congregações e a análise da ética econômica naqueles modelos abrem campo para diversos questionamentos. Mas o que faz com que Weber seja tão importante para o meu trabalho é a sua conceituação do carisma e do líder carismático como proclamador do novo e modificador das antigas estruturas.

O pastor Edinaldo Silva, como líder carismático, consegue a legitimação de seus fiéis tanto aceitando uma hierarquia tradicional – o sistema de cargos como pastor, presbítero, etc. – como ao mesmo tempo criando uma nova – promovendo mudanças nas estruturas doutrinárias e de costumes, alcançando a anuência de sua igreja sem a necessidade de recorrer a

instrumentos formais. É possível, até, compará-lo com o fundador da Igreja de Jesus Cristo e os Santos dos Últimos Dias, Joseph Smith, que, quando era necessário, produzia diferentes regras e redesenhava seu ministério para manter sua liderança (NEVES, 2005).

O ato de subverter a ordem estabelecida é, a meu ver, a qualidade que faz do pastor Edinaldo – o e talvez dos principais pastores neopentecostais – o que mais os aproxima do tipo ideal weberiano do profeta. Em outras palavras, o pastor Edinaldo recebe sua legitimidade diretamente de Deus, ainda que possa ser julgado por seu povo, mas para que isso não venha a ocorrer, reorganiza os sentidos das práticas da sua igreja frente às necessidades do corpo de fiéis. Mas, como já foi dito, não é possível encontrarmos um tipo ideal na realidade social, por esse ser um conceito abstrato e teorizante, pois mesmo sendo vítimas de frenesis do Espírito Santo, afirmando receber ordens de Deus e monopolizar o carisma de outras lideranças, Edinaldo tem sobre si a égide de *pastor*, o que lhe coloca no rol dos sacerdotes, funcionários da instituição religiosa possuidora última do carisma, que se responsabilizam pelo culto da divindade.

O ponto que quero colocar é que, mesmo sendo um sacerdote e representando uma igreja com carisma institucional próprio, o pastor neopentecostal – o que, nesse ponto podemos também abarcar o pastor pentecostal – por sua natureza carismática (nesse sentido, o carisma individual, concedido pelo batismo com o Espírito Santo) alcança uma posição individual de importância em relação ao divino, onde a mediação formal não pode alcançá-lo. Em outras palavras, ele, em primeira instância, sofre os limites da instituição, tendo que obedecer a uma hierarquia formal, uma doutrina e costumes preestabelecidos, os quais, em caso de falta, podem ser responsáveis pela saída do grupo. Mas numa segunda instância, a do carisma individual de batizado com o Espírito, ele está sujeito a uma dinâmica fora do controle das instituições a que pertence. Ele é impelido a fazer o que o Espírito lhe mandar.

O pentecostalismo, misto de institucionalização e de manifestação carismática individual, seguido do neopentecostalismo, que passa a possuir uma ética mais comercial, empresarial e midiática (MARIZ; MACHADO, 2005, p.257), transita no limite do modelo racionalizado do carisma institucional e da experiência extática do Espírito Santo. Assim, posso afirmar que o primeiro, ao surgir no início do século passado, se classifica como uma nova profecia, que, como afirma Freston (1994) e Mariz & Machado (2005), contamina as igrejas protestantes – no caso do pentecostalismo, modificando a arena religiosa, não apenas no Brasil, mas no mundo.

2 - O PENTECOSTALISMO E SUAS RAÍZES

A literatura⁴ especializada tem chamado de pentecostais os grupos protestantes que assumem que o Espírito Santo continua a avivar os crentes com sua presença, decorrente desse encontro, teremos a manifestação de “dons”, resultantes de um novo batismo (“com o Espírito Santo”). Esse estado de graça e santidade permitiria aos crentes fazer coisas antes não possíveis. Esses grupos acreditam que esses acontecimentos estão de acordo com o que está escrito no livro bíblico dos Atos dos Apóstolos, onde os apóstolos reunidos recebem o Espírito santo em forma de línguas de fogo sobre suas cabeças, e passa a falar línguas estranhas.

No trecho do livro de Emílio Conde (2006, p.22),⁵ temos a seguinte regressão:

O que aconteceu, então, era inexplicável: o poder de Deus caía sobre a congregação; a convicção das verdades divinas inundava os corações; o desejo de santidade dominava as almas; e, repentinamente, brotavam louvores dos corações; muitos eram batizados com o Espírito Santo, falavam em novas línguas; outros profetizavam; outros cantavam hinos espirituais.

Essa descrição retrata como teria sido nos tempos modernos a primeira manifestação carismática pentecostal na famosa Rua Azuza, na Califórnia onde era situada a igreja do pastor William Joseph Seymour,⁶ patrono do pentecostalismo nos Estados Unidos, no início do século XX.

Assim como as manifestações ocorridas na igreja de Azuza Street e nas que seguiram a doutrina pentecostal, pude presenciar na igreja pentecostal observada, a presença de pessoas falando línguas estranhas (glossolalia), profetizando, em estados alterados de consciência gritando, pulando, dentre outras manifestações. Essas pessoas respondem ao apelo pentecostal existente em seu meio; além delas, outros frequentadores – não membros, visitantes que buscam essencialmente uma graça⁷ - fazem parte das celebrações carismáticas do templo, manifestando carismas.

⁴ Para uma melhor explicação sobre a crença pentecostal acerca do avivamento do Espírito Santo nos dias de hoje, Cf. MARTIN, 1990; FRESTON, 1994; MARIANO, 2005.

⁵ Emílio Conde é historiador nativo da Assembléia de Deus. Pela sua participação na denominação, sua atitude é bastante contaminada pelo discurso religioso.

⁶ O acontecimento ocorrido na Rua Azuza é o marco central na história pentecostal do mundo todo. Ainda que se tratasse de um pentecostalismo de vertente negra, ela marcou o nascimento de uma nova realidade religiosa inicialmente de forma multiétnica. Muito se escreveu – e ainda se escreve – sobre a “Missão de Fé Apostólica” na Rua Azuza, podemos ver um breve resumo no trabalho de Paul Freston (1994, p.74).

⁷ Há um grande número de testemunhos de pessoas que vieram ao culto depois de ouvir a rádio da igreja, conseguindo uma bênção que, em seguida voltam para alcançar outras ou agradecer pelas conquistas.

Deve se levar ainda em consideração que, com o crescimento e a diversificação das congregações pentecostais, manifestações particulares de carismas foram mais valorizadas em dados momentos da História. No Brasil, por exemplo, a glossolalia é a manifestação indicativa do batismo com o Espírito Santo quando da primeira onda pentecostal, onde a Assembléia de Deus seria seu maior ícone. Num segundo momento, com a chegada da Igreja do Evangelho Quadrangular a cura divina toma ênfase e, por último, a libertação de demônios viria a ter maior importância na garantia da Graça (FREESTON, 1994).

2.1 - O PENTECOSTALISMO E O NEOPENTECOSTALISMO NAS DISCUSSÕES ACADÊMICAS

Os estudos feitos por antropólogos e sociólogos sobre os pentecostais crescem após a década de 1990. A produção de dissertações e teses sobre os evangélicos alcançou um patamar de respeito e continua em plena ascensão.

Se quisermos falar sobre o pentecostalismo, seria um absurdo se não iniciássemos pelo trabalho de grande importância de Paul Freston, que nos oferece uma tipologia, que vai ser base e inspiração a outros autores, que divide o desenvolvimento do pentecostalismo no Brasil em *três ondas* (FREESTON, 1994).

Segundo Freston, teríamos uma primeira onda pentecostal com a implantação, em 1910, no Paraná, da Congregação Cristã do Brasil (CCB), criada por Luigi Francescon, dirigindo-se em seguida para São Paulo, onde sua igreja se enraíza na comunidade italiana. Soma-se ao advento da igreja de Francescon a chegada quase simultânea de dois suecos na cidade de Belém, no Pará, em 1911, onde se fixam numa comunidade batista para logo formarem uma comunidade própria que, mais tarde seria conhecida como a AD.

Esses dois grupos apresentam um lento crescimento até os anos de 1950, no caso da AD, principalmente por causa de problemas internos que só foram sanados a partir da década de 1930: os missionários estrangeiros não abriam mão da liderança da instituição, somente depois dessa época que os brasileiros tiveram acesso aos cargos de poder, com a Primeira Convenção Geral das Assembléias de Deus, em natal, RN (DANIEL, 2004). Já o caráter não proselitista da CCB não granjeou muitos frutos fora de seu limite de ação.

A segunda onda pentecostal se inicia na década de 1950 com a chegada de representantes da Igreja do Evangelho Quadrangular de Aimeé Semple McPherson: Harold

Williams e Raymond Boatright, na chamada cruzada Nacional de Evangelização. Esse movimento estava baseado na propagação da cura divina, circulando por todo o Brasil e pregando em tendas de lona.

No rastro desse segmento, mas ainda considerando-as dentro da segunda onda, teremos o surgimento de outras igrejas pentecostais importantes, como a igreja Brasil para Cristo, em São Paulo (1956) e a Igreja Pentecostal Deus é Amor, fundada por David Miranda em São Paulo (1962). Por fim, a igreja de Nova Vida, fundada pelo missionário canadense Robert McAlister, em 1960, no Rio de Janeiro.

A terceira onda tem como principais igrejas aquelas surgidas no final da década de 1970 e na seguinte: **Universal do Reino de Deus** (1977), fundada por Edir Macedo; **Internacional da Graça de Deus** (1980), pelo pastor R. R. Soares; **Cristo Vive**, pelo missionário Miguel Ângelo (1986) – as três igrejas têm em comum seu lugar de nascimento, o Rio de Janeiro e a origem de seus fundadores: todos são egressos da Igreja de Nova Vida.

Segundo Mariano (2005), as tipologias sobre o pentecostalismo divergem entre si, principalmente em relação às segunda e terceira ondas. Não haveria consenso entre os autores quanto à terminologia dada a cada onda e quais igrejas as comporiam. Algumas igrejas são consideradas por alguns autores parte da primeira onda, enquanto outros as consideram parte da segunda “Mas Freston, que, como Bittencourt e Mendonça, nomeia de **clássicas** as igrejas da primeira onda (Mendonça, porém, inclui Evangelho Quadrangular e Brasil para Cristo nela), deixa de classificar as ondas seguintes [...]” (MARIANO, 2005, p.29)

A terminologia nem sempre compreende as mesmas igrejas num dado segmento, ou ainda, certos autores nem mesmo concordam com três momentos. Por fim, existem outros autores que dividem os momentos de forma cronológica ou através de “famílias”, como o sociólogo Jorge Domingues (1995, p.22) ou mesmo “gerações”, como Jesus Hortal. (MARIANO, 2005).

O fator da nomenclatura geraria um problema mais profundo. Segundo Mariano (2005), Paul Freston não dá nomes às três ondas pentecostais, ainda que as situe no tempo e no espaço, delimitando suas influências e delimitação quanto ao campo social que atuariam. Mas, mesmo antes da tipologia de Freston, teremos diversas tentativas de encaixar os pentecostais em quadros conceituais diferenciados. Na maioria das vezes teremos as nomenclaturas de Pentecostalismo *tradicional*, *histórico* ou *Clássico* no que se refere às igrejas da primeira onda. A segunda e a terceira onda geram uma discordância no meio acadêmico, já que para alguns, as duas ondas finais não foram duas, mas sim uma! Já outros concordam com uma divisão entre os pentecostais da década de 1950 e os da de 1970, mas,

ainda na falta de nomenclaturas, utilizam o termo assimilatório de “Pentecostalismo autônomo”. Por fim, um extenso número de pesquisadores se dirige ao pentecostalismo pós 1950 (mas essencialmente ao de 1970) como *Neopentecostalismo*. Essas nomenclaturas – *tradicional, histórico* ou *Clássico* –, quase em sua totalidade, se referem ao movimento inicial da implantação do pentecostalismo no Brasil, tendo, obrigatoriamente em qualquer autor, a presença das igrejas Assembléia de Deus e Congregação Cristã do Brasil. Fora essas duas denominações, alguns autores incluem ou não outras igrejas, como é o caso de Mendonça (2002) que inclui, junto às *clássicas*, as igrejas do Evangelho Quadrangular – “ou Cruzada Nacional de Evangelização” – e a Igreja Evangélica Brasil para Cristo, ambas consideradas pela grande maioria de pesquisadores como pertencentes à segunda onda pentecostal que, segundo Mariano (2005) gera o maior desconforto quanto a sua nomenclatura. O autor apresenta o seguinte quadro, que nos mostra as tentativas de nomear as ondas pentecostais (tabela 1):

Tabela 1: Nomenclatura

CEDI (1991)	Mendonça (1989)	Brandão (1980)
Pentecostalismo Clássico	Pentecostalismo Clássico	Pentecostalismo de Mediação
Pentecostalismo Autônomo	Cura Divina	Pequenas Seitas

(Fonte: MARIANO, 2005, p. 25)

Essa tabela nos mostra as diferentes tentativas de diferenciação do movimento pentecostal. O termo “Cura Divina”, atribuído aqui por Mendonça, se refere ao caráter essencialmente voltado para a cura apresentado pela segunda onda do pentecostalismo no Brasil.

O que podemos notar é que essas tipologias tentam nomear o segmento pentecostal em dois momentos, ainda que as três ondas sejam consenso, não há uma terceira terminologia. O trabalho de Mariano (2005) abre uma nova frente quanto a essa questão.

Segundo o autor, as tentativas de tipificar as igrejas pentecostais esbarram principalmente na questão de: cronologia e princípios teológicos das denominações:

Mas com as surpreendentes transformações ocorridas nessa religião nas últimas décadas, que ampliaram sua diversidade teológica, eclesiológica, institucional, social, estética e política, o trabalho de classificação tornou-se mais difícil, mais intrincado e mais sujeito a controvérsias (Mariano, 2005, p.37)

Dessa forma, o autor tenta traçar uma nova forma de nomenclatura para as igrejas pentecostais no Brasil. Ele assume a tipologia de:

- 1) **Pentecostalismo Clássico:** Igrejas da *primeira onda*, que têm em comum uma eclesiologia pentecostal principalmente voltada para a valorização essencialmente do dom de línguas – glossolalia – e de um forte sentimento tradicionalista – embora em declínio, principalmente nas Assembléias de Deus –, sectário e de teor ascético.
- 2) **Deuteropentecostalismo:** composto pela *segunda onda* tem uma matriz teológica muito similar ao Pentecostalismo clássico, mas inova com a ênfase na cura divina e no uso de meios de comunicação para a evangelização. Essas inovações chegam quarenta anos após a presença pentecostal iniciada em 1910.
- 3) **Neopentecostalismo:** Tem como principal diferencial a ênfase na Teologia da Prosperidade, a proposta evangélica nascida nos Estados Unidos, na década de 1940, e alcançando grande sucesso nos anos de 1970 (MARIANO, 2005, p.147-186). Segundo essa teologia, seria possível alcançar bênçãos de prosperidade material a partir de doações de dízimos e ofertas, uma forma de sacrifício, onde Deus estaria no papel de devedor. As igrejas neopentecostais assumem uma forte característica empresarial, criando uma rede influente na esfera política. A linha neopentecostal quebra com o ascetismo Clássico e não mostra ênfase na glossolalia.

A nomenclatura *neopentecostal* não é criação de Ricardo Mariano, pois já foi utilizada por diversos autores, citados pelo autor e presentes na bibliografia desse seu trabalho. Ela surge nos EUA na década de 1970, inicialmente no Brasil no trabalho de Ari Pedro Oro, diz Mariano.

2.2 - IGREJAS ASSEMBLÉIA DE DEUS “RENOVADAS” E “TRADICIONAIS”

Durante a pesquisa de campo, esbarrei com um conceito não familiar no estudo do pentecostalismo, mas presente no dia-a-dia dos seus membros: a existência de Assembléias de Deus ditas “Renovadas”. Ao buscar em campo respostas para essa questão, pude ver que o termo “Renovado”, apropriado pelos fiéis evangélicos assembleianos ou não, não se referia a

questões relativas ao avivamento do Espírito Santo, ou seja, nada tinha a ver com o mesmo termo quando usado para diferenciar igrejas protestantes históricas que adotam o modo pentecostal de religiosidade. No caso dessa “renovação” da Assembléia de Deus se referia diretamente à flexibilidade de seus costumes.

No cerne dessa divisão, entre assembléias “Tradicionais” e “renovadas”, um fator pode ser considerado determinante: a aceitação das práticas neopentecostais dentro das congregações, que mesmo não aceitando o rigor assembleiano tradicional, não abrem mão do epíteto “Assembléia de Deus”. No momento certo abordaremos a questão do possível apego ao nome da AD, mas no momento, cabe aqui uma maior explicação do conceito suscitado.

Existem, então, segundo fiéis evangélicos,⁸ duas formas comuns de se referir às igrejas Assembléia de Deus no meio evangélico da Baixada Fluminense, elas seriam: “*Assembléia de Deus Tradicional*” e “*Assembléia de Deus Renovada*”. A primeira seria reconhecida como a tradicional AD, no auge de sua ortodoxia de vestimentas e musicalidade, além dos costumes padronizados, representados pela CGADB, como a ausência do pastorado feminino. A segunda, se pautaria em uma Assembléia de Deus de cunho neopentecostal – como a ADF – onde os costumes são flexibilizados, sejam na vestimenta, sonoridade e práticas heterodoxas, como a existência de pastoras. Não seria possível afirmar que **todas** as Assembléias Renovadas fariam ou não parte de convenções, como é o caso da ADF, necessitando assim um estudo mais particular da composição de cada uma. Deve-se frisar que essas nomenclaturas foram encontradas dentro do meio evangélico, em conversas informais e entrevistas com membros e dignitários dessas igrejas. No meu ponto de vista, essa forma de auto-reconhecimento e diferenciação deve ser observada mais a fundo.

Um fator de diferenciação muito simples entre as AD tradicionais e renovadas, mas nem sempre infalível, é a observação das igrejas AD com “sobrenome”. Essas igrejas, na sua quase totalidade (excetuando a “Assembléia de Deus Central”, do pastor Silas Malafaia, reconhecida em sua *ortodoxia*) não fazem parte do organismo máximo da ortodoxia da AD – a CGADB, a qual veremos com mais detalhes adiante. Temos um sem número de sobrenomes para a AD, talvez somente comparável com os sobrenomes das batistas renovadas. Um sobrenome comum a igrejas convencionadas é o de seu ministério ou a origem da sua filiação. No que toca à observação, as igrejas Assembléia de Deus sem sobrenome – novamente

⁸ Os fiéis que aqui menciono se tratam tanto dos pesquisados na ADF, como também vizinhos e amigos, participantes e/ou líderes de congregações, na sua maioria pentecostais, os quais tenho constante acesso. Membros da Primeira Assembléia de Deus em Parque São José; Assembléia de Deus em Santa Marta; Primeira Igreja Batista em Parque São José; Primeira Igreja Batista em Pavuna; Igreja Pentecostal Independente em Parque Suécia.

excetuando a “Central” e possíveis outras não observadas – se referem a igrejas membros de uma convenção reconhecida.

Quando numa entrevista com o pastor Edinaldo, fiz a seguinte pergunta:

“*O que seriam as ‘Assembléias de Deus Renovadas’?*” e ele respondeu:

É mais um título [...] pronto, eu sou de uma Assembléia de Deus Renovada: é que [a Assembléia de Deus “Tradicional”] não usava brinco, pulseira, anel... tinha que dormir de paletó, gravata... a igreja Renovada é essa agora que bate palma, que canta, que é alegre, descontraída... é essa igreja. a Tradicional não batia palma, eram aqueles hinos antigos... então, quando se diz “Renovada”, é quando ela adota as coisas atuais... nós somos renovados, a gente sempre pensou isso. Tem os ritmos de hoje, um bom reggae, uma salsa, um merengue, um forró [...] todos os ritmos são do Senhor [...] se você vier com aquela choradeira do passado agora é loucura mesmo [...]!

Freqüentadora de uma Assembléia de Deus Renovada em Duque de Caxias, Aydee S. Albino, coordenadora do curso de Serviço social na Faculdade Santa Luzia, no mesmo município, definiu de forma diferente a questão das AD Renovadas. Segundo ela,

Quando a gente fala de “Assembléia de Deus Renovada”, é sempre uma forma pejorativa para com as igrejas que não usam costumes antigos. Geralmente quem usa esse nome é de igreja Assembléia de Deus radical, que acha que não se devem usar roupas modernas.

Ao estudar a AD, não encontrei na literatura científica uma real forma de diferenciação para tais movimentos, na sua maioria (FREESTON, 1994; MENDONÇA, 2002; MARIANO, 2005) a igreja Assembléia de Deus é vista como um todo, ou não, considerando suas diferentes dissidências (caso de pentecostalismo autônomo utilizando o nome de Assembléia de Deus), ou trabalhando com as Assembléias de Deus com sobrenomes como igrejas distintas (o caso de Fernandes, 1998, quando aloca igrejas como “Assembléia de Deus Restaurada” no grupo de “Outras Pentecostais”).

Como foi inicialmente apontado, a questão se coloca tanto no campo dos costumes quanto no da ortodoxia doutrinal – já que, ao abrir mão de costumes e adotar outros, não compatível com a ortodoxia reinante, possa ser considerado como um racha – quando a maior igreja pentecostal do país não apresenta um comportamento unívoco, abraçando costumes neopentecostais. A manutenção do nome pode trazer dificuldades teóricas quando mencionamos a pesquisa de uma igreja Assembléia de Deus; a pergunta seria: Assembléia de Deus de que tipo? A questão se aprofunda quando não há certeza se existe, na realidade, uma ortodoxia reconhecida entre as Assembléias de Deus, isso é, se todos os membros de qualquer AD se sentem representados pela CGADB (ou congregações concorrentes, como a

CONAMAD, da AD de Madureira) como órgão superior legal. Tal descentralização poderia ser explicada com a influência da terceira onda pentecostal sobre as igrejas pentecostais clássicas.

Mariano (2005, p.47) afirma que “mesmo as igrejas clássicas, embora apresentem lógicas muito particulares em decorrência do fardo tradicionalista que carregam, não estão congeladas no tempo”, isso poderia ser aplicado para a questão do papel das Pentecostais Renovadas dentro da visão de uma tipologia geral, ou seja, elas seriam, talvez, uma forma de reinterpretação do *ethos* tradicional, pertencente ao grupo original, como a AD tradicional, dentro de uma nova visão de mundo, uma contaminação da terceira onda pentecostal. Ainda com Mariano (2005, p.37):

Denominações dissidentes da Assembléia de Deus e da Deus é Amor entre as décadas de 70 e 90, por exemplo, tendem, em muitos casos, a guardar maior proximidade doutrinária e comportamental com suas matrizes do que com o neopentecostalismo. Quanto mais próxima desta característica estiver, tanto mais adequado será classificá-la como neopentecostal. Isto é, quanto menos sectária e ascética e quanto mais liberal e tendente em investir em atividades extra-igreja (empresariais, culturais, assistenciais), sobretudo naquelas tradicionalmente rejeitadas ou reprovadas pelo pentecostalismo clássico, mais próxima tal hipotética igreja estará do espírito, do *ethos* e do modo de ser das componentes de vertente neopentecostal.

Sintetizando a análise da bibliografia produzida e propondo um alargamento na conceituação a ser utilizada no trabalho, trataremos a ADF como uma igreja “Assembléia de Deus Renovada” (sublinhando seu próprio líder), adotando para tal os seguintes pontos para tal classificação:

As Assembléias de Deus podem ser tidas como Renovadas quando apresentam as seguintes características:

- a) Manifestações autônomas neopentecostais, sem ônus financeiro e dogmático de uma convenção, recebendo uma maior liberdade de ação por seu estatuto particular;
- b) Igrejas que ostentam uma disciplina menos rígida quanto à regra ortodoxa da AD – roupas, música, relações interpessoais e formas de culto.
- c) Templos Da Assembléia de Deus caracterizados – não essencialmente – por sobrenomes diversos.

2.3 - A ASSEMBLÉIA DE DEUS

Mesmo que a ADF não seja efetivamente uma congregação ligada às convenções da Assembléia de Deus, decidi abordar o papel desta na implantação do pentecostalismo no país como um dado importante. Ao compreendermos a AD em sua complexidade, poderemos traçar diferenciais mais claros com o objeto estudado. Seria possível trabalharmos diversas outras denominações, já que a ADF pode se encaixar nos quesitos neopentecostais (MARIANO, 2005), mas ao observar o apelo à nomenclatura assembleiana a qual o pastor optou para dar início à sua congregação, o estudo das AD se justifica.

Segundo a produção bibliográfica em Sociologia da Religião, tendo como base, principalmente o trabalho de Paul Freston (1994), pude ver que as Assembléias de Deus representam um forte aparato tradicional frente às demais denominações pentecostais do Brasil. A Convenção Geral das Assembléias de Deus do Brasil (CGADB), fundada em 1930, órgão que teria como papel principal coordenar todos os templos de forma oficial, como veremos, não representa hoje toda a denominação. Temos diversos templos filiados a convenções menores ou não filiados a nenhuma, o que é o caso ADF, que não é representada por uma convenção, mas tem apenas seu pastor como membro de uma “união de pastores”.⁹

Mesmo se tratando de uma congregação não oficialmente pertencente à AD, é impossível desvinculá-la do carisma institucional dessa denominação. Ainda que, segundo a pesquisa realizada em 1994, por Rubem César Fernandes e pelo ISER (FERNANDES, 1998), esse tipo de denominação venha a ser alocada no campo de “outras pentecostais”, não é possível, na prática de um estudo de caso, criar uma categoria particular, separando-a do movimento assembleiano. O que nos resta é delinear as diferenças entre as AD tradicionais e a ADF.

O papel da AD no Brasil é deveras importante para o movimento pentecostal, já que ela pertence à primeira leva de igrejas pentecostais vindas do exterior, em 1911. Segundo Freston, a AD “tem um ethos sueco-nordestino, começou com os nórdicos e terminou com os nordestinos” (FRESTON 1994, p.76), isso quer dizer, segundo o autor, que a AD surge com os missionários suecos, portadores de uma visão anti-episcopal anti-intelectual e favoráveis a uma igreja leiga; somada com forte laço patriarcalista procedente da elite rural nordestina, nas palavras do autor: “A mentalidade da AD carrega as marcas dessa dupla origem: da

⁹ A informação da existência de uniões de pastores como grupos institucionais foi dada pelo pastor Edinaldo em entrevista.

experiência sueca das primeiras décadas do século, de marginalização cultural; e da sociedade patriarcal e pré-industrial do Norte/Nordeste dos anos 30 a 60.” (FRESTON, 1994, p.84)

Essa definição pressupõe que o carisma institucional seja o mais presente dentro de seus templos, sendo seus pastores parte desse carisma ao herdá-lo com seus cargos, ainda que tenhamos pastores carismáticos na grande maioria da AD, a hierarquia oficial da igreja não sofreria danos, já que a autoridade tradicional se sobreporia a tais carismas, sem que se fujam da “doutrina”.

Teríamos uma definição mais didática no trabalho de Rubem César Fernandes, em seu artigo “Governo das Almas: As denominações evangélicas no Grande Rio (FERNANDES, 1994), ele nos apresenta uma fértil abordagem acerca do governo eclesiástico nas igrejas. O governo eclesiástico se apresentaria oscilando entre dois eixos:

Tabela 02: Vínculos

TIPOS DE VÍNCULOS			
Níveis de Centralização	R Representativo centralizado	T Tradicional centralizado	C Carismático centralizado
	R/r Representativo intermediário	T/t Tradicional Intermediário	C/c Carismático intermediário
	r Representativo com autonomia local	t Tradicional com autonomia local	C Carismático com autonomia local

(Fernandes, R. C., 1994: 196)

Seguindo o raciocínio do autor, o eixo vertical mostraria os níveis de centralização denominacional das congregações, já o horizontal, distinguiria os regimes dessas congregações. Essa tabela ideal-típica nos ajudaria a compreendermos a atuação organizacional e sua forma de regime, ainda que, novamente seguindo o autor, não raramente encontraríamos um tipo puro (FERNANDES, 1994, p. 196).

As Assembléias de Deus poderiam ser representadas pela seguinte combinação: T/t (R+c) – ou seja, ela “combinaria os três tipos de vínculos em diferentes níveis da instituição” (FERNANDES, 1994, p.197). Sua organização não seria totalmente centralizada, pois existe autonomia local: sua composição por “ministérios” garantiria certa liberdade das filiais para

com as “igrejas-mães”. Ao contrário da Igreja Universal, não há uma representação carismática forte, personalizando uma liderança suprema.

2.3.1 - AS CONVENÇÕES E SEU PAPEL NA HISTÓRIA DA ASSEMBLÉIA DE DEUS

A Assembléia de Deus, pelo seu modelo de dispersão em pequenos templos, a partir de um processo celular de divisão, enxerga os seus membros como missionários desde que tenham condições de sê-lo, ou seja, qualquer membro inspirado poderia abrir uma nova Assembléia de Deus. Como afirma Mafra (2001, p.32):

Como para os assembleianos parte da formação do missionário, passa pelo aprendizado da palavra bíblica, parte depende da atuação do Espírito, teoricamente, todo convertido pode se sentir chamado para a abertura de uma nova Assembléia de Deus. Diante de revelações do ímpeto para se criar uma nova igreja, os irmãos crentes da igreja mãe estão sempre propensos a louvar a atitude do irmão que teve a revelação.

Esse processo tende a criar uma rede de laços entre igrejas-filhas e igrejas-mães, num processo praticamente feudal, tendo um “ministério” no fim da escala. Um relacionamento altamente pulverizado, aparentando-se a um sistema feudal (FRESTON, 1994, p.86).

A rotina existe desde a fundação da denominação, nos anos de 1910. Mas, na tentativa de *nacionalizar* a igreja, que se encontrava na mão de líderes missionários estrangeiros, reúne-se a primeira Convenção Geral das Assembléias de Deus – CGADB – , em 1930 (FRESTON, 1994, p.83). O caráter da convenção era essencialmente normativo, na tentativa de que, em encontros anuais, as AD do país tivessem apontada uma linha de ação ortodoxa (DANIEL, 2004). Eles fundam precedentes para subdivisões de organização, as “Convenções Estaduais”, com grande autonomia de trabalho, mas ligadas oficialmente à Convenção Geral.

A existência da CGADB indica a opção de governo dentro da AD, ou seja, ela se mostra organizada em uma realidade não episcopal, não havendo a existência de um bispo ou primaz, mas sim um pastor presidente que é responsável por congregações menores e, por conseguinte, recebe autoridade sobre elas política e financeiramente. Segundo Feston (1994, p.88), essa estrutura assembleiana, que o autor chama de “caciquismo” ou “caudilhismo”, ou seja uma política dominada por grandes pastores presidentes que não abrem mão da liderança

de seus ministérios, trouxe muitos problemas para a denominação, principalmente um cisma que até os dias de hoje não foi desfeito.

Com a obra missionária dos fundadores da AD, Gunar Vingren e Daniel Berg, a AD se expandiu pelo norte e nordeste do país, se tornando uma denominação evangélica importante. Mas o trabalho do pastor gaúcho filho de militares, Paulo Leivas Macalão, nos subúrbios da Central do Brasil, no Rio de Janeiro rendeu-lhe uma carreira de sucesso junto à AD. Seu trabalho se tornou visível, principalmente quando inaugurou congregações fora do Estado, a partir de 1937, em São Paulo e no Centro Oeste.

Macalão fazia parte da CGADB, já que na década de 1930, ela não significava um órgão alheio à vida das comunidades no Brasil, pelo contrário, ela representava a oficialidade do movimento. Foi essa convenção que estipulou a “Harpa Cristã”, livro oficial das Assembléias de Deus (com participação ativa de Macalão) e os estatutos e costumes oficiais e ortodoxos da denominação nos seus encontros anuais (DANIEL, 2004). Até que o movimento de expansão de ministérios fora de seus estados originais, iniciado por Macalão, passasse a ser um motivo de impasse desde a década de 1950.

Não teremos outro órgão legítimo e oficial nacional das Assembléias de Deus que não a CGADB até o ano de 1989, quando o Ministério de Madureira, após a morte de Macalão, em 1982 rompe oficialmente com a convenção fundando a CONAMAD – Convenção Nacional das Assembléias de Deus de Madureira, que hoje representa um terço dos fiéis da AD no país como aponta Freston, (1994, p. 91):

Cresceram acusações de “invasão de campo” e desrespeito às normas da Convenção Geral, culminando com a exclusão de Madureira em setembro de 1989. Com isso a Convenção Geral deixou de representar, talvez, um terço da AD no Brasil. Agora, livre de constrangimentos, Madureira tem expandido a todos os Estados, extrapolando a faixa do Centro-Sul que é sua base histórica.

Com a saída de Madureira e, talvez mesmo antes, graças ao avanço do pentecostalismo autônomo, a CGADB não representa de fato a ortodoxia assembleiana, pois não possui o controle de todas as congregações de nome Assembléia de Deus, apenas daquelas as quais o pastor se filia à convenção. Na sua postura ela continua tentando apresentar um ar de real mantenedora da ortodoxia¹⁰ assembleiana.

Freston (1994, p.87) resume bem:

¹⁰ Visitando o site da CGADB, podemos ver os costumes e doutrinas apresentadas pelo editoria se referem às Assembléias de Deus, não aos grupos filiados apenas. Disponível em < www.cgadb.com.br >. Visitado em 14/12/2007.

A CGDB, órgão máximo de denominação, na realidade é um centro fraco. Há 47 convenções estaduais e ministérios filiados (muitos têm mais de uma convenção, devido a desentendimentos históricos). A Convenção Geral não tem poderes para demitir ou nomear pastores, nem qualquer poder legal sobre as convenções estaduais. Isso a deixa exposta financeiramente.

3 – CONHECENDO A IGREJA ASSEMBLÉIA DE DEUS DA FAMÍLIA

Para que possamos entender as dinâmicas da ADF, será necessário um mergulho minucioso na sua organização interna. Como pontos principais, a sua estrutura física e a participação de fiéis é o primeiro passo, além da apresentação de suas relações hierárquicas.

Acerca dos participantes da igreja, existem duas formas de participação, uma fixa – que compõe a membresia – e outra flutuante, sendo que a primeira toma parte ativa da vida da igreja e, a segunda se movimenta principalmente pelas campanhas milagrosas anunciadas pelo púlpito.¹¹ O número de pessoas chega a trezentos membros por culto, em média, mais da metade composta por mulheres. As lideranças são divididas entre os gêneros de forma quase igualitária – há duas pastoras e uma missionária – ainda que a liderança masculina se destaque mais que a feminina.¹²

Assim como é referido nos cultos, o “*Templo da Família*” possui hoje cerca de oito filiais, sendo uma delas em Nova Iguaçu e outras menores nos municípios de Duque de Caxias e São João de Meriti. Essas últimas são consideradas pontos de pregação, enquanto a ADF em Nova Iguaçu, liderada pela pastora Leidifânia, esposa do pastor Edinaldo, é tida como uma filial. Todas elas, segundo o pastor, em sua última entrevista, são dependentes da *Catedral*, que é a sede em Jardim Metrópole, onde Edinaldo exerce seus trabalhos. Os pontos de pregação e a filial enviam sua renda para a Catedral e dela recebe o pessoal para exercer o serviço religioso.

A ADF foi fundada na periferia de Duque de Caxias, no bairro conhecido como Olavo Bilac. Seus serviços se iniciaram ainda na casa do pastor Edinaldo, onde um grupo pequeno de pessoas freqüentava os cultos. Dentre esses membros remanescentes, todos ocupam, hoje, cargos de obreiros – diáconos e diaconisas, presbíteros, missionárias, evangelistas, pastores e pastora – auxiliando na organização dos cultos. Um dos fundadores, Reginaldo Lira, meu irmão, “levantado” como presbítero na ADF, que há cerca de quatro anos tinha migrado para a Igreja Pentecostal de Nova Vida igreja, retornou há cerca de três meses para a ADF, conservando seu cargo.

¹¹ As questões relativas à membresia serão mais bem abordadas adiante, tendo como base, principalmente, as informações obtidas em questionário.

¹² Excetuando a pastora Lucinete, que trabalha na igreja sede, existem outras mulheres membros com título hierárquico, como por exemplo, a *missionária* Vânia, mas elas se ocupam essencialmente das questões de infra-estrutura – cantina, coral de mulheres – ou do ensino na Escola Dominical. A liderança no altar é exercida por homens, novamente, com exceção da pastora Lucinete. Existem 6 pastores homens, dentre eles, o presidente.

Depois de sua fundação, em Duque de Caxias, a igreja se mudou para um galpão alugado, antes ocupado pela igreja “Ministério Pão da Vida”, situado no bairro de Jardim Metrópole, em São João de Meriti, onde permanece até hoje. A mudança não foi muito grande, já que os bairros de Olavo Bilac e Jardim Metrópole são vizinhos, representando uma caminhada de dez minutos entre os dois, onde os municípios de Duque de Caxias e São João de Meriti fazem divisa.

Com a mudança, foi possível realizar cultos para um número maior de participantes, pois no novo templo há espaço para cerca de trezentas pessoas e, com as constantes obras de aumento de espaço físico interno – aloca o de cadeiras logo acima dos banheiros; mudança da mesa de som do altar para a parte de cima da sala pastoral, ocorridas durante minha estadia como observador – trezentos e cinquenta pessoas podem assistir aos cultos sem aperto (o que quase sempre acontece aos domingos e durante os cultos de liberta o).

Os serviços semanais da Catedral são os seguintes:

Tabela 03: Horários de Cultos

Segundas-Feiras: Culto da vitória – 19:30
Terças-Feiras: Círculo de Ora�o – 15:00
Quartas-Feiras: Culto de Liberta�o – 19:00
Sextas-Feiras: Avivamento e Família – 19:30
Sábados: Círculos de Ora�o Infantil – 15:00
Domingos: - Escola Bíblica Dominical – 9:00
- Culto matinal – 11:00
- Culto de Avivamento – 19:00

  importante frisar que esse calendário   muito flexível. Um exemplo dessa flexibilidade pode ser dado quanto   Escola Dominical, que, até outubro de 2006, ocupava toda a manhã de domingo, inexistindo assim o culto matinal, logo em seguida modificando o calendário, dividiu-se o tempo da Escola Dominical com um novo culto matutino. Os serviços podem mudar rapidamente dentro da ADF, essencialmente quando da necessidade de uma maior participa o dos membros. Para que haja uma maior participa o, criam-se novos dias de culto, novos horários e nomes, assim como campanhas especiais e se oes solenes com fins específicos, como para os empresários e donas de casa.¹³ Esses serviços têm obediência   dinâmica da *Radio C eu FM*, uma rádio arrendada pela igreja para a difusão de seus cultos e programa o evangélica como músicas e prega oes. Muitos cultos são claramente

¹³ Em conversa informal com um ex-membro, antes de seu retorno   ADF, ele afirmou que o pastor inventa campanhas para que se possa ter uma maior participa o de fiéis e, assim uma maior rentabilidade nos cultos.

direcionados para a radiodifusão, onde o pastor ao falar no púlpito, além de se referir aos presentes, usualmente fala “você que estão em casa ouvindo a rádio...”.

3.1 - UMA IGREJA PERSONALIZADA

Já que a Assembléia de Deus possui forte carisma institucional no campo evangélico, por ser a maior denominação pentecostal no país, a posse de seu nome pode trazer a certeza de uma membresia média, não importando o tamanho inicial da construção física do templo, já que, ao observarmos suas congregações na Baixada Fluminense, certamente veremos igrejas cheias. Mesmo em congregações onde o nome “Assembléia de Deus” possua a doutrina oficial da denominação – ou mesmo não se vinculando às diferentes Convenções existentes¹⁴ – é possível constatar um número grande de membros em seus interiores. Esse é o caso da Igreja Assembléia de Deus da Família.

As diferenças entre a ADF e as Assembléias de Deus (AD) ligadas às convenções são facilmente reconhecíveis. Ainda que a AD seja uma instituição onde o cargo de pastor – e o próprio nome da igreja – seja a representação forte do carisma, é possível ver nesse estudo de caso a formação de uma liderança que subordina a autoridade formal da instituição à pessoa do líder, modificando os canais racionalizados de legitimação e manutenção do poder e da hierarquia dentro do templo – o que queremos dizer com “carisma *versus* instituição” no título do trabalho a isso se refere: o pastor carismático utiliza o carisma institucional proporcionado pelo nome da igreja e sobrepõe sobre esse o carisma individual. Isso só é possível graças à formação autônoma da ADF, garantindo liberdade de ação para seu pastor que, mesmo erguendo o nome “*Assembléia de Deus*”, não comunga com todos os preceitos da denominação.

Normalmente, numa comunidade evangélica da AD, teríamos uma divisão de poder composta por um conselho de ministros, que definiria diversos campos da congregação:

¹⁴ As Assembléias de Deus, desde a década de 1930, se organiza em Convenções. Ao longo de sua história, a principal convenção, a CGADB – Convenção Geral das Assembléias de Deus no Brasil, criada pelos seus fundadores no país, em 1930 – era o órgão único de coesão da instituição. A partir da década de 1980, um racha entre os representantes da AD de Madureira criou precedentes para a formação de diversas convenções, de caráter tanto estadual como nacional, como a Convenção Nacional de Ministros da AD de Madureira (CONAMAD). Hoje, uma das mais influentes, que compete com a CGADB. Cf. DANIEL, Silas. *História da Convenção Geral das Assembléias de Deus no Brasil*. CPAD. 2004. Ver também o site da CGADB, disponível em <www.cgadb.com.br>, visitado em 22/04,2008.

financeiro, social, deliberativo (FREESTON, 1994, p.67-159)¹⁵. Na ADF do pastor Edinaldo Silva, vemos a atuação de um líder carismático, possuidor de dons especiais dados pelo Espírito Santo – consegue ver os anjos que entram na igreja; transmite a sua unção passando o seu terno por sobre os fiéis; etc. – que se coloca como autoridade incontestada da vida da igreja. Isso nos leva a revisitar as teses weberianas de dominação e liderança carismática. Quando surgem outros membros com talento para liderança, ou esses membros abandonam o templo para, talvez, se filiarem a outra denominação ou se subordinam ao mando do pastor.¹⁶

Dessa forma, graças a sua atuação na liderança de sua igreja, o pastor Edinaldo Silva é o foco principal do trabalho. É no líder da congregação que poderemos basear o centro do estudo. Durante o tempo da pesquisa pude seguir de perto a trajetória desse líder carismático que, enquanto utiliza seu próprio carisma pessoal, tem um intenso controle sobre a sua congregação, fazendo com que seu templo, parte da denominação pentecostal mais tradicional do Brasil, assumam uma postura totalmente personalizada.

Ele consegue, de forma notável, manter o controle total de sua igreja – controla tanto os bens materiais como os espirituais – sem dividir o carisma com o corpo de seu ministério, não sofrendo por isso nenhuma forma de represália por parte dos membros, muito pelo contrário. Teríamos assim a figura personalizada desse pastor como legitimador de carismas dentro da comunidade estudada, sendo ele a última instância de legalidade e reconhecimento carismáticos válida. As manifestações carismáticas apresentadas pela membresia – línguas estranhas, profecias, gesticulações de êxtase – se tornam componentes de segundo plano diante do carisma central do pastor. Ele espalha sua voz na venda de CDs feitos pela própria igreja, de seus cultos e mensagens, e não nega que tem na Universal do Reino de Deus um exemplo de atuação carismática.

A *sua* igreja – sendo que a afirmação de posse é utilizada pelo próprio pastor – tem o poder de se adaptar semanalmente às demandas necessárias da sociedade que a cerca sem deixar de mão a identidade necessária da sua denominação, usando suas próprias palavras: “Nós acompanhamos os tempos modernos”¹⁷. O fator da mídia rádio-difundida também faz parte da identidade dos cultos, esses são feitos com intenção explícita de serem transmitidos,

¹⁵ Quanto à forma administrativa das Assembléias de Deus, basta visitar o estatuto da CGADB, no site disponível em <http://advi.com.br/cgadb/index.php?option=com_content&task=view&id=34&Itemid=28> Visitado em 10/01,2008.

¹⁶ Um caso foi observado durante o trabalho de campo. Um evangelista, último cargo antes do título de pastor, Márcio Pelicionni, se afastou da igreja. Ele estava se mostrando uma presença quase tão grande quanto a do pastor principal da ADF.

¹⁷ Entrevista concedida ao repórter Luiz Fernando Viana da Folha de São Paulo no dia 29 de abril de 2007 para um caderno especial sobre a situação da religião no Brasil, o crescimento evangélico e o declínio do número de católicos no país aproveitando a vinda do Papa Bento XVI ao Brasil.

portanto o pastor não dialoga apenas com os fiéis presentes, mas com todo um público esperado de ouvintes.

A presença do pastor e seu carisma conseguiram desviar a igreja dos costumes tradicionais das AD de tal maneira que ele se designou, nos últimos meses, “reverendo”, nome que aparece estampado nos CDs vendidos por R\$ 2,00 nos cultos. Junto ao novo título, estampa na entrada de seu templo o nome “*Catedral*” da Assembléia de Deus da Família, assumindo uma vertente episcopal totalmente estranha á AD. (FRESTON, 1994, p. 25-28).

Em entrevista à Folha de São Paulo, em maio de 2007,¹⁸ o pastor chega a afirmar: “Eu achava que a Assembléia de Deus era muito rígida, resolvi fazer uma igreja mais light”. Nessa mesma entrevista, o pastor confirma que sua didática é muito próxima à da Igreja Universal no que tange à cura e libertação efetuadas no templo.

Podemos entender essas diferenças da ADF em relação à AD, levando em consideração a definição de Paul Freston sobre as três ondas de introdução pentecostal no Brasil (FRESTON, 1994). As ondas, ocorridas nas décadas de 1910, 1950 e 1970 influenciariam, paulatinamente, o campo evangélico no país. A primeira onda, que inaugura a chegada do pentecostalismo ao Brasil, é representada pela AD e a Congregação Cristã no Brasil, com grande ênfase na glossolalia. Quando da segunda onda pentecostal, iniciada pelos missionários da Quadrangular, uma nova tendência pentecostal – a cura – passaria a ser a ordem do dia, ainda que de forma mais atenuada, nas demais igrejas pentecostais. A chegada das igrejas midiáticas iniciando uma terceira onda teria o exorcismo de demônios como ênfase doutrinária. Ela viria influenciar - assim como as duas ondas fizeram - as igrejas evangélicas com suas práticas, alcançando até mesmo as denominações pentecostais mais clássicas.

Não é possível ficar alheio às mudanças ocorridas na arena religiosa pentecostal, pois podemos ver programas da Assembléia de Deus na televisão¹⁹ com um forte apelo à teologia da prosperidade, fator principal da onda neopentecostal. As Assembléias de Deus com sobrenome (“Assembléia de Deus Central”, “Assembléia de Deus Primitiva”, “Assembléia de Deus da Família”, etc.), ainda que reconhecidas entre seus fiéis como parte de uma mesma congregação, seriam, a meu ver – o que também será observado nesta dissertação – o ponto mais sensível da intercessão entre as igrejas pentecostais surgidas em diversos momentos históricos.

¹⁸ *Ibidem*.

¹⁹ O programa “Movimento Pentecostal” é apresentado pelo presidente da CGADB, pastor José Wellington, transmitido pela “Rede TV!” e na “Rede Boas Novas” nas manhãs de sábado às 10h e aos domingos às 17h.

3.1.1 - “O TEMPLO DA FAMÍLIA” E SUA ORGANIZAÇÃO

A participação do corpo de obreiros nos cultos se limita à organização do espaço físico, à organização do culto na ausência do pastor, e trabalhos menores nos pontos de pregação. Quanto à segunda propriedade, ela não se mostra hegemônica, ou seja, não temos cultos unicamente dirigidos por obreiros, mas esses apenas os iniciam, enquanto o pastor Edinaldo ainda se encontra na sua sala. É como se os obreiros “aquecessem” os fiéis, cantando canções de louvores e propondo manifestações para preparar o culto para o pastor. Essa preparação pode durar até meia hora ou mais, como nos casos dos domingos (houve domingos em que um pastor auxiliar e um presbítero alternaram suas falas por cerca de uma hora, ou seja, iniciaram pelas dezenove horas o “aquecimento” e só terminaram às vinte horas. Ainda assim, o culto foi até quase às onze da noite, dirigido pelo pastor Edinaldo).

Ainda quanto ao trabalho dos obreiros, quando dos cultos, eles se posicionam em três possíveis pontos: na porta de igreja, onde dão as boas-vindas aos fiéis; nas paredes laterais do templo, onde podem exercer qualquer papel, desde ajudar na venda de CDs até segurar pessoas “endemoninhadas” e ladear o pastor na plataforma do altar onde se encontra o púlpito. Essa última função se mostrou muito variável, pois ela responde diretamente à configuração física do altar. Esse lugar foi onde mais houve mudanças estruturais no período de observação, sendo que, em algumas vezes, não havia mais cadeiras para ministros. O material dos CDs são essencialmente cultos gravados ou mesmo pregações do pastor Edinaldo abordando temas como “fé”, “libertação”, “prosperidade”, etc.

O espaço físico, incluindo o altar, mudou bastante no período observado. Desde junho de 2006 até dezembro de 2007, houve mais de cinco modificações na configuração física do templo. Ainda que se trate de um galpão alugado, essas mudanças foram significativas, ampliando o espaço de participação. Essa prática de aperfeiçoamento e constante mudança nos remetem ao artigo de Clara Mafra: “O templo pentecostal está ligado a uma prática iconoclasta em relação à tradição protestante clássica, e, por isto mesmo, ganhou sua própria forma de expressão e estabilidade.” (MAFRA, 2005, p.1)

Esse mudar constante nos remete ao próprio *ethos* pentecostal, que tem o dinamismo como centro importante de sua identidade (ALMEIDA, 2006, p.117). Assim, podemos ver refletido nas mudanças constantes e ininterruptas uma expressão da realidade pentecostal, que se afirma reformando o que é antigo, mesmo que esse antigo não seja tão velho.

Mudanças consideráveis tiveram lugar no altar. Inicialmente, o altar era composto por uma plataforma de madeira, coberta com carpete vermelho, com um espaço de cerca de oito metros de comprimento por três de largura. Sobre a plataforma, oito a dez cadeiras de espaldar alto se ladeavam, sendo que, no meio delas, uma de espaldar mais alto e com apoio para os braços, se reservava ao pastor. Seu púlpito ficava logo à frente à essa cadeira. Uma bateria e uma pequena mesa de som, seguidos de uma guitarra e contrabaixo se concentrava à direita do templo, também sobre a plataforma. No canto direito, uma porta levando à sala de estudos infantis. Na parede de fundo, um símbolo de um globo vazado ladeado por dois ramos de trigo, baseado sobre uma bíblia com as seguintes iniciais IEAD (Igreja Evangélica Assembléia de Deus) e, sobrepondo o conjunto, uma tocha e uma pomba sobre ela. Por fim, na parede, a palavra JESUS, em letras de isopor, cobertas por papel laminado dourado (foto 1).



Foto 1: notar as letras IEAD no centro da bíblia.

Essa configuração mudou: uma pia batismal (uma piscina de fibra de cerca de 1,5m x 1,5m de largura) foi encravada na parede do altar, na forma de um nicho. Essa mudança acompanhou a troca da plataforma de madeira para piso cerâmico. As cadeiras que ladeavam o pastor são retiradas, a presença do ministério é temporariamente excluída do altar. A banda ainda continua. Numa outra configuração, a banda permanece junto ao altar, mas o controle de som é colocado sobre as salas da entrada.

Uma última mudança – até a minha saída do campo – no altar: foram retiradas a pia batismal e as letras em isopor, em seu lugar, uma espécie de “mural de ex-votos”: grandes murais de fotografias de fiéis para agradecimento de bênçãos recebidas. (fotos 2 e 3)



Foto 2: Vista dos murais de fotos no altar.



Foto 3: Detalhe do mural central.

Um outro ponto a ser mencionado é dos símbolos que ligam a ADF à AD. No início do meu trabalho na congregação, era utilizada a simbologia de uma pomba sobre a Bíblia, (foto 1), as letras IEAD, são uma conotação clara da pertença da ADF aos modelos da AD oficial - ligada à Convenção Geral - mas, com o tempo, essas letras são reorganizadas no símbolo na parede, de IEAD, teremos IADF – Igreja Assembléia de Deus da Família. Que será o logo oficial da igreja em todos os seus produtos – CDs, DVDs, adesivos para carro, etc. como vemos nas seguintes fotos:



Foto 2: DVD do 7º Congresso da Juventude, 18/07/2006. O símbolo ainda possui As letras IEAD.

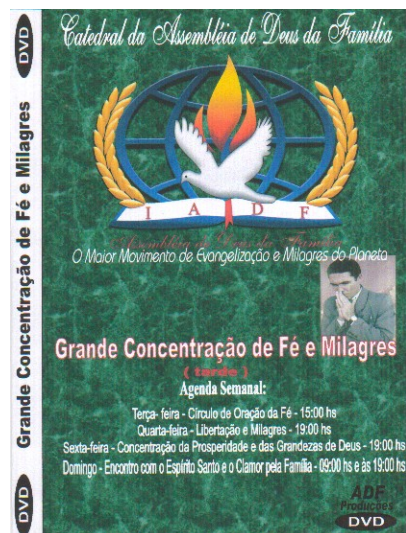


Foto 3: DVD vendido no ano de 2007. As letras mudam para IADF.

Simbolicamente teremos uma aproximação inicial da ADF com a AD, começando com a sua fachada. Há algum tempo, a CGADB, convenção representante da ortodoxia assembleiana, mudou seu símbolo, de uma chama com ramos de trigo para as letras “A” em

forma de peixe e “D” em forma de chama (foto 4).²⁰ Observando a fachada antiga da ADF, podemos ver que, pintado sobre a parede teremos o novo símbolo da AD, com as letras inseridas num coração, logo depois substituído pela nova fachada de PVC com o novo nome e símbolo (de “Igreja Assembléia de Deus da Família” para “**Catedral** da Assembléia de Deus da Família”). (Foto 5)



Foto 4: Detalhe da antiga fachada.



Foto 5: Novo logo oficial da AD / CGADB.



Foto 5: fachada atual da “catedral” da ADF.

²⁰ Citando o Estatuto da CGADB de 19 abril de 2006: “Art. 78 - A Convenção Geral será representada pela bandeira oficial das Assembléias de Deus no Brasil que é um símbolo da denominação com as seguintes características: fundo branco em forma de círculo simbolizando a pureza; ao centro a letra “A” em forma de peixe; a letra “D” em forma de chama, simbolizando o fogo pentecostal. Parágrafo único - As letras formam um ramo, indicando crescimento, sendo entrelaçadas, representando a Assembléia dos santos.”.

As mudanças de logo e símbolo estão em consonância com a mudança Do pronome dado ao do pastor Edinaldo na comunicação escrita da igreja. Ainda que seja tratado na congregação como *pastor*, o material comercializado com sua pregação o aponta como “*reverendo*” Edinaldo (fotos 6 e 7) nome de tratamento não utilizado na igreja durante os cultos.

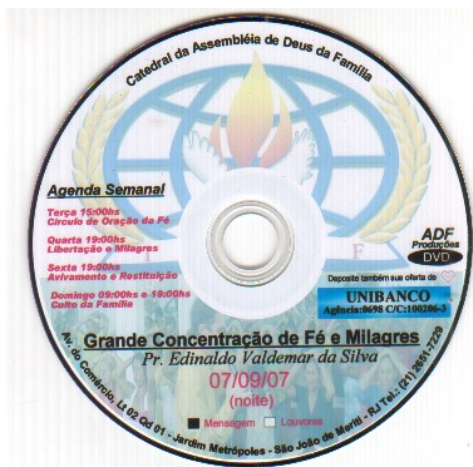


Foto 6: DVD como “Pastor”



Foto 7: CD como “Reverendo”

3.1.2 - MEMBRESIA

Como já apontei, a participação de pessoas na ADF não é resumida apenas aos seus membros, mas também a consumidores de bênçãos, ouvintes da *Rádio Céu* e convidados. Esse corpo de presentes, que tem sua maior expressão nos dias de quarta-feira (culto de libertação) e nos domingos (cultos matutinos, voltados também a bênçãos especiais e os cultos solenes, noturnos). Nesses dias podemos ver um número expressivo de pessoas nos bancos, muitas delas com mini-saias, e roupas pouco freqüentes em cultos tradicionais.

A movimentação de consumidores de bênçãos e graças, além dos que visitam a igreja em busca de libertação de demônios segue, em parte a regra da volatilidade do culto pentecostal em criar laços efetivos com sua audiência, oferecendo o que Almeida (2006, p.116) chamaria de “pentecostalismo de serviços”. O público móvel, que consiste a maior parte dos presentes pode ser observado facilmente, os rostos mudam a cada semana, ainda que alguns permaneçam, mesmo que poucos.

O questionário que distribuí na igreja foi um dos instrumentos que me auxiliaram, junto à observação, a perceber a flutuação do público semanal no campo . A folha foi entregue por mim, com ajuda dos ministros, com permissão do pastor Edinaldo. Elas deveriam ser levadas para casa e lá respondidas, sendo entregues na semana seguinte para mim ou para os dignitários. Eu pude constatar que o baixo número de folhas devolvidas – 267 foram entregues numa noite de domingo, sendo 45 devolvidas – se deu por dois motivos: o primeiro por uma desconfiança sutil, esboçada principalmente pela pastora Lucinete, responsável pela organização das mulheres e por alguns membros mais conservadores. A pastora não me entregou as folhas que as fiéis lhe entregaram, dizendo que eu demorei para pedir e ela jogou-as fora. O segundo motivo foi, certamente, o não comparecimento do fiel na semana seguinte para entregar a folha.

Dos 45 questionários retornados, temos alguns números relativos à participação, pertença e freqüência semanal, ainda que represente um percentual representativo reduzido de universo. As questões eram todas de caráter objetivo, sendo que algumas delas abriam espaço para uma opinião pessoal.

Com as questões propostas no questionário, tentei traçar um perfil do participante da ADF. Nessa busca por um perfil, várias questões teriam de ser respondidas: os fatores que levaram a pessoa à igreja; seu passado religioso e sua vivência pentecostal. Esses pontos me deixariam a par de quem são as pessoas que freqüentam os cultos e como poderia ser dividida uma membresia fixa de um grupo de consumidores de bens religiosos. Outros pontos foram importantes, como a relação entre o ato de participar e o de se comprometer com a igreja, assumindo ou não – ou mesmo desejando ou não assumir – postos de importância no corpo da igreja, como ser parte de comissões e/ou do ministério.

Num segundo momento, as questões se propunham a apontar como os participantes viam o pastor Edinaldo e como a sua pregação via rádio influenciava nas suas vidas.

3.2 - DADOS DO QUESTIONÁRIO SOBRE PARTICIPAÇÃO E COMPROMISSO

Já que a igreja possui um grande número de mulheres, de longe mais expressivo que o de homens, decidi abordar as questões onde os resultados são sempre divididos entre homens e mulheres. Observei assim as diferenças quanto à liderança e à participação ativa de ambos.

Seria possível, então, observarmos um possível comportamento envolvendo a pertença de membros com diferença entre homens e mulheres. Essa comparação também se deu frente à ausência de um ministério feminino visível, ainda que, segundo as respostas, não inexistente. Seguem, abaixo, apontamentos sobre a participação dos fiéis representados pelo questionário.

Sexo:

Masculino: 12

Feminino: 33

Total: 45

Idade

Homens: Entre 15 e 20 anos: 1

Entre 21 e 30 anos: 2

Entre 31 e 40 anos: 3

Entre 41 e 50 anos: 4

Não declarada: 2

Mulheres: Abaixo de 15 anos: 2

Entre 15 e 20 anos: 5

Entre 21 e 30 anos: 5

Entre 31 e 40 anos: 10

Entre 41 e 50 anos: 3

Entre 51 e 60 anos: 7

Não declarada: 1

Você é membro da Assembléia de Deus há quanto tempo?

Homens: Menos de um ano: 8

Até três anos: 4

Mulheres: Menos de um ano: 19

Até três anos: 8

Até cinco anos: 2

Há mais de seis anos: 4*

* Na classe “Há mais de seis anos”, consta uma entrevistada de 14 anos de idade.

Você participava de alguma outra denominação antes de ser membro da Assembléia de Deus da Família?

Homens: Sim: 6

Não: 6

Mulheres: Sim: 20

Não: 13

Entre os homens temos um empate, sendo que as respostas afirmativas aparecem todas nos que responderam participar há menos de um ano. Nas respostas negativas, cerca de 60% participam há até três anos (4), e o restante (2) há menos de um ano.

Entre as mulheres, a mudança de templo ocorre majoritariamente entre as fiéis com menos de um ano de participação na ADF (14), seguidas pelas que participam há até três anos (3) e mais de seis (2); os número quase se igualam entre si quando a resposta é “não”: Menos de um ano (4); Até três anos (5); Até cinco anos (2) e Há mais de seis anos (2).

Dentre as denominações que precederam a ADF temos as seguintes: Pentecostal de Nova Aliança; Universal (4); Igreja Carismática Santuário de Deus (2); Tabernáculo Batista; Assembléia de Deus Jeová Nissé (sic.) (2); Igreja Batista Nova Filadélfia; Assembléia de Deus de Itatiaia “(Pastor Marcelo)” e Igreja Batista central em Olavo Bilac [num mesmo questionário, menos de um ano na ADF]; Assembléia de Deus [apontada como “outra” ou não

especificada] (3); deus é Amor e Batista [num mesmo questionário; menos de um ano de participação na ADF]; Igreja Pentecostal Evangélica Ebenézer; Igreja Batista (3); Pentecostal Nova; Católica; Igreja Congregacional. Três questionários não apontam a igreja de origem.

Quanto ao largo trânsito entre essas diversas denominações podemos citar Ronaldo de Almeida (2006, p.117), que afirma:

[...] Vale a pena destacar a circulação no interior do próprio segmento evangélico como uma variação religiosa sem perda de identidade e sem compromisso com uma unidade fixa. Uma experiência bastante individualizada e parcialmente comunitária. Tudo isto abre possibilidade ao indivíduo para compor ele mesmo seu padrão religioso evangélico pentecostal com mais ou menos música, mais ou menos corporalidade, mais ou menos doutrina, mais ou menos moral, mais ou menos teologia, em suma, ele mesmo pode realizar a 'calibragem' da sua religiosidade e do seu vínculo com o grupo específico.

Almeida (2006) aponta que esse trânsito entre denominações evangélicas – mesmo que alguns dos fieis da ADF viessem da igreja católica – é parte da proposta pentecostal que se volta ao indivíduo como célula principal, e completa: “O indivíduo está ganhando margem maior de formulação do seu próprio cardápio religioso”. (ALMEIDA, 2006, p.117). Mas, em conversa informal com a filha do maestro, que participa na ADF com o pai e a mãe, soube que eles eram membros de outra Assembléia de Deus, mas que, quando seus pais mudaram, seguiu seus pais para a nova denominação.

Você é membro efetivo da Assembléia de Deus da Família?

Homens: Membros cadastrados e batizados: 7

Membro, mas não batizado: 1

Passou a vir depois de ouvir a rádio: 4

Mulheres: Membros cadastrados e batizados: 19

Membro, mas não batizado: 3

Passou a vir depois de ouvir a rádio: 12

É caro o papel da radiodifusão na associação de novos membros à ADF. Mesmo que tenhamos um número significativo de participantes cadastrados e batizados.

A Assembléia de Deus da Família é a igreja mais perto de seu endereço?²¹

Homens: Sim: 7

Não: 5

Mulheres: Sim: 15

Não: 17

Sem resposta: 1

Dentre os sete homens que têm a ADF como a igreja Assembléia de Deus perto de sua casa, nenhum participa há mais de um ano sendo que cinco são egressos de outras denominações. Já no grupo que possui outra opção de Assembléia mais próxima de casa, apenas um participa a menos de um ano, sendo também o único que veio de outra denominação.

Dentre as mulheres que têm opções de igrejas mais próximas de suas residências (“não”) do que a ADF, mais da metade (10) freqüentam a igreja há menos de um ano, sendo que cinco delas o fazem a até três anos, uma por até cinco anos e uma outra há mais de seis anos. Já entre as que têm a ADF como a Assembléia de Deus mais próxima às suas casas, o quadro se modifica: temos onze que participam há menos de um ano; três fiéis até três anos e outras três por mais de seis anos.

Já no que se refere à mudança de religião, dentre as que têm opções mais perto de casa, quase que a metade (7) já trocou de igreja; sendo que apenas duas das que têm a ADF como opção mais próxima trocaram alguma vez de denominação.

²¹ Em relevância á discussão acerca das igrejas pentecostais e neopentecostais, suas particularidades e diferenças (MARIANO, 2005), nos referimos a ADF como “Assembléia de Deus” sem diferenciá-la de qualquer forma das outras formas de ADs para que não houvesse confusão no ato de responder o questionário. Assim, a ADF é colocada como uma AD entre muitas no andamento do questionário, ainda que para os entrevistados tal sutileza possa ter passado despercebida.

Quantas vezes você freqüenta o templo?

Homens Uma vez por semana: 2

Até três vezes por semana: 7

Mais de três vezes por semana: 3

Mulheres: Uma vez por semana: 5

Até três vezes por semana: 19

Mais de três vezes por semana: 8

Sem resposta: 1

Levando em consideração a assiduidade aos serviços da igreja, podemos ver que, em comparação com os números do total da amostra da pesquisa – 12 homens e 33 mulheres – o número de homens no templo por mais de três vezes por semana representa 25% do total masculino, enquanto no campo feminino, esse número chega a um pouco menos, 24%, apontando uma participação de longo prazo quase que idêntica entre os dois grupos. O que não podemos deixar de levar em consideração é que o número total de cada grupo é diferenciado – muito mais mulheres que homens relatados –, significando um número de mulheres muito maior do que o de homens freqüentando a ADF por mais de três vezes por semana.

Dentre os homens, o grupo dos que participam mais é composto por pessoas que estão há menos de um ano no templo, sendo que dois são egressos de outra igreja. Apenas esse último é batizado e cadastrado. Todos têm a ADF como a igreja Assembléia de Deus mais próximas de casa.

Entre as mulheres, a metade freqüenta o templo há menos de um ano, com apenas uma batizada e cadastrada; duas freqüentam até três anos, ambas cadastradas e batizadas; uma participa há até cinco anos, também membro batizada e cadastrada, assim como a última, que participa há mais de seis anos.

Mesmo que Almeida (2006) afirme que as igrejas neopentecostais apresentem um “dinamismo intenso”, subjugando o intuito das pentecostais mais tradicionais em formar laços mais fixos, e, também, que o indivíduo é o ponto crucial da proposta pentecostal, posso questioná-lo frente à presença de um corpo de fiéis regulares e longevos em participação na

ADF, que mesmo quando a congregação muda sua definição doutrinal²², continuam membros ativos. Temos também os fiéis que não freqüentam a ADF sozinhos, mas, pelo menos, trazem um familiar consigo. Ainda que não pudesse fazer dos dados do questionário como uma tiragem fiel do todo, por causa do número reduzido de material, posso afirmar, graças à minha participação nos cultos, que o corpo ministerial, assim como um número significativo de pessoas não engajadas em serviços na congregação é membro batizado e freqüente, ou parente de um. Podemos observar isso nas seguintes questões:

Quantas pessoas da sua família participam na igreja?

Homens: Só eu: 4

Eu e mais uma pessoa: 3

Eu e mais duas pessoas: 1

Eu e mais três pessoas: 2

Toda a minha família: 2

Mulheres: Só eu: 7

Eu e mais uma pessoa: 8

Eu e mais duas pessoas: 2

Eu e mais três pessoas: 8

Toda a minha família: 8

Você é membro do corpo de obreiros?

Homens: Não e nem pretendo ser: 3

Não, mas pretendo ser: 5

Sou: 4

Mulheres: Não e nem pretendo ser: 3

Não, mas pretendo ser: 21

Sou: 8

Não respondeu: 1

²² Nesse caso me refiro às constantes mudanças feitas pelo pastor, tanto na estrutura física como nas questões teológicas da igreja: aceitando ou negando certos dogmas, como a profecia, ora abraçado, ora negando a teologia da prosperidade, etc.

Dentre as mulheres que não aspiram participar do corpo de obreiros, duas passaram a vir depois de ouvir à rádio, há menos de um ano, uma delas egressa de outra denominação e batizada com o Espírito Santo. A terceira é membro há mais de cinco anos, ainda não batizada com o Espírito Santo, mas cadastrada e batizada nas águas. Entre os homens, dois participam há menos de um ano e o terceiro já participa por cerca de Três anos. Dois são membros, sendo que um deles não foi batizado nas águas; o terceiro passou a vir quando ouviu a rádio – onde conseguiu graça. Apenas um é batizado com o Espírito Santo (o que é membro cadastrado).

Quanto aos obreiros, as funções são as seguintes: pastor e Auxiliar de trabalhos entre os homens; Diaconisa (4); obreira auxiliar; professora.

Você faz parte de alguma comissão na igreja?

Homens: Não e nem pretendo fazer parte: 1

Não, mas pretendo fazer parte: 3

Sim: 7

Não respondeu: 1

Mulheres: Não e nem pretendo fazer parte: 3

Não, mas pretendo fazer parte: 11

Sim: 18

Não respondeu: 1

Quanto ao grau de comprometimento com os trabalhos da igreja, podemos fazer uma ligação entre a última pergunta com a corrente, comparando quem ocupa cargas duplas na igreja – membro do corpo de obreiros e de uma comissão: Membros com dupla pertença: 9 mulheres e 3 homens.

Dentre as comissões, temos as seguintes: Grupo dos homens “Heróis da Fé” (5); Jovens; Coral dos homens; Campanha evangelizadora. Entre as mulheres: comissão das mulheres “Intercessoras da Última Hora” (10); Juventude (4); Comissão de enfermos; Comissão das Crianças (coordenação); Coral; Círculo de Oração (2); Coreografia (dança profética).

Dentre quarenta e cinco pessoas, trinta e oito são membros do corpo de obreiros ou pretendem sê-lo. Isso certamente reflete uma vontade *individual* de participação e pertencimento ao corpo de membros, mas, também, a possibilidade de participar de um corpo possivelmente privilegiado dentro da congregação, mais perto da instância tomadora de decisões e irradiadora do carisma.

4- O PASTOR EDINALDO SILVA E SEU DISCURSO AUTOBIOGRÁFICO²³

O líder da ADF é uma pessoa muito interessante. Desde o primeiro dia como observador dos cultos, eu pude observar todo o seu “dom” para a liderança e a aceitação que essa dádiva estimula. Ele, quando em conversas particulares, apresenta uma inteligência apurada e um profundo senso crítico – e auto-crítico – mesmo que seja uma forma de construir sua imagem através da conversação, o que não o tornaria menos inteligente. Sua trajetória é realmente marcante, pois conseguiu superar uma vida difícil no interior de Pernambuco, passando a frequentar lugares destinados a autoridades. Sua trajetória como pastor, abaixo trabalhada, em nenhum momento procura tratá-lo como um charlatão ou qualquer outro adjetivo que mostre um juízo de valor, apenas aponta como o seu carisma pessoal – e o conhecimento da posse de tal carisma – faz dele um líder incontestado dentro de sua igreja. Deixo desde já, marcada, a gratidão pelo acesso a mim concedido em sua instituição, sem que fosse necessário qualquer mostra do material por mim produzido.

4.1 - A TRAJETÓRIA

O pastor Edinaldo foi entrevistado por mim duas vezes, uma vez em 16 de agosto de 2006 e uma segunda, no dia 04 de janeiro de 2008, além de uma terceira, concedida ao jornalista da Folha de São Paulo, situada entre aquelas duas datas, em maio de 2007. O que pude observar, não apenas nessas entrevistas, mas também na postura e discurso do líder da ADF, durante cultos ou fora do púlpito, era a falta de um discurso uniforme.

O discurso do pastor Edinaldo é quase tão fluido como a sua denominação. Sua biografia, assim como os costumes adotados pela congregação e os “sim” e “não”, são decididos dentro de uma lógica particular, que perpassa sempre a pessoa do pastor.

Já de início, pude notar que o líder construiu uma biografia para si mesmo, constando dentro dela uma interpretação particular de tempo, onde certos fatos não fariam sentido numa

²³ Os diálogos, que serão apresentados em foras de excertos, se referem a duas entrevistas concedidas pelo Pastor Edinaldo Silva, a primeira em 16 de agosto de 2006 e, a segunda, em 04 de janeiro de 2008. Por considerar ambas as entrevistas partes de um só diálogo, que se distancia pelo tempo, mas que se trata de uma continuação da trajetória do pastor, decidi não mencionar as datas cada vez que cito partes de diálogos. Para que o sentido de cada uma seja melhor entendido pelo leitor, achei de bom tom apresentá-las na íntegra nos apêndices, no fim do trabalho.

linha temporal comum. Em outras palavras, a vida do pastor Edinaldo Silva não obedece uma linha temporal concreta. Pude ver que os fatos que compõem sua vida, ou sua vida/discurso, não correspondem à sua idade, ele fez mais coisas do que a sua idade permitiria ser possível.

O que me faz afirmar isso é o fato de o pastor ser um ano mais velho que eu. Ele distribui sua biografia – esticando períodos – que não poderiam ter acontecido a um homem da sua idade. Se levarmos em consideração que sua chegada no Rio de Janeiro, quando abre a ADF, foi em 1999, ano em que se enraíza na Baixada, ou seja, o fim de sua trajetória prévia, que tinha se iniciado em 1989-90, com sua adesão à Assembléia de Deus, temos dez anos de caminhada pastoral. Não seria possível que o pastor fosse ordenado aos quinze anos, assim, podemos descartar que seu pastorado tenha iniciado antes de 1990. Nesses dez anos, segundo o próprio pastor, muito ocorreu, tanto na sua vida social como religiosa.

Edinaldo Valdemar da Silva nasceu no município de Timbaúba, na Zona da mata de Pernambuco, filho de uma família extensa de onze irmãos, dona de um pequeno pedaço de terra e sem educação formal. Aos onze anos consegue um emprego em um restaurante como lavador de pratos, emprego que vai levá-lo ao mundo político por indicação de um deputado estadual. Segundo relata:

Eu aprendi a tocar violão aí cheguei no restaurante e, você sabe, nordestino apaixonado por Amado Batista, um goiano muito idolatrado lá em Recife, aí tinha uns amigos nossos lá... Reginaldo Rossi ia muito lá pra cidade, aquela coisa toda, aí num comércio o Reginaldo cantou e eu fiz uma 'palhinha' também e então no restaurante eu comecei a cantar e tocar no restaurante, tocava junto com os meninos. Conclusão: o deputado [Gilson Luis] chegou pra mim e disse "qual é o seu maior sonho?" eu falei: "doutor Gilson, o meu fascínio chama-se jornalismo. A minha vontade hoje, o meu sonho hoje é jornalismo". Então ele disse pra mim: "Eu posso lhe dar uma oportunidade. Você vai abrir a rádio, vai trabalhar de graça pra mim de madrugada.

Certamente, Edinaldo não mais estava com onze anos. Podemos traçar aqui um paralelo, entre a sua chegada no restaurante – 1985 – e sua conversão à AD – 1989. Nesse período de oito anos, Edinaldo entra no restaurante, passa a trabalhar numa rádio e, em seguida, aceita o emprego de funcionário fantasma em um gabinete político aos dezesseis anos (1990):

Eu era um fantasma! Um funcionário fantasma da prefeitura, lá no fim do mundo, aquela coisa, né? Ganhar dinheiro [?] com o paletó lá... muito jovem, inteligência minha de dezesseis anos, por aí. Aí eu ficava, aquele funcionário fantasma: eu ganhava 30% do salário e o dono do emprego 70, mas os trinta por cento...[já era suficiente]

É necessário ressaltar, que, quando Edinaldo fala de sua vida prévia à conversão, ele tenta mostrar o tempo todo que passou por uma transformação. Sua vida pregressa é sempre mostrada como o contraste à sua futura opção religiosa.

O emprego na prefeitura abarca a nossa margem final de tempo, mas o discurso autobiográfico do pastor nos oferece uma série de outros empregos e atividades que não se encaixam na linha temporal. Ele foi ainda funcionário de um banco:

Então eu ganhei, como bom aluno também, eu fui sorteado para estagiar no Banco do Nordeste o BND. O melhor aluno da escola. [...] eu estava terminando o segundo grau. Eu era um bom aluno, os meus métodos eram um bom comportamento e querer estudar, eu era um bom aluno. Aí, o colégio recebeu uma bolsa, um sorteio do melhor aluno para estagiar no Banco do Nordeste, era um estágio e lá naquele estágio já tinha um residencial do próprio banco onde só morava bancário ali e lá naquele banco eu conheci um amigo chamado Genival – ele hoje é gerente do BNB, o Banco do Nordeste de lá – eu fui estagiar no banco durante a noite... durante o dia, e estudava durante a noite, e nas madrugadas eu abria a rádio, só que meu trabalho na prefeitura, eu não trabalhava! Eu recebia um bolsa, um dinheiro, entendeu?

A questão da escolaridade é outro fator que abordarei mais adiante. Vamos nos apegar à sua formação profissional e religiosa. O emprego no BND veio após os seus dezesseis anos; mas foi depois desse emprego que o pastor Edinaldo iria se converter ao Evangelho. O período de formação no seminário (BETEL, como afirma), que, segundo ele completou – quatro anos – encurtaria mais a linha traçada por sua história de vida:

Entrei no carro e fui, quando eu cheguei lá na igreja, Josué Teodomiro, meu amigo o Vice-Prefeito, [eu disse] “O que é que você está fazendo aqui?” “eu sou presbítero dessa igreja”, eu nem sabia o que era “presbítero”, Rosenir lá... os caras, tai, eles não evangelizavam, eu não sabia que eles eram crentes, “o que esses caras estão fazendo aí, rapaz? Que coisa é essa...?”. Aí o pregador lá na frente abriu a boca: “Você que entrou aqui assim...” falava minha vida toda, aí eu cutuquei Josué: “Doutor Josué. Você sabia que eu viria aqui hoje? Porque eu estava com Rosenir. Você mandou esse cara falar de mim?” [Josué] “não, rapaz, fica quieto aí!”, e tome Bíblia! [pregador] “Você que está enganando...” assim, assim... tudo que eu imaginava ele pá! Tinha resposta pra tudo!

Edinaldo decide aceitar a religião após uma série de ocorridos que o fazem repensar suas prioridades. Tais situações, em conjunto com a cooptação de amigos religiosos, fortaleceram o apelo para a conversão:

... e no sábado eu estava com uma amiga para inaugurar um bar; uns colegas... onde a gente ia fazia uma festa, eu nunca andei sozinho... você sabe, com um violão debaixo do braço, rodinha de amigos... “olha, tem um bar hoje num bairro pequeno chamado Sapucaia vai todo mundo pra lá, poxa, vamos pra lá, vamos pra lá...” “Tá bom” [...]

Ele decide não ir por causa de compromissos na rádio. Daí, recebe notícias acerca de seus amigos:

[...] aí, rapaz, eu chego e recebo um telefonema da rádio: “Você comparece agora mesmo no bar em Sapucaia que aconteceu uma tragédia”. Aí eu fui correndo pra lá, quando eu cheguei lá era a menina que havia sido esfaqueada. Duas facadas. [...] Rapaz, quando eu dei aquela notícia é como se fosse eu que tivesse morrido! Naquele dia... [...] e eu disse “e agora?” Se arreentou outro aqui, daqui a pouco outro amigo meteu uma bala na cabeça “pá!” noutro

ano, noutros meses, alguns meses na frente... e eu fui vendo que a vida, e dizendo “que merda é essa? Alguma coisa está errada...” E aí, rapaz... aquilo foi me dando na cabeça de ir ao encontro de Jesus, ao encontro de Jesus...

Aí eu resolvi aceitar Jesus num jantar lá no banco. Quando eu aceitei Jesus, meu amigo, como meu salvador, minha família botou a cabeça que eu estava ficando doído e meus irmãos – eu tinha um irmão que morava em São Paulo que se mandou pra lá pra me internar! Eles queriam me internar, rapaz... brincadeira não... aí eu cheguei no banco e com quinze dias Deus mandou eu abandonar tudo para ir para um centro de teologia, em João Pessoa. Quatro anos eu tinha terminado de estudar.

Sua conversão se deu após o trabalho no banco, já na década de 1990. Ela me foi contada nas duas entrevistas concedidas pelo pastor. Ele mostra claramente que passou por dois momentos de conversão distintos: o primeiro quando entra na igreja Congregacional e, o segundo, quando aceita o convite para reuniões pentecostais, o que o levaria para a Assembléia de Deus.

A narrativa de sua mudança de padrão, de Congregacional para pentecostal se deu numa extensa fala do pastor, mas, mesmo assim, vou citá-la na íntegra para que tenhamos uma idéia mais clara do significado de tal mudança:

Ronald: Eu gostaria que o senhor me explicasse como foi a sua conversão pentecostal.

Pastor: Minha conversão pentecostal ocorreu da seguinte forma: a Igreja Congregacional é uma igreja tradicional, ela é muito fechada... hoje não, isso há dezesseis anos atrás, hoje ela compreende mais essa questão. Então, na época quando isso aconteceu, essa visão pentecostal...

Ronald: Em que ano, mais ou menos...? O senhor lembra?

Pastor: Olha, isso foi nos idos de oitenta e nove para noventa, por aí... noventa. E nesses idos de noventa a igreja Congregacional já sofria uma chama... ela já estava sendo inflamada pelo Espírito Santo, porém os líderes se dividiram muito: uma parte ficou pentecostal e outra parte ficou tradicional. Nessa altura eu era um pouco ingênuo, na escolha eu não podia me precipitar por causa da liderança, que eu era subordinado. Então eu fiquei subordinado à uma liderança tradicional, por isso que eles ocultaram muito a questão do pentecostes, o avivamento; eu vi um grupo saindo, mas eu não sabia o motivo, era muito complicado pra entender. Então eles se foram e eu fiquei nessa situação, mas a mídia, programas de rádio, passaram a divulgar, umas pessoas até faziam programas de rádio naquela época já pentecostal e reuniões de oração também. E foi numa reunião de oração numa igreja Congregacional **neopentecostal** que aceitava uma parte, outra parte não, o Ricardo Strobel foi lá e lá, eu lembro que ele colocou seiscentas pessoas numa fila e, no meio dessa fila eu, inocentemente, entrei, aquela coisa, né, “Joãozinho-vai-com-as-outras”... ele colocava as mãos sobre as pessoas e de fato acontecia um impacto muito forte! Um homem como eu não iria se submeter a tais movimentos, apenas movido pelo lado psicológico, pela emoção. Eu era um pouco curioso. Eu jamais permitiria que acontecesse comigo uma coisa, na minha sã consciência forjar alguma coisa porque eu não gostava disso... até hoje, sensacionalismo... Mas eu pensava que era. Eu entrei na fila, até achando que poderia ser produto da mente das pessoas que passavam naquela fila. Só que, quando chegou a minha vez, eu fiquei todo dormente... na hora foi estranho, eu não conhecia. Foi muito forte: eu fiquei dormente, de uma forma muito... Muito... Inexplicável, não dá para explicar. Misturava o som de outro planeta, eu não sei como é que era, com uma emoção, uma vontade de rir, de chorar ao mesmo tempo... e ao mesmo tempo que dava tudo isso você não conseguia se desligar de si próprio totalmente, não...

Ronald: Estava consciente.

Pastor: Estava consciente. E, você sabe, um sujeito consciente, ele tenta puxar o máximo possível pra poder compreender o que está acontecendo. Ninguém é bobo! Só que a minha consciência, o meu subconsciente não conseguia raciocinar e tomar conta da situação! Então dois mundos se cruzaram: o natural, costumeiro e o outro – que eu nunca tomei droga... – é bem mais forte, eu acredito, que o efeito de alguém drogado. Pra ser sincero, é uma loucura! No bom sentido... no bom sentido. Isso produz uma vida dentro de você, um rejuvenescimento tremendo! Eu fui pra o ônibus, me levaram, praticamente, e durante aquela noite não me chegava o sono. Eu acho que durou uns três dias isso. Não direto, da mesma forma, mas uma lembrança muito forte, como se você tivesse perdido alguém da família e ficasse aquilo na memória. Parece que a tinha mente foi tomada praquilo naquela hora. Foi realmente um batismo de fogo.

Só que um enigma muito poderoso, muito forte, é que quando eu cheguei em casa, eu me lembro que tinha uma estante grande... Eu morava num residencial luxuoso, e ali eu tinha meu vizinho do lado direito, meu vizinho de frente, era um residencial do banco onde todo mundo do banco morava ali junto. Tinha um tapete branco no centro da casa, quando eu coloquei o pé naquele tapete... eu passei a noite assim, não entendo como... só que no outro dia eu liguei o rádio na rádio independência de Goiana, isso lá no Estado de Pernambuco, a rádio Independência de Goiana tinha um rapaz chamado José Silva, ele apresentava o programa “Encontro com Cristo” de sete da manhã às dez; e aí, lá naquele programa, de repente o cara falou de lá: “Você que está aí nessa casa assim, assim, assim...” deu toda as informações de como a casa era, “eu estou contigo aí”... pela primeira vez, era uma profecia aquilo ali, pelo rádio! Que é isso...? “Olhe para sua direita e para a sua esquerda...” eu olhei, o meu vizinho sabia tudo o que tinha acontecido sem estar lá! Deus falou comigo, Ele me mostrou... eu não acreditava, não, aí eu passei a acreditar a partir daí. Foi uma experiência profunda. Conclusão: eu fiquei apaixonado! Se você não abrir o olho fica fanático, isso não é bom, ficar fanático não é bom... tem que ter equilíbrio, fazer as coisas com maturidade.

Eu fiquei indo para os círculos de oração, é uma reunião que tem, de fogo mesmo, lá em Recife, algumas igrejas Por aí têm também. Fiquei indo para os círculos de oração, aí a minha igreja desconhecia esse lado e começou a entrar em contradição, em contradição... eu já considerava contradição, porque via na bíblia que tinha sentido para aquilo, mas a igreja não concordava. Aí a igreja, legalmente – eles são muito educados – optaram para eu ir para a Assembléia de Deus que era uma igreja que tinha aquele entendimento daquelas coisas. Lamentaram muito, hoje eles se arrependem mil vezes de terem me dado esse conselho. Então, ao chegar na Assembléia de Deus, na cidade de Goiana, Pernambuco, eu já tinha um contato muito grande com o pessoal da Assembléia de Deus em Timbaúba, também, uma cidade que fica perto... aí eu me envolvi fui bem aceito na Assembléia de Deus e aí, dentro da Assembléia de Deus, eu já tinha uma formação dentro da igreja Congregacional...

Ele abandona o banco e, depois passa quatro anos no seminário de teologia Congregacional, isso nos daria os meados de 1994, cinco anos antes de vir para o Rio de Janeiro. Edinaldo é ungido evangelista, ainda na Congregacional.

Eu era evangelista. Evangelista é um sub-pastor. É uma pessoa que está degradingo [sic.] os últimos batentes, como dizem lá na minha terra, os últimos batentes para chegar à esse posto. Mas eu já tinha uma função pastoral, praticamente.

É na AD que ele chega e é consagrado pastor, começando a viajar e fazer missões. Ele esteve na Europa durante algum tempo, mas como já disse, esse tempo também deve ser relativizado, pois segundo o pastor, sua presença na Rússia se deu no período da queda do Socialismo – 1989-1992. Se levamos sua história prévia em consideração, ele não tinha concluído seus estudos Congregacionais e nem mesmo entrado para a AD, o que ocorre, no mínimo, em 1994:

Vinte e um anos [1995] nós estávamos na Alemanha... Alemanha, Rússia... inclusive a igreja de Estocolmo na Suécia era uma igreja que investia muito na obra missionária, como você até leu... enviava muitos missionários e foi uma madrinha para muitos missionários a igreja de Estocolmo “Filadélfia”, na Suécia e eu tive uma experiência de oito meses na Rússia, mais ou menos naquele ano de transição, na queda da União Soviética através de Gorbachev, não é isso? Foi ele o intercessor... chamaram até de traidor... naquela época aquilo pegou fogo...

Um outro ponto que não se esclareceu foi o nível de escolaridade do pastor. Ele afirma ter estudado até o fim do ensino médio na sua primeira entrevista; na conversa com o jornalista da Folha, afirma não ter tido acesso ao ensino formal, o que repete na sua entrevista de 2008:

Entrevista de 2006:

Estava terminando o segundo grau. Eu era um bom aluno, os meus métodos eram um bom comportamento e querer estudar, eu era um bom aluno.

Entrevista de 2008:

Sou de uma família muito pobre. Lá da Zona da Mata, na divisa de Pernambuco com a Paraíba. Não tive condições de estudar, sou um homem “*analfabro*” [sic.], praticamente.

Quando trata de sua trajetória, o pastor Edinaldo o faz com um claro sentido. A verossimilhança entre o tempo cronológico e o tempo de sua caminhada não tem real importância para ele, porque sua vida possui um sentido, legitimado pelo seu papel como dono de uma missão no “aqui” e no “agora”. Tudo o que passou se relaciona com o que ele se tornou hoje. Essa objetivação da sua trajetória pode ser comparada à objetivação da realidade da vida cotidiana apontada por Berger & Luckman (2005, p. 39):

A realidade da vida cotidiana está organizada em torno do ‘aqui’ e do ‘agora’ do meu presente. Este ‘aqui e agora’ é o foco da minha atenção da realidade da vida cotidiana. Aquilo que é ‘aqui e agora’ apresentado a mim na vida cotidiana é o realismo de minha consciência. [...] isto quer dizer que experimento a vida cotidiana em diferentes graus de aproximação e distância, espacial e temporalmente.

A trajetória passa a ter um sentido objetivo, ontológico, que pode ser acessado como um filme. Mas mesmo correndo o risco – ou não se importando com o fato – de seus dados não representarem a realidade temporal externa à sua própria, o pastor não deixa de inseri-los dentro da realidade histórico-social, envolvendo, ao mesmo tempo sua opção religiosa nos objetos que compõem valores na sociedade, como a política, o trabalho, a música. Berger (2004, p.26) aponta o recurso da construção da trajetória individual objetivada da seguinte forma:

O próprio indivíduo, a não ser, repetimos, que se encerre num mundo solipsístico afastado da realidade procurará validar suas auto-interpretações comparando-as com

as coordenadas objetivamente disponíveis da sua biografia. Em outras palavras, a própria vida do indivíduo só aparecerá como objetivamente real, a ele próprio e aos outros, localizada no interior de um mundo social que tem o caráter de realidade objetiva.

Assim como o tempo se alarga, o discurso religioso permeia sua trajetória, o que não é de se estranhar de um líder religioso. Isso seria um tipo de apropriação, objetivação da sua própria história, onde o centro – Deus – faz com que o tempo tenha sentido. A vinda de Edinaldo para o Rio de Janeiro é banhada em milagres, onde Deus o faz chegar a Duque de Caxias por meio de parábolas.

Ao chegar aqui no Rio de Janeiro, Deus... eu falei “qual é a cidade, Deus?” Ele disse: “Eu vou te falar por parábola”. Ele mandou ler tudo sobre a Guerra do Paraguai, tudo sobre a história daquela guerra, e eu meti a cara nos documentários, mapas... e descobri o grande fenômeno da Maçonaria o poder de Duque de Caxias quando se aliou com os chefes da maçonaria argentina, da maçonaria uruguaia, haja vista que a Argentina e o Uruguai tinham motivos suficientes para ajudar o Paraguai a derrotar o Brasil, mas a maçonaria contribuiu nessa aliança e aí o grande herói chamava-se Duque de Caxias. “Duque de Caxias” então o Senhor falou, “cidade, Duque de Caxias” e eu falei, eu vou pro mapa. Chegando no mapa achei Duque de Caxias, eu vim até aqui. Quando eu cheguei em Duque de Caxias eu disse “a cidade eu achei” aí eu disse “E o bairro? E agora o bairro...”. Aí, estava passando aquele série, depois, estava anunciando aquela série “Chiquinha Gonzaga” e ele disse: “Busque nessa mini-série uma resposta”. Eu comecei a ler e comecei a ver aquela mini-série e procura daqui, procura dali... e descobri “Olavo Bilac... Olavo Bilac”, e, fui fundo e descobri que em Duque de Caxias tinha esse bairro, Olavo Bilac, eu disse “então é lá”. Cheguei na praça de Olavo Bilac, passou um carro de uma companhia telefônica e o senhor falou “segue esse carro”, aquela voz, né? Aquela coisa... não é uma voz minha, a minha imaginação... porque pra muitos até, é bom frisar isso, tem gente que imagina, mas é produto da mente... uma coisa é a voz de Deus, outra coisa é ignorância, as pessoas chegam e falam...

O contato com Deus e a interpretação de parábolas teriam trazido-o até o município de Duque de Caxias, no bairro de Olavo Bilac onde abriria sua primeira igreja em solo fluminense. Sua trajetória encontraria seu fim, na Catedral da Assembléia de Deus da Família.

O pastor não menciona a sua primeira esposa em nenhum momento do seu relato, nem mesmo que tinha irmãos morando em bairros do Rio de Janeiro, na Baixada Fluminense. Sua primeira esposa teria chegado logo que Edinaldo se situasse no Rio, onde viveu com ele até um escândalo acontecer: o envolvimento com uma fiel o faz se separar da esposa, que retorna para Pernambuco. Edinaldo casa-se com a fiel, que será mais tarde a pastora Leidifânia, mãe de sua filha.

É em uma sala alugada em Olavo Bilac que a ADF se inicia, se mudando poucos anos depois para a presente localidade, muito próximo dali.

Algumas pessoas que ocupam cargos de liderança vieram do primeiro templo, enquanto outros são novos. O corpo de dignitários, seu papel e sua escolha também fica a cargo do pastor Edinaldo. Mais uma vez, quando questionado nas diferentes entrevistas – ou

em momentos diferentes da mesma entrevista –, o pastor muda o seu discurso acerca da forma de escolha dos seus ministros. A seguir podemos ver como se dá a organização hierárquica da ADF.

4.2 - HIERARQUIAS FORMAIS

A igreja Assembléia de Deus da Família possui os mesmos cargos que as assembléias de Deus tradicionais, com a exceção do cargo de “pastora”. Hierarquizados da seguinte forma, de cima para baixo: Pastor presidente; Pastor auxiliar; Evangelista; Presbítero e Diácono. Outros cargos hierárquicos existem, mas apenas com caráter prático, como presidente de comissões, coordenador da Mocidade, professor de escola dominical, ou nominal, ou seja, que não estão localizados na pirâmide hierárquica formal, como o cargo de missionário.

Logo abaixo da hierarquia formal, temos o grupo composto pelos obreiros conhecidos como “auxiliares de trabalho”. Em entrevista, uma missionária da igreja, a senhora Vânia, membro há cerca de cinco anos me explicou o sistema hierárquico formal da igreja:

[você] começa com “Auxiliar de Trabalho”, “Obreiros”, vamos dizer assim. É o primeiro degrau, segundo, terceiro, até chegar ao pastoral, vamos dizer assim, ou de presbítero, que está quase na altura do degrau de pastor. No caso é: “Auxiliar de Trabalho” – “Obreira”, “Obreiro”, também é Auxiliar de Trabalho; temos também o Diaconato dos “Diáconos”, depois tem outro degrau que é o Presbitério, que responde também é algo maiorato [sic.]... não chamam isso de cargo, o Presbitério, no caso ele responde por tudo que acontece dentro da igreja, o “Presbítero”, é ele que é responsável, o segundo depois da pessoa do pastor. Depois nós temos do presbitério, dos Presbíteros, “Evangelista”, depois do Evangelista nós temos “Pastor”. Já para as obreiras, no caso, o pastor aqui ele consagra “Auxiliar de Trabalho”, consagra também “Missionárias” e consagra também “Diaconisas”, ela auxilia o pastor na mesa na reunião de ceia...; a Diaconisa ora, também, pelos enfermos; tem que assistir os enfermos nos lares [...]

Quando da entrevista, 10 de dezembro de 2006, a pastora Lucinete, ativa auxiliar do pastor Edinaldo, ainda não fazia parte da congregação por isso, creio, que a missionária não coloca o cargo de “pastora” quando faz a descrição de gêneros da hierarquia pois o mesmo ainda não existia daquele templo.²⁴

Os ministros da ADF possuem poderes muito limitados. A ausência de um grupo de decisões, sejam financeiras, seja de observação da doutrina faz com que até mesmo os pastores auxiliares se comportem como ajudantes dos cultos. Em momento algum veremos os pastores ou os demais dignitários assumirem efetivamente um culto semanal – mesmo com

²⁴ É importante frisarmos que a esposa do pastor, Leidifânia, é pastora da congregação da ADF em Nova Iguaçu. É possível que ela tenha recebido o cargo posteriormente à entrevista da missionária Vânia. O presbítero Reginaldo, em sua entrevista,

uma agenda de cultos extensa, como pudemos observar no capítulo anterior – a não ser da ausência do pastor Edinaldo, por qualquer motivo, como viagem.

A escolha e o papel dos ministros, segundo Edinaldo coincidiu com a da missionária:

A pessoa entra como “obreiro”, obreiro é o quê, é uma pessoa que... é um ajudador (sic.), é alguém... é um aluno, que você dá a ele a oportunidade de estagiar, aí depois ele vem pra “diácono”. O diácono é uma pessoa que cuida de cestas básicas, faz obras de caridade, visita as pessoas... o diácono, quando é necessário limpar o chão, limpa o banheiro... faz de tudo! O diácono serve a Ceia, evangeliza, também; o diácono... aqui o diácono até batiza, porque Filipe²⁵ era diácono e batizou, na falta de um pastor na hora ou de um presbítero, o diácono faz muita coisa. O presbítero é uma pessoa mais, em termo de responsabilidade, cuida muito da área de enfermos, doentes... é um pastor, praticamente. Temos o evangelista que é o formador de cruzadas, o pregador de boas notícias, preparador de palanque para o pastor... é o abridor de caminhos. Tem o pastor, é o pai, é o amigo, é o diácono, é o presbítero... é tudo o pastor. Algumas igrejas têm bispos, apóstolos... “o senhor não chegou ainda, pastor, nesse nível?” [sugerindo uma questão minha], bem, **hoje nós estamos como pastor...** eu nunca digo dessa água não bebo, dessa comida não como. **Se amanhã o conselho decidir mudar a minha credencial, eu vou pensar.** Hoje eu não sei se eu queria. **“Mas quem faz isso pastor”** [novamente sugere uma questão], **normalmente é a igreja, a diretoria, junto com a igreja decidem se você apoiar.**

Essa fala é só a primeira que envolve o poder de decisão na distribuição de cargos na igreja. Como frisei, em negrito, Edinaldo aponta que a decisão de elevá-lo a bispo seria tomada pelo “conselho” ou a “diretoria”. Ele se contradiz logo adiante:

Todo mundo é igual... todo mundo é igual. Então, eu penso muito nas entrevistas que eu dou porque eu deixo bem claro nas entrevistas que sou uma metamorfose. **Posso mudar e amanhã você ouvir dizendo que agora eu sou um bispo, pronto!** Por enquanto eu não vejo necessidade disso mas não fecho as portas porque o ignorante, Salomão disse que ele é conhecido como tolo.

O papel do conselho ou da diretoria – se é que existem - fica totalmente de fora nessa questão. Sua própria fala aponta o grau de mutabilidade dentro do ministério. Por opção própria, mesmo que pautada em uma diretoria, o modelo da ADF pode abraçar uma forma episcopal de liderança, alheia à denominação AD, afastando-a mais de uma uniformidade denominacional. Não seria um seguimento do estatuto, o que é citado mais adiante, mas uma questão de escolha.

Ainda nesse contexto, enfocando o peso individual do pastor, quando da competência de nomear ministros e do papel divino disso, ele afirma ser do caráter divino, mas aponta sua parte no assunto:

Pastor: Mas sou eu quem recebe a autorização para nomear as pessoas, baseado nisso aí, a igreja participa junto. **Até porque eu não deixo todo mundo aqui dar determinadas**

afirma que a congregação de Nova Iguaçu se iniciou sob os cuidados do cunhado do pastor, irmão de Leidifânia, podendo significar que o cargo da pastora pode ter sido dado posteriormente à sua participação na igreja.

²⁵ O “Filipe” referido é o apóstolo de Jesus nos Evangelhos.

opiniões, todo mundo votar, porque não havendo sábia direção o povo se corrompe. O povo precisa de um líder pra ajudar a viver ou pra matar, até pra morrer numa guerra você não vai sem um líder.

Ronald: Nortear as decisões, não é?

Pastor: É, tem que ter. se você não tiver um líder você é um homem perdido. Sem liderança... a gente sempre precisa aclamar um rei, somos assim, é do gênero humano. **Quando se aclama um rei a população se cala.**

E ao retornar à questão da posição de bispo, questionei quem poderia nomeá-lo, a resposta, mais uma vez, foi conflitante:

Uma junta... uma junta de... [se mostra bem reticente] homens e mulheres de Deus... é considerada uma diretoria... uma mesa diretora, que nós temos... [...] Sim, nós temos... nada aqui eu saio metendo a cara e fazendo, não. Tem uma mesa diretora onde na multidão de conselheiros [...] Nós temos também uma regra estatutária, é o estatuto interno, nós temos o interno e o externo. No nosso estatuto constam as leis e eu obedeco, a mesa obedece são os senadores. [...] Acho que chegam quase a uns cinqüenta. Então, Deus me livre tomar uma decisão sozinho. Eu seria o mais tolo do mundo em ditar uma regra e depois as conseqüências dela virem sobre mim.

O que acontece é que as decisões são tomadas pelo pastor, elevando membros ao corpo de ministros e, quando deseja, isolando-os de sua atividade usando os fiéis para legitimar suas ações. Durante minha presença no templo nunca vi uma diretoria ser convocada ou citada, verbalmente ou nos avisos do quadro. Além do mais que para existir uma mesa diretora composta de mais de trinta membros, seria necessária um corpo ministerial vasto, o que não é o caso.

Quando as aulas de escola dominical estavam vazias, com pouquíssima presença do ministério – o pastor tinha que, ele mesmo, dar as aulas – ele decidiu colocar a comunidade contra o ministério, pois achava ser culpa dos ministros a falta de público. Ele questionou, no culto da noite, no dia 27 de agosto de 2006, onde a grande maioria estava presente e a igreja cheia, que tipo de ministério os fiéis queriam: os que nem apareciam na Escola Dominical ou outros, que fossem assíduos. O episódio expôs os dignitários presentes, que foram disciplinados à luz do público:

Quem são meus obreiros de verdade, vão ter que vestir a camisa ou tirar. Ou vai ficar do meu lado ou vai embora. Eu vivo a **submissão**, não **crio** ninguém pra andar solto na igreja.

O carisma do pastor, como personagem sobre o púlpito, exerce um papel legitimador sobre os carismas particulares do ministério, tornando ou não legítimo suas funções. Esse papel, de legitimador só pode acontecer graças ao auto-reconhecimento de seu papel na arena religiosa de sua congregação. O pastor Edinaldo Silva sabe exatamente sua posição frente aos

seus fiéis e ao corpo de ministros. É o que Pierre Bourdieu analisa no papel do carisma da eficácia simbólica atuante na ocultação do caráter político dos fins religiosos:

[...] basta perceber que os especialistas religiosos devem forçosamente ocultar a si mesmos e aos outros que a razão de suas lutas são interesses políticos. Primeiro porque a eficácia simbólica de que podem dispor nessas lutas depende de tais interesses e, portanto, convém-lhes politicamente ocultar a si mesmos e aos outros seus interesses políticos [...]. Assim, talvez seja preciso reservar o nome carisma para designar as propriedades simbólicas (em primeiro lugar, a eficácia simbólica) que se agregam aos agentes religiosos na medida que aderem à ideologia do carisma, isto é, *o poder simbólico que lhes confere o fato de acreditarem em seu próprio poder simbólico.*” (BOURDIEU, 2005, p.54-55. Grifos do autor)

O pastor Edinaldo Silva acredita na sua missão, assim como na eficácia de seus métodos, mesmo não estando totalmente alheio dos interesses políticos inerentes à sua atuação na congregação. Seguindo a linha, Edinaldo consegue, ainda nas palavras de Bourdieu, “desapropriar” (BOURDIEU, 2005, p 39) os membros do corpo ministerial de boa parte de seus carismas particular, mantendo-os afastados do centro da tomada de decisões. O que resta é a permissão da atuação desse corpo de ministros em atividades complementares, ainda que sob supervisão do pastor em maior ou menor escala: ajudam com a distribuição da ceia, auxiliam na pregação no culto antes da chegada do pastor ou durante o culto, nas “oportunidades”, mas principalmente, agem como ajudantes nas “libertações” – exorcismos durante o culto.

O papel do pastor e a sua capacidade de manter uma realidade incontestada de sua autoridade é o que me faz trazer à baila a discussão weberiana sobre o carisma.

4.3 - O CARISMA E O PASTOR

O carisma que pude ver na atuação do Pastor Edinaldo me remeteu a um questionamento mais amplo no que se refere à “*profecia*” Weberiana, seu principal ator, o *profeta* e, principalmente a cotidianização do seu carisma na forma da instituição.

Sendo o profeta o motor das mudanças na história, aquele que contesta a religião estabelecida, seu carisma o faz, como vimos, estar diretamente em oposição ao sacerdote, que não possui o carisma, mas depende daquele da instituição (WEBER, 2004, p.303). Mas seria possível, acredito que na realidade pentecostal e neopentecostal, encontrarmos um “meio termo” onde o carisma pessoal e institucional possam vir a se encontrar.

Esse meio do caminho entre o profeta e o sacerdote, no que se refere ao binômio carisma pessoal/institucional pode começar a ser respondido, pelo próprio Weber:

É possível, no entanto, que a função sacerdotal esteja ligada a um carisma pessoal. Mesmo nesse caso, o sacerdote, como membro de um empreendimento de salvação com caráter de relação associativa, permanece legitimado por seu cargo, enquanto que o profeta, bem como o mago carismático, atua somente em virtude do seu dom pessoal. (WEBER, 2004, p.303).

O sacerdote pentecostal não estaria destituído de carisma pessoal, não precisando ser um profeta para possuí-lo, ainda que não fosse o seu carisma que o legitimasse como tal, mas seu cargo, burocraticamente regulamentado, que o faz participar do rol dos pastores evangélicos. O pastor pentecostal traz uma nova profecia, como caso de Azuza Street. (CONDE, 2006)

O recebimento do Espírito Santo e as profecias por ele suscitadas não foram revolucionárias o suficiente para a desestruturação do *ethos* protestante – o que não era a questão, mas sim o seu reavivamento.

O carisma borbulhante dos pentecostais não se prendia apenas à representação laica das instituições religiosas como cargos e postos. Mesmo que as respeite – a manifestação carismática pentecostal não contraria a ordem formal estabelecida dentro da igreja – não seria necessário um cargo ou posto hierárquico para que se manifestasse um carisma particular – línguas, profecias, curas – mas a atuação direta do sobrenatural. O pentecostal não está apenas sob o jugo da dominação racionalizada representada pela hierarquia eclesiástica, mas tem como justificativa a vontade do Espírito, que sopra onde quer.

O pastor pentecostal estaria, assim, afastado de uma relação engessada com a hierarquia do templo, ainda que diretamente subordinado à ela, já que seu cargo é sinônimo de sua existência, sua pregação se acha mais livre que a das igrejas tradicionais, pois pode apelar para a revelação que só é dada aos que “buscam no Espírito”²⁶.

Na comunidade observada criam-se assim dois campos legítimos de legitimação dentro das igrejas pentecostais e neopentecostais:

²⁶ A “busca” da unção do Espírito Santo e seu Batismo é um dos pilares das diferenças entre as comunidades pentecostais e não pentecostais. Um exemplo dessa busca se mostra na entrevista da missionária Vânia: “Após quatro anos eu sentia algo dentro de mim que ainda tinha que ser preenchido a mais, não é? Mesmo em quatro anos congregando em uma comunidade batista, eu senti que dentro de mim ainda faltava mais, eu queria mais, estava mais sedenta de conhecer mais a palavra da verdade, a Bíblia Sagrada, e, ao mesmo tempo, de buscar, também, o batismo com o Espírito Santo. Aí então eu buscava, eu deixava os trabalhos da igreja onde eu congregava, a Batista, e ia para as consagrações das Assembléias de Deus, vigílias e estava sempre assim, presente me reunindo com aquelas mesmas irmãs, orando, indo na casa delas, buscando a Deus. Foi assim que veio mais a vontade, o interesse de conhecer... de ter assim, mais busca por Deus através da igreja pentecostal.”

- a) O primeiro é composto pela representação hierárquica formal, onde os postos e cargos são compreendidos. Os pastores, diáconos, etc. são formalmente reconhecidos dentro do templo.
- b) O segundo estaria voltado à vontade direta do Espírito Santo. Não existe controle – o pelo menos não oficialmente – sobre o que o Espírito deseja, sobre quem sopra ou o dom que distribui. O corpo hierárquico não tem como gerenciar essa força.

Esses dois campos estão em intercessão, onde o reconhecimento da hierarquia formal não se perde e, ao mesmo tempo reconhece-se o papel do inusitado, presente nas profecias ou no estado de êxtase e de libertação. Essa distribuição de dons e a irreverência ou até imprevisibilidade do proferir novas verdades vindas do alto, sugeriria uma redistribuição de bens simbólicos, gerando uma economia equilibrada dentro da arena pentecostal, não havendo necessidade de intervenção formal de uma esfera sobre a outra.

Mas o que ocorre na ADF é que o carisma pessoal do pastor Edinaldo Silva se projeta além do campo ordenado dos carismas individuais de seu corpo ministerial e da membresia. Seu papel é o de legitimador dos carismas locais, “entupindo” o canal de redistribuição de carismas – sejam os carismas institucionais, ligados aos ritos essenciais da congregação; sejam os carismas pessoais de liderança de seus ministros ou mesmo a manifestação carismáticas dos fiéis.

4.4 - FORMAS DE CONCENTRAÇÃO DE CARISMA

Sendo a ADF, uma “*igreja de pastor*”, já se supõe uma participação mais marcante da pessoa do pastor como centro das atividades. Em sua liderança, o Pastor Edinaldo cria mecanismos onde o seu papel, tanto no campo hierárquico formal quanto na recepção de mensagens do Espírito, seja preponderante.

Os mecanismos de controle estão ligados ao o acesso a ele; a mobilidade das lideranças das equipes; a escolha de membros ao ministério assim como o controle de sua saída e principalmente a direção da tendência doutrinal da congregação, tendo plenos poderes para modificar os horários, formas e apelo doutrinal deles.

4.4.1 - O ACESSO AO ALTAR

O altar é o centro da congregação. Ele mudou, como já disse, diversas vezes desde minha chegada ao campo. Durante cerca de oito meses, a presença dos ministros era assegurada na plataforma do altar, essa configuração se desfez e se refez algumas vezes. O altar da ADF pode ser considerado também como extensão da Rádio Céu FM, aumentando seu alcance e crescendo a importância daquele que nele se ocupa.

Em um culto de domingo, dia 17 de setembro de 2006, Edinaldo diz que o altar foi elevado a “tribunal”：“Vi uma corte entrando pela porta e colocando um tribunal bem aqui.. ele vai julgar a todos. Vi que ele colocou uma mesa de madeira polida; ela está bem aqui, Ele está sentado bem aqui e vai dar passaporte para cada um para ir para aquela cidade.”

No trabalho de campo, pude observar também que o pastor detinha o controle do acesso ao altar, ele diz diversas vezes que não aceita que subam ao altar aqueles que não estiverem puros. Alguns casos foram dignos de nota.

No domingo, dia 15 de outubro de 2006, no culto das dezenove horas, o pastor inicia os trabalhos: hino inicial, chamada para a apresentação da comissão das mulheres, dos homens e, há uma pausa exatamente quando seria a vez da Mocidade. O pastor nega o acesso do grupo de jovens pois, segundo ele, não estariam eles puros para subir no altar. O motivo principal, deixa claro é que a mocidade não estava contribuindo financeiramente para com a igreja, nem em dízimo ou em ofertas, estando assim, impura. Cito abaixo um resumo da fala do pastor: “enquanto a mocidade não der oferta, está eliminado o passeio, canto no altar... a participação no altar não será permitida porque não se pode apresentar sacrifício se a pessoa estiver impura, somente se a pessoa for íntegra, dando o dízimo e a oferta.”

Ele explica, logo, a importância do altar, fazendo uma analogia aos altares de holocausto do Antigo Testamento: “Só pode subir no altar se estiver puro para sacrificar”

Edinaldo apresenta, dessa forma, o papel de legitimador dos que são puros o suficiente para subirem no altar. Ele já tinha afirmado antes desse dia que não permitia que membros de outras igrejas subissem no altar para dar testemunho ou mesmo profetizar, pois não poderia correr o risco de “amaldiçoar os membros da congregação pelo sacrifício de impuros”. Mas uma prova clara de uma arbitrariedade pessoal do pastor quanto a esse critério foi a minha

presença no altar, quando fui convidado a tocar flauta num culto de domingo ao lado do pastor! Uma outra situação contraditória – dentre tantas – Foi a presença de muitos outros membros de outras congregações no altar, se não falando, pelo menos sentados nas cadeiras destinadas ao corpo de ministros.

Ao controlar o acesso e o movimento no altar, Edinaldo cria uma forma de que legitimação de seu carisma ligado a um ponto privilegiado da igreja. Seu controle é indiscutível sobre esse lugar, assim como em toda a congregação, mas, ao definir o altar como fonte de legitimidade, ele deixa em aberto os locais onde a sua autoridade é sentida, mas nem sempre é representada: o fundo do templo e a área afastada da nave central, lugares sem representatividade visível pelos membros que assistem o culto, mas, talvez, locais de afastamento da autoridade do pastor.²⁷

O pastor sabe da existência dos “pontos cegos” dentro da congregação e, constantemente chama a atenção, bruscamente, dos dignitários da porta e arredores. Esses se enquadram sempre que são postos em foco pela fala do altar. “Não consagrei evangelista pra ficar na porta da igreja.”

4.4.2 - A MOBILIDADE E O PAPEL DAS LIDERANÇAS

O pastor Edinaldo costuma eleger lideranças, o que não deixa claro em sua entrevista, mas sim durante os seus cultos. Essas lideranças não ocupam um vácuo de poder, muito pelo contrário, elas são peças-chave na organização da congregação.

São os ministros que fazem funcionar boa parte da máquina da ADF. São eles que coordenam o trabalho das equipes – limpeza, cozinha, etc. – e lideram as comissões: grupo de mulheres “Intercessoras da Última Hora”; Mocidade; Adolescentes; grupo de homens; coral e o grupo das crianças. O trabalho dessas comissões pode ser conferido nos cultos de domingo.

Os ministros também auxiliam diretamente nos cultos, passando a sacola para o dízimo; distribuindo carnês de ofertas; fazendo a *ouverture* dos cultos até a chegada do pastor

²⁷ Mesmo que o altar seja o centro de qualquer igreja, o que faz do altar da ADF ser um ponto especial é a sua subordinação às idéias de legitimidade do pastor Edinaldo. Ele possui o controle do acesso ao local sagrado, fazendo com que seu papel de líder se sobressaia sobre os que ficam ao lado da nave central ou na porta.

e, posteriormente – já no fim do trabalho de campo eu pude observar – trabalhando como receptores de pedidos de fiéis.

Mas a funcionalidade do corpo ministerial não deixa de transparecer a vontade individual do pastor. Ele deixou claro, várias vezes, que manda “de volta pro banco” quem ele quiser. Ele assume: “Tanto faz sua presença, que o culto será o mesmo com ou sem você!”. Segundo ele, em uma de suas brigas com o ministério ele afirma: “A pessoa que não crescer do meu lado não vai crescer em lugar nenhum”. Esse tipo de tratamento com os ministros se dava sempre quando a participação destes e/ou dos fiéis estava diminuindo.

Ao mesmo tempo em que disciplina constantemente seu corpo de ministros, Edinaldo tem a noção clara de que existem entre eles pessoas com carisma talvez tão forte quanto o seu próprio, o que foi o caso do evangelista Márcio Pellicioni. Um jovem simpático que já estava disputando espaço com o pastor até meados de 2007. Pellicioni possuía um carisma forte, tanto nas prévias que fazia no altar antes da entrada do pastor como no trabalho em auxiliá-lo. Ele era o responsável pela Mocidade e foi ele também que coordenou o 7º Congresso de Mocidade, acontecido entre 13 e 18 de julho de 2006, que contou com a presença do pastor Gilvan Rodrigues, do Recife (filiação à AGADB), dentre outras atrações. No culto de 27 de agosto de 2006, Edinaldo afirma: “O pastor Edinaldo vai formar dois discípulos. Márcio, eu vou apostar em você. Um dia vocês não vão mais sentir falta do pastor Edinaldo”. Não compreendi quando misteriosamente, no início de 2007, o evangelista Márcio desapareceu da congregação, e aos que perguntava ouvia, com uma certa dose de cautela: “o evangelista Márcio foi pra outra igreja”.

Não é possível precisar o exato motivo da saída do evangelista, mas não houve qualquer menção de seus motivos por parte de ninguém do templo. Foi como se ele não existisse mais.

Na sua última entrevista, o pastor se mostra ciente de um mercado de bens simbólicos entre as igrejas. Na questão eu abordei as lideranças que saem da ADF. Segue o trecho da entrevista:

Ronald: Uma última parte, pastor, quanto às lideranças egressas da ADF? Existe algum tipo de pessoas que decidiram sair... por algum problema de comportamento...? como funciona esse problema de circularidade da membresia fixa...? eu me lembro que nesses dois anos de participação Há pessoas que eu não vejo mais, que não sei se saíram, porque não é minha idéia perguntar esse tipo de coisa... acontece bastante esse tipo de coisa?

Pastor: Acontece muito isso. Vamos chamar isso de “concorrência”, meu amigo...! Tem que ser realista... por que mentir? As igrejas concorrem muito uma com a outra. Cada uma oferece uma coisa e o povo fica naquela, escolhendo e que Deus abençoe o povo, que Deus proteja o povo e tenha misericórdia da gente para não fazermos as coisas erradas. Quando a pessoa sai daqui ela continua sendo meu amigo porque o respeito pelas pessoas não pode ser somente quando elas estão aqui e sim quando elas vão, porque eu visio o ser humano, não é uma cédula ambulante, nenhum escravo e nem alguém pra bater palma. Eu não vejo as pessoas como um

número e sim como seres humanos. Portanto o valor delas vai com elas e as lembranças ficam. Eu não tenho coragem de disciplina ninguém, negar uma recomendação a ninguém... todos aqui, às vezes a pessoa tem até um determinado defeito, eu prefiro que os outros falem. Isso não é covardia, não, isso é ocultar alguns fatos, até pra não me comprometer. É como você: professor, o aluno não vai à escola, mora lá no morro, chega perto de você e bota uma arma na sua cabeça e fala “se você não me der um diploma, se você não me aprovar eu te mato”. Você não vai acabar com a sua carreira por causa de um cara que não quer nada com a vida, dá o diploma dele e deixe ele ir embora, viva sua vida. Sou obrigado a fazer isso, sei que a pessoa não presta, mas...

Nessa sua entrevista ele se mostrou muito sagaz com suas palavras, ainda que em alguns momentos mostrasse idéias contraditórias, principalmente em relação à sua trajetória e papel na ADF.

Quanto à mobilidade das lideranças, pude ver que o pastor decidia no momento do culto quais seriam as pessoas responsáveis e disponíveis para atuar nos pontos de pregação. Os que não se mostravam disponíveis nem sempre eram bem vistos. Desde minha entrada no campo, pude constatar uma rotatividade nas lideranças desses pontos de pregação além de postos na própria congregação. Depois da saída de Pellicioni da coordenação da Mocidade, houve mais dois membros que o sucederam. Os professores da Escola Dominical também sofriam constantes mudanças – assim como a própria Escola Dominical – tanto como os coordenadores dos diversos grupos.

Uma demonstração de poder do pastor Edinaldo frente ao seu ministério foi a “importação” de uma figura que se tornou a segunda em importância após o próprio pastor: a Pastora Lucinete. Ela não participava da congregação até 2007, quando surgiu já ocupando um espaço estratégico na vida da igreja. Substituiu a presidente do grupo das mulheres e sempre tinha papel nos cultos de domingo à noite. Nenhuma pessoa da hierarquia já existente à chegada de Lucinete alcançou esse posto de confiança até minha saída do campo. Aparentemente, a pastora não apresenta risco à sua liderança pois foi por seu intermédio que ela passou a frequentar a igreja, além de seu poder ser uma concessão do pastor – a pastora Lucinete refaz o discurso do pastor Edinaldo.

Lucinete sempre se esquivou de dar entrevistas. Apenas disse fazer parte de uma congregação pentecostal na Bahia, seu estado natal, sendo convidada pelo pastor para congregar na ADF. A posição de Lucinete cresceu em curto espaço de tempo, pois em poucos meses já era uma das apresentadoras da Rádio Céu. Ela se subordina diretamente a Edinaldo, mas, conhecendo um pouco de sua forma de agir, seria compreensível que Lucinete venha a sair da congregação caso queira ofuscar o poder do pastor.

Dessa forma o pastor consegue colocar o corpo de ministros constantemente sob tutela: ou apontando-os como relapsos, sujeitando-os aos trabalhos subalternos ou, também,

criando uma rotatividade de cargos, onde o carisma pessoal de cada um não poderá ser observado por um longo período. A chegada de Lucinete pode significar que a estratégia se tornou mais complexa, colocando a pastora como meio do caminho entre a autoridade do pastor e do restante dos ministros.

4.4.3 - O CONTROLE DA ESTRUTURA ESPIRITUAL

A autoridade do pastor Edinaldo não se restringe apenas à organização e manutenção de um lugar privilegiado na sua congregação, ou na legitimação dos carismas de sua liderança, mas também o controle da estrutura funcional da congregação. Em outras palavras, os cultos, a linguagem, o vestuário, a base doutrinal, assim como sua tendência ao neopentecostalismo são resolvidos na sala pastoral ou no altar.

Como já apresentamos, o pastor assume que sua atividade é fruto de um entendimento na “mesa diretora”, mesa essa que ele próprio não soube o número exato de membros. Mas o que se mostra é que a pessoa do pastor constrói um discurso legitimador de mudanças estruturais sérias, que não se tornam fixas por muito tempo.

Edinaldo possui o carisma que o coloca à frente da congregação com grande sagacidade, pois reconstrói o ambiente físico assim como as prioridades doutrinárias da igreja. Sua pregação consegue fazer com que os membros da congregação acreditem que novos modelos sempre estiveram lá. De certa maneira, isso não é de todo irreal. Na realidade, os modelos os quais o pastor apela não são suas criações, mas chaves pré-existentes no mundo neopentecostal, que podem ser utilizada em momentos diversos. As mudanças a seguir não são novidades na Igreja Universal ou em igrejas menores, esse pode ser o motivo das pessoas não sentirem uma real diferença em possíveis mudanças de padrão na pregação do pastor Edinaldo.

O que é realmente interessante é como o pastor consegue modificar sua igreja de forma tão singular sem que perca o apelo inicial, que o aproxima à Assembléia de Deus graças ao carisma institucional por ela utilizado. Não há em momento algum o questionamento por ele ou por seus fiéis sobre o porquê a ADF é tão diferente, e cada vez mais diferente das “outras” AD por parte da audiência presente ou ouvinte. É possível que a rapidez do crescimento do mercado religioso, com a oferta de novos serviços, tenha

amenizado os possíveis contrastes anteriormente divisores das congregações tradicionais e as mais renovadas.

Um indicador de mudanças, como já apresentei é a constante obra de construção do templo, mas essencialmente do altar e do sistema de som, além de uma preocupação constante com o aumento de espaço físico. Essa dinâmica não pode ser separada da mudança também muito rápida do discurso da igreja junto aos seus fiéis.

Ao chegar no templo pela primeira vez pude ver que a temática principal do culto não era, de todo da Teologia da Prosperidade (MARIANO, 2005). Os cultos de domingo à noite eram essencialmente de louvor, leitura da bíblia e uma preleção, ou várias, além de manifestações de *dons* pelos fiéis: línguas, choro, etc. que eram fervorosamente estimulados pelo pastor.

No mesmo ano, cerca de três meses depois, a igreja passa a mudar sua forma de culto, aderindo a uma frenética série de exorcismos e, pela primeira vez vejo a “campanha dos lenços”: lenços são distribuídos pelos ministros para os fiéis, que os ungem, passando pelo corpo do pastor enquanto ele passa pelos bancos. Depois de serem levados para casa, os lenços são trazidos de volta com doações.

Não compreendendo o motivo dessa primeira mudança, questionei sobre o assunto com um fiel afastado, que não quis se identificar. Quando disse que a igreja estava mudando um pouco ele me perguntou: “Estão fazendo a campanha dos lenços?” e eu respondi “sim”. O fiel confessou: “Sempre quando a igreja está ruim de grana o pastor logo vai inventar uma campanha nova, como é essa aí do lenço.”

O mesmo fiel que se mostrou contrariado quando voltou a freqüentar a ADF, já em 2008, não achou nada de errado na forma de arrecadação da congregação.

As mudanças nos cultos, assim como na adoção da Teologia da Prosperidade não foram as únicas diferenças. O pastor decidiu, durante um culto de domingo, que a Escola Bíblica Dominical (EBD) iria mudar: antes, ela era de nove da manhã ao meio dia, composta de um tipo de culto, onde o próprio pastor lia o material didático – revista da EBD da CPAD para estudo – e fazia interpretações próprias; passa a ser uma escola mais comum, com grupos de homens separados de grupos de jovens, mulheres, crianças e novos convertidos. A EBD passou a ser de oito às nove, deixando o horário das nove ao meio dia para um culto que misturava louvor, libertação e cura. Com esse culto extra o pastor passou a arrecadar o dobro da oferta do domingo.

O horário do culto do domingo à noite passou para as 18h, durando até quase às 23h! O templo sempre muito cheio, e novamente o pastor muda a configuração, apelando,

principalmente para os ouvintes da rádio. Esse modelo se compunha de um forte apelo ao exorcismo e testemunhos de cura. O culto solene de domingo passou a ser uma sucursal do da quarta feira, o culto de libertação, quase nada era diferente, a não ser a participação das “oportunidades”.

Acompanhei muitas mudanças da forma da pregação. Primeiro o pastor era contrário às profecias, depois passou a profetizar. Era contrário às “igrejas que oferecem carro” e passa a aderir abertamente à teologia da Prosperidade. Por fim se dedica toda a sua força à radiodifusão dos cultos, onde afirma, em entrevista à Folha, que ele gostava mais de comunicação do que outra coisa... Preferia ser jornalista que pastor.

Outro ponto sensível é a da administração financeira. Segundo Edinaldo ela é feita pela tesouraria da igreja. Em entrevista a Reginaldo Apolinario, após seu retorno como presbítero à ADF, questionei sobre a tesouraria. Ele disse não conhecer quem é o tesoureiro, que é uma coisa que o pastor sabe, para evitar roubos ou coisas assim. Mas ao questionar o próprio pastor, ele me respondeu que a tesouraria existiria, mas quem realmente organizava as finanças era uma firma:

Só que nós temos hoje um sistema de administração... aliás, desde o início, desde a ata de formação e de abertura, hoje quem administra no nível financeiro... nós temos tesoureiros, secretários, etc., etc., mas ela é administrada por um escritório de contabilidade, o **Espaço Contábil**, escritório muito famoso a nível de estado, que cuida de todos os lados, receita, bem, tudo que diz respeito à lei, ela tem um departamento jurídico que passa todas as informações e a gente... essa semana mesmo eu estava conversando com o Leonardo essas coisas de andar no caminho certo, eu quero as coisas transparentes, mais certas possíveis.

Em resumo, quanto à relação do pastor Edinaldo Silva, ele conseguiu, muito habilmente, reconhecer o centro de uma rede de valores, mesmo que preexistentes, onde ele se situou de forma estratégica, trabalhando com códigos já reconhecidos pelos pentecostais e trabalhando para que eles não se tornassem obsoletos, modificando-os – dentro de uma lógica possível – onde sempre parecem como novos: campanhas de prosperidade; supervalorização do líder; exorcismo; etc. E, ainda mais sagazmente, impede que outros se aproximem demais desse centro, agindo como legitimador último de seus ministros e fiéis

É o que Clifford Geertz aborda ao tratar do carisma segundo a lógica apresentada por Shills:

[...] As dimensões do carisma previamente negligenciadas são retomadas quando ele focaliza a conexão entre o valor simbólico de indivíduos e a relação que eles têm com centros ativos da ordem social. [...] O carismático não é, necessariamente dono de algum atrativo especialmente popular, nem de alguma loucura inventiva; mas está bem próximo ao centro das coisas. (GEERTZ, 2004, p.184)

5 - O LUGAR DA ADF: AS RELAÇÕES INSTITUCIONAIS EXTERNAS E A INSERÇÃO DA ADF NO MUNDO PENTECOSTAL.

O presente capítulo tenta compreender como a ADF se relaciona com algumas instâncias externas. Como pontos principais, utilizando as entrevistas com o pastor Edinaldo, procuro traçar paralelos entre a ADF e a principal instância convencional das Assembléias de Deus: a CGADB. Além disso, tento entender como o nome da igreja se relaciona com o universo assembleiano em geral, a utilização do carisma da AD e da rádio Céu FM como instrumento privilegiado de difusão da mensagem evangélica e carismática.

5.1 - A ADF E SEU PAPEL NO CÍRCULO PENTECOSTAL

Como apontei no último capítulo, sempre quando é entrevistado, o pastor Edinaldo assume uma postura de recíproca para com seus interlocutores, ele se mostrou bastante intelectual nas duas entrevistas concedidas a mim e, quando da entrevista com a Folha de São Paulo, afirmou para o jornalista que seu maior desejo era ser jornalista, maior ainda do que ser pastor, numa amigável tentativa de estabelecer uma identificação e criar maior empatia com o entrevistador.

Mas, quando construí o roteiro para a última entrevista, minha intenção não era saber apenas da trajetória do pastor Edinaldo como líder carismático, mas também como sua igreja se inseriria em um todo maior, e, daí, como seria possível a existência do poder carismático centralizado como o seu. Até a metade da estadia no campo, eu não tinha certeza se a ADF participava ou não de um órgão geral regulador, como a CGADB ou a CONAMAD, por exemplo.

Assim, questioneei o pastor se ele pertencia à CGADB:

Ronald: (...)O senhor falou sobre a CGADB, ela [a AFD] não faz parte da CGADB...?

Pastor: Não, hoje a ADF, não só a ADF como muitas igrejas, optaram pela sua administração à parte, porque a situação financeira, muitas vezes, ela é importante ela deve investir onde ela está e muitas vezes era desviado ou retirado para outros setores, outros setores eu quero dizer outros estados, outros países e acabava que aquela igreja ficava o tempo todo naquela comunidade e não desenvolvia nada. E na constituição a igreja precisa se desenvolver, alguma coisa aqui entre a comunidade para o bem-estar da comunidade, da própria igreja etc. Então

eu vivi engajado na Convenção Geral muitos anos, depois eu descobri que era tudo... era um lugar de confraternização, apenas de confraternização, não se resolvia muita coisa, não se ajudava muito. **Aí hoje eu faço parte do Conselho de Ministros, onde hoje o presidente é Jarbes de Alencar**, lá em São Paulo. A gente se reúne, participo sempre, faço parte apenas desse conselho, tenho outros vínculos, em outros setores, mas a igreja Assembléia de Deus da Família hoje, ela é uma igreja da comunidade, do povo.

Com sua fala, o pastor deixa claro que não optou por estar na CGADB, pois ela se resumiria a um “lugar de confraternização” e cita um “Conselho de Ministros”, liderado pelo pastor Jarbes de Alencar. Encontrei bastante material na internet sobre Jarbes de Alencar e sua família. O pastor Jarbes é líder da *Assembléia de Deus Ministério Bom Retiro*, com página própria na rede. Mesmo sendo seu nome citado inúmeras vezes, em nenhuma delas a existência de um grupo de ministros apareceu. Não afirmo que tal conselho não exista, mas creio que, ao afirmar que faz parte de um conselho, o pastor Edinaldo pode ter tentado legitimar seu ministério a partir de um nome respeitado como o do pastor Jarbes de Alencar.

Uma outra possibilidade é que a filiação à CGADB é paga, o mesmo para manter-se nela. Ao recusar participar de uma convenção nacional, o pastor pode estar se afastando de uma representação mais ampla, mas ao mesmo tempo salvaguardando as finanças de sua igreja. Essa opção pode ser resultado de o pastor não reconhecer o carisma institucional da CGADB, já que ela não detém hoje o prestígio de representante última da ortodoxia assembleiana (FRESTON, 1994, p.87)

Se Edinaldo realmente participa de uma junta de pastores, esta não exerce controle visível quanto ao andamento das igrejas de seus associados, pois, como já observamos, toda a dinâmica interna é decidida pelo próprio Edinaldo e não por um colegiado, seja ele interno ou externo.

Ainda sobre a importância da CGADB, o pastor afirma:

Pastor: [...] a CGADB é assim: vem lá “CGADB”, mas eu posso, por exemplo, se eu quiser estar na CGADB agora, é só eu dar um telefonema aqui que daqui a pouco eu estou na CGADB. Daqui a pouco você vai me achar lá na internet. Daqui a pouco, se eu quiser, agora... eu tenho lá influência, lideranças, influências lá dentro... se eu ligar agora, acabou!

Ronald: Mas não é interessante, não é?

Pastor: Não, não é interessante porque é simplesmente pra manter uma aparência, eu não gosto disso. Eu não preciso disso. Eu preciso de Jesus. Eu confiei muito neles, depuseti muito minha confiança neles, nunca me ajudaram em nada! Eu não quero ajuda pra mim, não, eu quero comida pro povo, roupa... eu quero que me traga uma ajuda pro povo, mas ninguém dá, meu irmão... só tira, tira então não funciona não... pra tirar daqui, ninguém manda... ninguém vem aqui tirar leite de onça. Eu estou aqui sem comer desde manhã... eu acordo sete horas da manhã, vou dormir duas horas! Eu durmo cinco, quatro horas por dia, por noite... minha vida é trabalhar. Minha voz, minha saúde, minha casa, minha filha, minha família é dedicada, é tudo sacrificada ao Senhor. Se ninguém me ajuda, todo mundo quer tirar, então não vai tirar não.

Podemos ver que, embutido em sua fala o pastor se preocupa, além de tudo com a questão financeira de sua igreja. Ao afirmar o “Se ninguém me ajuda, todo mundo quer tirar,

então não vai tirar não.”, fica claro que, como supus mais acima, a questão financeira é determinante para a filiação ou não na CGADB.

Questionar sobre a importância da CGADB foi um ponto estratégico de minha entrevista, pois, logo que cheguei à ADF, pedindo permissão para o trabalho, o pastor Edinaldo me emprestou o livro de comemoração dos 90 anos da CGADB, me dizendo: “nesse livro você vai entender toda a nossa história, a história da Assembléia de Deus”. O livro, publicado pela CPAD, de quase novecentas páginas, contava a trajetória da CGADB desde a década de 1930 até os anos de 1990.

Não se pode negar, então, que, mesmo afirmando não pertencer ao grupo da CGADB, o nome *Assembléia de Deus* que sua igreja ostenta não representa apenas um nome fantasia, mas pelo menos um *ethos*, mesmo que de forma mínima.²⁸ Uma prova disso foi o culto comemorativo de 95 anos da AD no Brasil, feito pelo pastor Edinaldo em 2006. Nesse culto o pastor celebrou a história da AD no Brasil, com os missionários Daniel Berg e Gunnar Vingren, em 1911 na cidade de Belém do Pará. Mas, quando questionado sobre o porquê da sua igreja se chamar Assembléia de Deus da Família, ele responde:

Ronald: E por que o nome “Assembléia de Deus da Família”? Essa é a curiosidade...

Pastor: “Muito bom. Porque “Assembléia de Deus”, se eu botar “Assembléia de Deus”, aí um outro botou “Assembléia de Deus”, aí eu vou pra rádio: “Assembléia de Deus”, mas onde? Como? Por que é que tem um sobrenome? “Assembléia de Deus da Família”, “Assembléia de Deus de Madureira”, “Assembléia de Deus de Belém”, “Assembléia de Deus Renovada”, “Nova Assembléia de Deus”, “Primeira Assembléia de Deus”, “Segunda Assembléia de Deus”, “Terceira Assembléia de Deus”... é pra definir a mente do povo. Engraçado, tô lá, “Assembléia de Deus da Família”, registrada em cartório, tudo certinho... essa semana mesmo eu recebi uma ligação da ‘Assembléia de Deus da Família’, nem conheço.

Ronald: Outra Assembléia de Deus também chamada “da Família”?

Pastor: “da Família”. Acontece muito isso... a gente não vai brigar com os nossos irmãos por causa dessas besteiras... mas eu vou ter que colocar “Assembléia de Deus da Família II” daqui a pouco... [ambos riem] daqui a pouco “Assembléia de Deus da família III”...

Ronald: Ou “Assembléia de Deus da família Brasileira” ou “de Duque de Caxias”...

Pastor: “Mas é isso. É pra diferenciar o seu trabalho daquele trabalho. Senão as pessoas acabam generalizando tudo, vendo “Assembléia de Deus”, vai pra qualquer uma... e você está lá na rádio, chamando o povo pra vir pra sua igreja e o povo não vem porque você não está sabendo falar. **É um nome-fantasia, pronto. É uma jogada de marketing.**”

“Um nome fantasia”, “uma jogada de marketing”. Essas expressões soaram fortes, pois, na concepção de Edinaldo, o nome da sua igreja poderia ser qualquer outro que não trouxesse confusão de sua igreja. Essa afirmação pode ser alocada ao lado da importância dada pelo pastor à comunicação com seus fiéis, chamados por ele também de “ouvintes”. Esse “marketing”, ainda que banalizado na fala acima, também pode ser considerado como um tipo

²⁸ Mínima no sentido de seus costumes e forma de organização interna e doutrinal nada se pareça com a AD tradicional.

de carisma, pois a voz do pastor transmitida nas ondas do rádio consegue atrair pessoas que nunca vieram na igreja, fazendo à distância milagres como nos cultos de libertação.

Observando de maneira mais crítica, será possível ver que tal depoimento não apresenta toda a verdade. Ainda que possua autonomia de escolher qualquer nome para sua congregação, Edinaldo traz consigo uma vivência religiosa calcada pela Assembléia tradicional, a qual se converteu após sair da Congregacional. Sua igreja, certamente, é em primeiro lugar Assembléia de Deus, sendo “da Família” em segundo.

Uma prova disso é que, mesmo assumindo que não quer se coligar com a CGADB o pastor constrói seus contatos dentro do universo assembleiano, recebendo caravanas de outras AD, tendo pastores famosos em seus congressos – como o pastor Gilvan Rodrigues, de Recife, pertencente à CGADB. Ele recebeu visitas de coligados à convenção de Madureira e à CGADB no seu púlpito. Sua esfera de relações não se afasta muito daquela assembleiana, pois em sua Escola Dominical ele utiliza as revistas da CPAD, material oficial da AD, além de adotar a Harpa Cristã como livros de cantos.

Quero frisar que o pastor Edinaldo decide quando e o quanto a ADF é AD ou não. Esse movimento de aproximação poderia ser efetivado pela adesão a um órgão regulador, ou, no mínimo, por uma conduta condizente com o esperado pelas diferentes convenções existentes. Mas seria necessário um estudo mais amplo para dar conta de toda a estrutura da AD no presente para respondermos se a ADF, seria elegível a uma típica Assembléia de Deus – se é que nos dias de hoje podemos usar a palavra “típica” para as igrejas neopentecostais...

O que posso afirmar é que dois pontos cruciais colocam a ADF distante da ortodoxia pregada pela CGADB: a presença de um pastorado feminino e a atitude centralizadora de Edinaldo Silva à frente de todas as decisões internas. Tais comportamentos poderiam ser aceitos pela Assembléia de Deus Ministério Bom Retiro, do qual Edinaldo diz fazer parte, ou talvez da CONAMAD, a convenção de Madureira. Mas aceitar participar de um órgão regulador faria com que o poder centralizado do pastor Edinaldo viesse a ser enquadrado em uma esfera que fugiria de seu controle pessoal, o que não acredito que ele aceitaria.

Não seria difícil acreditar que o pastor Edinaldo esteja interessado em fundar uma nova convenção, ainda que seus recursos não permitam nem de longe uma empreitada de tal envergadura. Em um de seus cultos, o pastor me falou que estava trabalhando para que uma rádio de Recife transmitisse seus cultos, afirmando assim que possuía uma grande influência naquela cidade. Anda nesse sentido, Reginaldo Apolinario também afirmou algo semelhante: recebera a proposta de abrir uma filial da ADF em terras pernambucanas. Edinaldo teria

proposto o sustento da família do presbítero até que esse pudesse se sustentar com a renda de seu ministério.

Se Edinaldo conseguir seu objetivo, teremos uma nova igreja Assembléia de Deus, inaugurando uma nova e diferente forma de organização, tendo um pastorado feminino se multiplicando pelo país. Certamente isso é apenas uma hipótese, pois, como já disse, sua renda não parece alcançar esse patamar, mas essa escalada não seria de todo absurda, pois, como sabemos, a IURD do *bispo* Edir Macedo e a Internacional da Graça não fizeram caminhos muito diferentes.

Claro que seria imaturo afirmar que a fórmula de crescimento da IURD ou outras daria o mesmo resultado com a ADF, já que essas igrejas foram criadas em outro contexto histórico e social. Mas observando o crescimento das igrejas autônomas locais, é possível afirmar que o florescer de grandes igrejas, impérios multimídia, como a IURD, convive com o proliferar de pequenas igrejas com autonomia doutrinal.

A ADF, como pode ser visto na última fala do pastor, é apenas mais uma possibilidade de Assembléias de Deus. Não se pode deixar de ver que hoje a Assembléia de Deus não significa uma igreja única. Se existe, ainda, uma tentativa de sugerir uma ortodoxia para as AD, essa será a CGADB,²⁹ já que é nesse grupo que temos a linhagem inicial da igreja com os suecos no início do século XX. Mas, depois de 1987, com a cisão de Madureira, vamos ver o nascer de diversas vertentes assembleianas. Em outras palavras, é muito fácil saber que a CGADB é a representação mais velha e possuidora da linhagem corrida dos fundadores, mas a questão é: será que essa convenção representa hoje as Assembléias de Deus?

O Pastor Edinaldo, como já foi exposto, não acredita que seja necessário aderir a uma convenção para validar seu ministério assembleiano. Ele afirma que sua igreja é “light”, criticando todas as formas de comportamento retrógrado. Ele se acha enquadrado em um diferente tipo de AD, e, quando perguntei sobre igrejas AD renovadas ele apontou uma série de questões. Como podemos ver no trecho da entrevista de 2008:

Ronald: [...] eu gostaria de saber, alguns amigos meus assembleianos falaram sobre “Assembléia de Deus Renovada”. O que seria exatamente isso, pastor? Essa idéia de “renovação” dentro da Assembléia de Deus? Isso realmente existe... é só mais um título?

²⁹ A CGADB ainda se considera a genuína Assembléia de Deus. É possível confirmar tal opinião se lermos atentamente seu estatuto, que é disponível online, onde, como parágrafo de abertura podemos ler: “*Em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo, nós, legítimos representantes das Assembléias de Deus no Brasil, reunidos em Assembléia Geral Extraordinária na cidade de Florianópolis, Capital de Santa Catarina, com poderes para reforma do Estatuto da Convenção Geral das Assembléias de Deus no Brasil e tendo em vista a paz, harmonia, disciplina, unidade e a edificação do povo de Deus, elaboramos, decretamos e promulgamos o seguinte Estatuto (...)*” Grifo meu. Disponível em <http://advi.com.br/cgadb/index.php?option=com_content&task=view&id=34&Itemid=28>. Visitado em 23/05/2008.

Pastor: É só mais um título... é mais um título, pronto! Você já conversou com outros, não foi?

Ronald: É, geralmente eram de igrejas Assembléia de Deus muito radicais.

Pastor: Pronto... eu sou uma igreja “Renovada”, quer dizer isso: as pessoas não usavam brinco, pulseira, anel... tinha que dormir de palito, gravata, papapá... papapá... a igreja renovada é essa agora, que bate palma, que canta, que é alegre, que é descontraído. É essa igreja. A tradicional não batia palma, eram aqueles hinos antigos. Então quando diz ‘renovada’ é porque adota as coisas atuais... nós somos “renovada”, a gente se encaixa nisso. Toca as músicas de hoje, os ritmos de hoje, um reggae, uma salsa, um merengue, um forró... é sempre bem vindo, né? Todos os ritmos é do senhor. Então a outra não, a outra era mais uma valsazinha...

Ronald: No máximo...!

Pastor: Aí é “**papai-mamãe**” também... Deus me livre... [risos] comparar uma música dos anos trinta... comparar uma Emilinha Borba, um Vicente Celestino... eu tava, por exemplo, eu tava lá na... como é que é o nome... eu tava lá na Paulista, em São Paulo tem uma loja lá na Paulista, em frente à TV Gazeta, me esqueci o nome agora, era uma loja de vídeo... uma das maiores lojas de São Paulo, um luxo de loja. Tava ouvindo lá umas músicas dos anos vinte, trinta... é muito diferente, muito diferente. Naquela época o lado urbano era muito pouco, era muita terra, era muita fazenda, era muito rural... então esse louvor, esse canto em uma região urbana já não tem mais... então a turma se estressou mais... o pessoal ficou meio doido então os ritmos enlouqueceram também. Então você não pode vir agora com aquele ritmo porque senão o louco agora é aquele! Se você vier com aquela choradeira do passado agora é loucura mesmo.

Edinaldo vê a doutrina das igrejas tradicionais das AD como um fator de religiosidade rural e um retrocesso no tempo. É como se ele tentasse adequar a sua nova igreja a uma realidade urbana, a qual pertence nos dias de hoje. Mas o que é mais curioso nos cultos da ADF é que esse abandono não foi completo: as músicas cantadas na igreja são na sua maior parte *gospel* moderno, mas a Harpa Cristã não foi abandonada e as músicas cantadas na década de 1940 ainda são executadas, principalmente pelo coral masculino.

Aproveito o ensejo para questionar sobre as roupas:

Ronald: Até em questão de roupas também...

Pastor: Principalmente roupa. Você imagina você ver uma novela de época, uma mini-série ou estuda alguma coisa de época, veja a roupa do povo! Naquela época, né... não dá mais pra botar uma roupa daquela agora, até porque o próprio planeta esquentou. As próprias organizações mostram que tá tudo muito mais quente, o ser humano... imagina uma roupa daquela agora aqui na gente... [era um dia muito quente e não havia ar condicionado no gabinete do pastor, ambos estávamos suando muito] era uma confusão, não dá. Então “renovado” por isso. Já você vai à Alemanha, numa cidade fria, na Rússia, você não vai ficar assim com você está lá, você é obrigado a se empacotar. Aí Gunnar Vingren e Daniel Berg vieram da Suécia, rapaz, gelado na época, isso há cem anos atrás, camarada, quer o quê?! Tu imagina o mundo há cem anos atrás, no planeta! Aqui não tinha um prédio, aqui só tinha árvore, era muito frio isso aqui... olha a temperatura que está agora! Cem anos, amigo! Presta atenção nisso! Então eles vieram naquela época, cem anos atrás pra cá com aquelas roupas, aí se eu gostar de azul todo mundo vai gostar de azul, porque o que o líder faz, o povo costuma fazer, então todo mundo usava aquela roupa, estilo europeu, entendeu? Frio, no Brasil. Achava que aquilo fazia parte do ritual de religião, mas não é! Totalmente errado, é costume. Não vamos misturar costume com a Palavra. Então “renovada” por isso. A minha mente hoje pensa assim, a mente de muitos hoje pesa assim. Antigamente a gente não tinha tempo de pensar isso, porque não era a gente que pensava, eram outros que pensavam por nós.

Novamente, o que Edinaldo afirma não foge da verdade de sua igreja, mas não a alcança por inteiro. As roupas não são alvo de críticas na congregação, pois diversas jovens participam de calças compridas, blusas curtas, brincos e batom. Mas se observarmos os

homens, eles estarão usando ternos e gravatas, não importa o quão quente possa o dia estar. E por diversas vezes, vi pessoas me olharem desconfiadas quando esquecia de tirar meus brincos durante o culto.

Algumas pessoas não se vestem de forma “*light*”, na linguagem do pastor, pois, boa parte delas provém de AD tradicionais. Elas são as mesmas mulheres e homens trajando roupas compridas e, sem brincos, anéis, colares ou apetrechos de beleza.

O pastor defende a contextualização da mensagem bíblica, com sua atitude modernista, tanta apresentar uma imagem mais atual não só da mensagem, mas da forma de sua transmissão. Ele aposta na rádio e em CDs e DVDs e, mais ainda, cria novas regras que sempre mudam, de forma líquida. Ao agir dessa forma, ele se afasta cada vez mais da proposta tradicional defendida pela CGADB, que ainda se apegua aos modelos antigos de participação. Sua atitude deixa claro que sua recusa a um órgão regulador, além de econômica tolheria sua liberdade de criação dentro de sua própria igreja. Mesmo que afirme fazer parte do “*Conselho de Ministros*” do pastor Jarbes de Alencar, esse vínculo não se manifesta visivelmente em sua postura ou na direção doutrinal de sua igreja.

5.2 - CARISMA RADIOFÔNICO

A trajetória de Edinaldo como radialista em Recife teve certamente muita influência sobre sua atuação pública, tanto na igreja como na rádio que utiliza para propagar suas mensagens, a *Rádio Céu FM*. Desde o início da pesquisa, pude ver que o pastor se apegua bastante com assuntos relacionados à música e à radiodifusão. Ele foi até motivo de entrevista na revista *Backstage*, no ano de 2007. Quando perguntei sobre a fundação da rádio ele afirmou:

É, foi uma iniciativa minha... tem muitos anos atrás, não só hoje, nem só aqui no Rio... em todo canto que eu andei, fui radialista, também, sempre tive paixão por rádio. Sempre criava... em todo canto que eu vou eu sempre coloco um programa de rádio, sempre gostei de rádio... esta rádio a gente assumiu ela, por um tempo...

Reginaldo Lira, que acompanhou a fundação da igreja, afirma que muito do que se arrecadou com a igreja foi investido na rádio. Ainda que não a tenha comprado, Edinaldo arrendou-a e organizou sua programação até o ano de 2007, quando decidiu abrir mão do arrendamento, passando a alugar horários nela.

As chamadas na Rádio Céu FM, que difunde os cultos gravados e também preleções de Edinaldo durante o dia, são uma forma eficaz de a igreja ser conhecida fora do círculo do bairro. Os depoimentos de milagres à distância atribuídos ao programa de rádio possuem um

certo carisma particular. O carisma pessoal de Edinaldo alcança seus ouvintes que o reconhecem como um “homem de Deus”. À estratégia da rádio pode ser somadas à produção de CDs e DVDs feitos no próprio templo, com mensagens diversas cultos de libertação. A fixação do carisma do pastor na mídia gravada e na difusão radiofônica é uma tática que funciona na ADF.

Essa aproximação com a mídia também é uma característica típica das igrejas neopentecostais, como podemos ver com a Igreja Universal e seu canal de TV, a igreja da Internacional da Graça com os programas de R. R. Soares dentre outras denominações menores que compram horários em diferentes redes de TV. A minúscula Rádio Céu FM, segundo Edinaldo, é somente o início de um empreendimento muito maior:

Primeiro, em questão de comunicação, a gente procura colocar um programa com uma hora ou duas horas de duração em uma das TVs, pode ser CNT, Rede TV!, pode ser Bandeirantes... a que a gente tiver um retorno melhor e falar uma língua de negociação melhor, também, porque você sabe que publicidade, mídia é muito caro. Só que a gente vai chegar lá! [...]

A sua lógica religiosa passa obrigatoriamente pelo cunho do espetáculo, seja na rádio, com a difusão de sua voz, seja mesmo nos templo da Catedral, onde todos os cultos se parecem com grandes shows, sendo o pastor Edinaldo como centro ou também pelos DVDs, nas casas de seus fiéis. Essa postura espetacular nos aponta Campos (1997, p.72), seria comum na IURD assim como em outras igrejas neopentecostais:

Da análise dos cultos da Igreja Universal, assim como de outras liturgias neopentecostais, pudemos observar que eles são espetáculos a serem assistidos e com a participação dos presentes. [...] No decorrer do culto, o espaço litúrgico se torna um teatro, onde sagrado é construído socialmente por todos os atores, indistintamente posicionados, no palco ou na platéia.

5.3 - RENOVAÇÃO NA AD³⁰

Seria deveras precipitado abordar uma tipificação de todas as AD renovadas, pois o presente trabalho se refere apenas ao estudo de uma única congregação, mas, me arrisco em afirmar que as ditas AD renovadas se apegariam muito mais na oferta carismática individual

³⁰³⁰ Na análise da “Renovação na AD”, utilizei como comparação apenas uma convenção nacional: a CGADB. O motivo de tal escolha foi dentre outros, a impossibilidade de comparar todos os modelos convencionais diferentes existentes no país. Outro fator é que a CGADB é a fundadora da doutrina assembleiana, como já vimos no capítulo dois, assim, decidi utilizar um parâmetro único de comparação entre esta última e a ADF. Não me refiro ao conceito “Renovadas” utilizado por Fernandes (1998) na pesquisa “*Novo Nascimento*”, que trata de igrejas protestantes tradicionais que assumem uma postura avivada.

do que no apelo à institucionalização convencional. Essas inovações não aceitas pela CGADB, afastariam naturalmente essas novas igrejas daquela convenção, que tem claro na sua doutrina oficial:

- 1 – Ter os homens cabelos crescidos (1 Co 11.14), bem como fazer cortes extravagantes;
- 2 – As mulheres usarem roupas que são peculiares aos homens e vestimentas indecentes e indecorosas, ou sem modéstias (1 Tm 2.9, 10);
- 3 – Uso exagerado de pintura e maquiagem - unhas, tatuagens e cabelos- (Lv 19.28; 2 Rs 9.30);
- 4 – Uso de cabelos curtos em detrimento da recomendação bíblica (1 Co 11.6, 15);
- 5 – Mau uso dos meios de comunicação: televisão, Internet, rádio, telefone (1 Co 6.12; Fp 4.8); e
- 6 – Uso de bebidas alcoólicas e embriagantes (Pv 20.1; 26.31; 1 Co 6.10; Ef. 5.18).³¹

E, ainda, a existência de pastoras na igreja seria um empecilho para o enquadramento de igrejas na CGADB. Outra parte de sua doutrina oficial é clara:

Posição Contrária à Ordenação de Pastoras

A Convenção Geral das Assembléias de Deus no Brasil, esclarece as dúvidas de muitos irmãos acerca do seu posicionamento contrário a ordenação de mulheres ao ministério pastoral, através de um parecer do consultor teológico da CPAD, pastor Antônio Gilberto que mostra bíblicamente que não há subsídios bíblicos para a ordenação de pastoras.

Não, não é correto. É uma resolução e provimento de certas igrejas locais e mesmo denominações, e isso sem estrito suporte das Escrituras Sagradas, como ocorre com outros fatos de somenos alcance.

Jesus, no seu ministério terreno, teve auxiliares mulheres. Eram santas mulheres, que o serviram e aos seus apóstolos, de várias maneiras, até à cruz, mas Ele nunca as nomeou para o santo ministério, como este termo é hoje entendido entre nós. Ora, Jesus sempre sabia o que fazia e o que deveria ou não ser feito.

O apóstolo Paulo, constituído por Deus, pregador, apóstolo e mestre, o maior expoente como obreiro do Senhor, nunca separou, nem ordenou, nem mencionou diaconisas, pastoras, episcopais (bispas), apóstolas, etc., apesar de carinhosamente destacar obreiras do Evangelho, cujos nomes estão eternizados nas páginas da Bíblia, por causa do dedicado e amoroso desempenho delas no serviço do Senhor.

Casos como o de 1 Timóteo 3.11, basta um exame acurado, demorado, erudito, imparcial e sem idéias preconcebidas do contexto, para se ver que não se trata de diaconisas. No caso tão citado de Febe (Romanos 16.1), a expressão "a qual serve a igreja" (literalmente "a qual exerce o diaconato"), sua construção frasal no texto original está no masculino. É que talvez não havia ali em Cencréia diáconos, por estar a obra no seu início, ou porque não havia diáconos suficientes, e então Febe deve ter desempenhado essas funções em caráter especial e provisório.

Ora, a obra de Deus não deve sofrer devido a limitações humanas como deve ter sido o caso da congregação de Cencréia (que na época era o porto oriental da cidade de Corinto).

Casos como o de Débora e Hulda (no Antigo Testamento) devem ser estudados nos seus respectivos contextos. Textos como Números 8.11, igualmente. No Novo Testamento, casos como o de Ana, as filhas de Filipe, as mulheres cooperadoras de Romanos 16, seguidas de Evódia e Síntique (em Filipenses), devem ser considerados em seus respectivos contextos diversos. Uma reflexão diante de Deus, partindo dos textos como 1 Coríntios 3.10-11 é fundamental aqui para o norteamento do consulente.

³¹ Todas as referências à doutrina da AD, Cf. site oficial da CGADB disponível em: http://advi.com.br/cgadb/index.php?option=com_content&task=view&id=39&Itemid=36. Visitado em 25/06/2008.

Ainda sobre a irmã Febe: em situações como a daquela igreja, Deus suscita a quem Ele quiser, mas isso não significa uma regra bíblica; é exceção. Isso revela a soberania de Deus, mas saiba-se que não é uma regra geral da parte do Senhor.

Mas a posição do pastor Edinaldo mostra claramente que não abriria mão de sua autonomia doutrinal em troca de participar na Convenção Geral ou de outra que regulasse seus passos. É possível que muitos outros pastores pensem da mesma forma.

Sendo assim, poderíamos ainda considerar as AD renovadas como igrejas pentecostais? Seriam neopentecostais? Em minha opinião, seria mais realista aceitar que as renovadas sejam a versão neopentecostal das Assembléias de Deus.

Levando em conta a tipologia de Freston (1994) das três ondas, a Assembléia de Deus, como já disse, representaria a mais importante representante da primeira onda. No meu ponto de vista, as renovadas traduziriam como a AD responde à chegada dessa terceira onda.

O papel do líder carismático que não rompe totalmente com a instituição, mas não a obedece por completo não seriam características apenas do pastor Edinaldo, mas sim um comportamento possível em outras igrejas neopentecostais. Ao analisar o chamado “*Pentecostalismo Autônomo*” Bittencourt Filho (1994, p.31, grifos do autor) aponta que o pentecostalismo autônomo possuiria um

individualismo coletivista. A contradição presente nesse título tenta apontar um paradoxo do Pentecostalismo Autônomo: o mesmo aspecto que favorece e padroniza o comportamento massivo dá condições de cada qual usufruir, a seu modo, dos bens simbólicos oferecidos.

A ADF, no decorrer da pesquisa se aproximou cada vez mais do modelo neopentecostal. Quando do início da pesquisa, havia a constante visita à harpa Cristã, mas, após um ano de campo, esse costume mudou, ainda que não tenha sido de todo abandonado. A Harpa se confinou, quase que totalmente, às apresentações do coral dos homens. Essa mudança se deu principalmente por causa das “oportunidades” musicais dadas aos membros que cantam bem, assim como ao pastor, que lidera os cânticos da igreja durante o culto.

A ADF se enquadra como neopentecostalismo em todos os quesitos apresentados por Mariano. E concordando com o autor, será necessário um novo conjunto de tipos ideais para que possamos compreender seus caminhos futuros – como os de todas as outras AD renovadas ou igrejas neopentecostais contemporâneas.

O não interesse do pastor Edinaldo em se filiar a uma congregação seria facilmente compreensível se o observássemos por esse ângulo: não se é necessário aderir a organismos formais de regulamentação superior se você optar por autonomia e autogoverno, mesmo se utilizarmos um nome fortemente ligado a uma tradição específica, como a AD. Para que a

nova igreja tenha sucesso – focando na ADF – é necessário que o carisma pessoal de seu líder seja grande o suficiente para dar conta de uma realidade pentecostal tão mutável quanto a sociedade que a cerca. Não será necessário que se prove a legitimidade da ADF como AD, ainda mais porque não teríamos mais – como há sessenta anos, tempo da formação da CGADB – apenas um modelo de AD, mas diversos, assim como diversas convenções e ministérios. As novas Assembléias de Deus, as renovadas, pode vir a ser o modelo futuro da AD. Um exemplo claro dessa perspectiva me foi mostrada em um grande cartaz em frente a uma igreja próximo à minha casa. Nela estava escrito: “ASSEMBLÉIA DE DEUS RENOVADA”, com os horários dos cultos e frases estimulantes de cura e libertação, além do nome do pastor. O que me deixou realmente intrigado é que, logo no canto inferior esquerdo da placa se encontrava o número pelo qual a igreja estava regulamentada junto à CGADB.

Uma questão resta a ser discutida nesse capítulo que, como proposto trataria da atuação do pastor Edinaldo que como líder carismático rompe com o carisma institucional e não se alinha a qualquer agência reguladora das Assembléias de Deus – levando em conta que o dito “conselho de pastores” não significaria uma. O que os fiéis acham desse não alinhamento? Ou em outras palavras, seria o carisma pessoal do líder mais importante o de uma convenção para esses fiéis? Mesmo se mostrando muito democrático, o pastor Edinaldo em momento algum assume que a opinião de suas ovelhas seria importante na sua situação autônoma.

O que posso dizer – tendo unicamente a experiência da participação dos cultos da ADF, o questionário, e as entrevistas – é que não há nenhuma reclamação por parte dos participantes dos cultos, sejam eles consumidores de bênçãos ou membros cadastrados, quanto ao alinhamento de sua igreja. Muitos deles, como foi o caso dos obreiros Sérgio e Daniel – que tomavam o mesmo ônibus que eu para voltarem do culto, respondendo minhas dúvidas sobre a ADF e o pentecostalismo em geral – possuíam um discurso pronto quando a pergunta era: “A ADF é uma igreja Assembléia de Deus como as outras?”, eles respondiam: “Sim, mas aqui os costumes são diferentes, não é tão rígido como em outras, mas todo mundo é assembleiano do mesmo jeito”. Não havia dúvidas quanto à eficácia do carisma institucional da AD na ADF. A meu ver, os fiéis aceitavam carisma próprio da ADF, assim como o da AD em conjunto com o carisma pessoal do pastor. Esse último carisma faz com que todos os

outros coexistam de forma homogênea, todos são assembleianos, mesmo que as escolhas pessoais do pastor acerca da doutrina seja muito diferente de outras AD.

Não se pergunta nos corredores por que não se participa desta ou daquela convenção, e o motivo é simples: as convenções são muito mais assunto de pastores do que da hierarquia subalterna composta de diáconos e presbíteros. Aos fiéis do templo, sem posse de postos – pobres das classes baixas de Duque de Caxias e São João de Meriti – o que vale é o milagre diário da congregação, o louvor do pastor pelo rádio e as “vitórias” alcançadas no convívio religioso.

Seria possível, assim, afirmar que as convenções não teriam um carisma reconhecido pelos fiéis comuns, seja pela sua distância com esse público, seja pela falta de compreensão por parte dele acerca do papel daquela.

Na realidade, o papel do líder carismático não se alinhar com órgãos regulamentadores não seriam uma demonstração ímpar de força, mas o surgimento de uma nova forma de liderança neopentecostal, existente em outras igrejas de governo autônomo.

CONCLUSÃO

A proposta fundamental nesse estudo se resume a compreender a relação entre o carisma pessoal do líder pentecostal e o carisma institucional da sua igreja, bem como a discutir os possíveis desdobramentos dessa relação.

Todos os pontos subseqüentes, que envolveram dinâmicas de poder dentro e fora da igreja, tais como os alinhamentos institucionais a convenções ou autonomia doutrinal ou liberdade de autogerência econômica, foram desdobramentos naturais da questão central surgidos ao longo da pesquisa.

A observação de campo, assim como as entrevistas e material quantitativo, foram ferramentas metodológicas que, somadas à base teórica, buscada tanto na sociologia de Max Weber como na contribuição nacional ou internacional da Sociologia e Antropologia fizeram com que respostas fossem alcançadas e outras questões sugeridas. Essas últimas se projetam para uma pesquisa futura.

O CARISMA E A HIERARQUIA

O fenômeno pentecostal, surgido na *Rua Azuza*, no início do século XX, nos Estados Unidos foi uma genuína explosão de carisma profético. A nova profecia, o pentecostalismo, colocou de uma forma definitiva – pelo menos para os pentecostais –, o homem em contato direto com a divindade.

O ser batizado pelo Espírito Santo subverteria abertamente o intermédio formal entre Deus e o Homem, simbolizado pelo sacerdote. Você pode estar onde estiver que poderá falar línguas estranhas, não precisará da anuência do clero formal para que possa profetizar. Isso seria a real democracia – ou mesmo *socialismo*? – espiritual no cristianismo instituído.

Mas, se a realidade é essa, por que a existência do clero formal nas igrejas pentecostais? Como funciona a relação entre a formalidade do carisma objetivado da instituição e o livre manifestar carismático do fiel pentecostal?

São esses pontos que vimos serem discutidos nesse trabalho. Num ponto, o carisma da Assembléia de Deus não seria se refletiria na distribuição do poder que seria concentrado em líderes, que segundo Freston (1994), chegariam a ser *caudilhescos*. Para esse autor, a organização das igrejas pequenas subordinadas ao seu “ministério” faz com que pastores-presidentes se tornem verdadeiros *caciques*, com um poder institucional centralizado. No

outro ponto os pastores de congregações pequenas aderem ao nome Assembléia de Deus e têm uma autonomia de tamanho igual às comunidades neopentecostais mais modernas.

O surgimento de Assembléias de Deus Renovadas foi a forma de se conseguir unir a solidez do carisma institucional com a fluidez do carisma pessoal do líder. Abraçando parcialmente o carisma contido da AD, mas recusando sua base estrutural formal, se mostrou a fórmula para o sucesso de novas igrejas. Esse processo se daria com a total liberdade de agremiação – filiar-se a uma convenção ou criar seu próprio ministério – e a adoção de uma doutrina fluida e maleável.

O líder carismático, que constrói sua legitimidade dentro de sua igreja, liga a congregação ao seu nome, numa espécie de simbiose carismática. Em outras palavras, tendo com exemplo a ADF, o pastor Edinaldo é conhecido pela igreja que construiu, e, vice-versa, a ADF também é chamada de “igreja do pastor Edinaldo” pelos fiéis da congregação. Ao identificar a legitimidade da igreja com a eficácia de seu pastor, as regras doutrinárias daquela podem muito bem ser controladas por este. O que acontece todos os dias na ADF. Ninguém protesta com as mudanças ocorridas, muito pelo contrário, nos questionários recolhidos, algumas fiéis escreveram bênçãos em benefício do pastor.

Não foi minha idéia generalizar essas afirmações a todas as novas Assembléias de Deus, mas, utilizando o modelo por ela oferecido nos quase dois anos de observação, seria possível arriscar uma maior amplitude nessa afirmativa. Na igreja de Edinaldo não há uma quebra formal com a hierarquia: mantêm-se a ordem de lideranças ministeriais – pastores, evangelistas, presbíteros, diáconos, auxiliares de trabalho – mas, ao mesmo tempo, a eficácia das lideranças não existe na prática. O pastor distorce a relação de poder dentro da sua igreja, criando uma dependência dos líderes com sua vontade pessoal. Como vimos, seus subordinados na hierarquia formal da igreja não possuem poderes para decidir o destino da igreja, são ajudantes do líder.

A flexibilidade do pentecostalismo autônomo, que se apóia no fornecimento de bens simbólicos para um público consumidor, quase como num “*mercado 24h*” de bênçãos (BITTENCOURT FILHO, 1994, p.31), poderia ser questionada quando essas denominações individuais não abrem mão do laço institucional com nomes tradicionais, como o da AD.

PROPOSTAS PARA COMPREENDER A RENOVAÇÃO

Falar em igrejas Assembléias de Deus de forma plural e diversificada foi a forma que encontrei para dinamizar o estudo dessa anciã do pentecostalismo clássico. Não encontrei, nos

estudos sobre a Assembléia de Deus que tive acesso, menções sobre uma possível “Assembléia de Deus Renovada”. O trabalho de Rubens Cesar Fernandes (1998) e da equipe do ISER quando usa a categoria “Igreja Pentecostais Renovadas” se refere a igrejas protestantes históricas ou tradicionais que se pentecostalizaram, sendo a *renovação* a adesão a uma expressão avivada da vida espiritual. Quando me referi à *Assembléias de Deus Renovadas*, abordei uma organização neopentecostal que, ao mesmo tempo em que adere ao carisma institucional da Assembléia de Deus, lança-se em direção ao formato neopentecostal, diferenciando-se umas das outras.

Assumir a categoria de AD Renovada foi a tentativa de contribuir para uma pormenorização do fenômeno neopentecostal e encontrar certa ordem num sem número de denominações. Não se pode negar que as AD Renovadas se diferenciam de outras congregações autônomas exatamente pela sua insistência em se definirem como Assembléias de Deus, pois se assim não fosse, poderiam criar um novo nome para si.

Dentre os recursos que pude observar dentro da ADF que possibilitava uma maior dinâmica de seu modelo renovado foi o uso do CD e DVD caseiros, produzidos pela própria igreja, sem a necessidade de recorrer aos estúdios de gravação. O acesso à tecnologia, ocorrido nos últimos dez anos com os gravadores de CD e DVD, seguidos por uma democratização no acesso aos computadores, fizeram com que a ADF produzisse e distribuísse suas próprias mídias de som e imagem, o que gera lucro superior aos custos de produção. Um segundo passo seria a difusão desse material pelo rádio. Não se trataria apenas de um discurso ou pregação do pastor da igreja, mas sim o culto do último domingo em que aquele fiel participou, ele estava presente quando aquela palavra foi dita e se reconhece nisso, como o que ocorre quando nos vemos num show transmitido pela televisão.

A renovação na AD seria, no meu ponto de vista, o resultado da impossibilidade da hierarquia formal controlar e objetificar por completo o carisma pessoal pentecostal das lideranças, sugerindo sempre uma nova profecia. O carisma do líder pentecostal, ainda que siga as regras racionalizantes da hierarquia de sua congregação – pelo menos o mínimo do formalismo assembleiano –, seria um fator importante para o nascimento de AD autônomas, diversificando a instituição e aderindo ao neopentecostalismo.

Como pudemos ver, até mesmo a CGADB está tendo que utilizar métodos mais próximos da massificação da mensagem e a organização em estilo empresarial, através do seu programa de TV. Não é possível ficar alheio às ondas de mudança que contaminam as igrejas pentecostais, e a AD não seria uma exceção.

Não foi minha intenção responder todas essas questões sobre as AD Renovadas que levanto acima, mas elas geraram um precedente que abre caminhos onde novas pesquisas podem ser conduzidas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALMEIDA, Ronaldo de. **A expansão pentecostal: circulação e flexibilidade.** In: F. Teixeira; MENEZES Renata (Org.). *As Religiões no Brasil: Continuidades e Rupturas.* Petrópolis: Vozes, 2006.p.111-122
- ARON, Raymond. **As Etapas do Pensamento Sociológico.** Brasília: UNB. 1982. 557 p.
- BERGER, Peter L. **O Dossel Sagrado.** São Paulo: Paulus. 2004. 194 p.
- BERGER, Peter L.; LUCKMAN, Thomas. **A Construção Social da Realidade.** Petrópolis: Vozes. 2005. 247 p.
- BINTENCOURT FILHO, José. **Remédio Amargo.** In. ANTONIAZZI, Alberto et al. *Nem Anjos nem Demônios - Interpretações sociológicas sobre o Pentecostalismo.* Petrópolis: Vozes, 1994. p.24-33
- BOURDIEU, Pierre. **A Economia das Trocas Simbólicas.** São Paulo: Perspectiva, v.20. 2005. 361 p. (Série Estudos)
- CAMPOS, Leonildo S. **Teatro, Templo e Mercado: Organização e Marketing de um Empreendimento Neopentecostal.** Petrópolis: Vozes. 1997. 501 p.
- CONDE, Emílio. **História das Assembléias de Deus no Brasil.** Rio de Janeiro: CPAD. 2006. 312 p.
- DANIEL, Silas. **História da Convenção Geral das Assembléias de Deus no Brasil.** Rio de Janeiro: CPAD. 2004. 822 p.
- FERNANDES, Rubens C. **Governo das Almas: as denominações evangélicas no Grande Rio.** In. ANTONIAZZI, Alberto et al. *Nem Anjos nem Demônios : Interpretações sociológicas sobre o Pentecostalismo.* Petrópolis: Vozes, 1994. p.163-203
- FERNANDES, Rubens C. *et al.* **Novo Nascimento: Os evangélicos em Casa, na Igreja e na Política.** In: _____. et al. *Novo Nascimento - Os Evangélicos em casa, na igreja e na política.* Rio de Janeiro: Mauad, 1998. p.11-149
- FRESTON, Paul. **Breve história do pentecostalismo brasileiro.** In. ANTONIAZZI, Alberto et al. *Nem Anjos nem Demônios - Interpretações sociológicas sobre o Pentecostalismo.* Petrópolis: Vozes, 1994.p. 67-159
- FREUND, J. **A Sociologia da Max Weber.** Rio de Janeiro: Forense Universitária. 2006. 210 p.
- GEERTZ, C. **O Saber Local.** Petrópolis - RJ: Vozes. 2004. 366 p.
- JACOB, César R. *et al.* **Religião e Sociedade em Capitais Brasileiras.** São Paulo: Edições Loyola. 2006. 250 p.

LINDHOLM, Charles. **Carisma - Êxtase e perda de identidade na veneração do líder**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. 1993. 269 p. (Coleção Antropologia Social)

MAFRA, C. **Os Evangélicos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. 2001. 88 p. (Coleção Descobrimos o Brasil)

_____. **Casa dos Homens, Casa de Deus**. *Análise Social*, n.182, p.145-161, jan. 2007.

MARIANO, Ricardo. **Neopentecostais - Sociologia do Novo Pentecostalismo Brasileiro**. São Paulo: Loyola. 2005. 246 p.

MARIZ, Cecília L. **A Sociologia da Religião de Max Weber**. In: Teixeira, Faustino (Org.). *Sociologia da Religião - Enfoques Teóricos*. Petrópolis: Vozes, 2003. A Sociologia da Religião de Max Weber, p.67-93

MARIZ, Cecília L.; MACHADO, Maria das Dores C. **Weber e o Neopentecostalismo**. *Caminhos*, Goiás.v.3, n.2, p.253, Jul / Dez. 2005.

MARTIN, David. **Tongues of Fire - The Explosion of Protestantism in Latin America**. Massachusetts: Basil Blackwell. 1990. 352 p.

MENDONÇA, Antônio Gouvêa; FILHO, Prócoro Velasques. **Introdução ao Protestantismo no Brasil**. São Paulo: Loyola. 2002. 279 p.

NEVES, André Ruis. **Linha Sobre Linha**: Uma investigação sobre a sociologia da dominação carismática e da cotidianização do carisma no mormonismo (1820-1847). Tese (Mestrado em Sociologia) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.

PIERUCCI, Antônio Flávio. **O Desencantamento do Mundo**. São Paulo: Editora 34. 2005. 236 p.

SPIEGEL, M. R. **Estatística**. Rio de Janeiro: McGraw-Hill do Brasil. 1972.

WEBER, Max. **Política como Vocação**. In GERTH, H.H; MILLS, C. Wright. *Ensaio de Sociologia*. Rio de Janeiro: LTC. 2002. 325 p.

_____. **Sociologia da Autoridade Carismática**. In GERTH, H.H; MILLS, C. Wright. *Ensaio de Sociologia*. Rio de Janeiro: LTC. 2002. 325 p.

_____. **Economia e Sociedade**. Brasília: UNB, 2004. 2 vol.

_____. **A Ética Protestante e o "Espírito" do Capitalismo**. São Paulo: Companhia das Letras. 2006. 335 p.

APÊNDICE A – ENTREVISTA COM A MISSIONÁRIA VÂNIA

Entrevista concedida em 10 de dezembro de 2006, no interior do templo da Assembléia de Deus da Família durante o ensaio da Mocidade, pela missionária Vânia. A entrevistada optou pela entrevista dentro do templo, não dando espaço para uma visita em sua casa. Ela pediu para que, durante a entrevista, não citasse seu verdadeiro nome – chamei-a de “Cláudia durante a entrevista. Decidi conservar seu nome real na transcrição.

R – Ronald

V – Vânia

R: Como você começou a participar numa comunidade evangélica? Não exatamente nessa comunidade, mas de forma geral.

V: Eu sentia que dentro de mim havia um vazio e que eu desejava realmente, verdadeiramente que esse vazio viesse a ser preenchido. Então eu buscava, no início de tudo eu buscava, em vários lugares eu buscava conhecer e ao mesmo tempo eu não achava aquilo que viesse preencher o vazio que estava dentro do meu coração. E, no caso foi há dez anos atrás, ou seja onze anos atrás, que completou onze anos agora, dia cinco de novembro. No caso já faz onze anos que eu estou seguindo a Jesus Cristo, seguindo os passos dele, como fala a Palavra, este caminho e não me arrependo por estar nesse caminho; me arrependi sim dos pecados que eu havia cometido antes, por falta de conhecimento da Palavra de Deus e da Bíblia Sagrada.

R: E você começou desde o início como pentecostal ou você era de alguma outra?

V: Em outra comunidade. Eu me converti numa igreja batista e após quatro anos eu vim para a pentecostal, Assembléia de Deus.

R: Por que você escolheu a pentecostal? O que te convenceu a seguir o pentecostalismo?

V: Eu creio que para todos Deus tem uma missão, Deus tem um propósito. Para todos os seres vivos servirem a Ele, o importante é todos estarem felizes seguindo a Ele e aos seus

mandamentos que é a palavra da verdade, a Bíblia sagrada. Então, não importa, Presbiteriana, Adventista, Batista, Universal... o que importa é todos estarem adorando a Ele em espírito e em verdade e é assim que Ele tem me chamado. Após quatro anos eu sentia algo dentro de mim que ainda tinha que ser preenchido a mais, não é? Mesmo em quatro anos congregando em uma comunidade batista, eu senti que dentro de mim ainda faltava mais, eu queria mais, estava mais sedenta de conhecer mais a palavra da verdade, a Bíblia Sagrada, e, ao mesmo tempo, de buscar, também, o batismo com o Espírito Santo. Aí então eu buscava, eu deixava os trabalhos da igreja onde eu congregava, a Batista, e ia para as consagrações das Assembléias de Deus, vigílias e estava sempre assim, presente me reunindo com aquelas mesmas irmãs, orando, indo na casa delas, buscando a Deus. Foi assim que veio mais a vontade, o interesse de conhecer... de ter assim, mais busca por Deus através da igreja pentecostal.

R: Sua família também é religiosa? É pentecostal?

V: No momento sou só eu, só eu.

R: Como você chegou à Assembléia de Deus da Família? Você começou como obreira...? conhecia o pastor...?

V: Eu era membro mesmo, eu vim, enviada por Deus, Membro. Comecei a congregar desde a fundação, no caso nessa igreja onde estou congregando hoje, desde a fundação, há sete anos atrás. E no caso ali [antigo templo da igreja em Olavo Bilac, Duque de Caxias], foi como uma raiz fomos pegando a base de tudo ali. Depois de seis meses, no caso como membro, eu fui consagrada a Missionária a qual estou até hoje.

R: Como funciona esses postos na igreja, porque eu não entendo muito bem... é o mesmo para mulheres e para homens?

V: começa com “Auxiliar de Trabalho”, “Obreiros”, vamos dizer assim. É o primeiro degrau, segundo, terceiro, até chegar ao pastoral, vamos dizer assim, ou de presbítero, que está assim, quase na altura do degrau de pastor. No caso é: “Auxiliar de Trabalho” – “Obreira”, “Obreiro”, também é Auxiliar de Trabalho; temos também o Diaconato dos “Diáconos”, depois tem outro degrau que é o Presbitério, que responde também é algo maiorato [sic]... não

chamam isso de cargo, o Presbitério, no caso ele responde por tudo que acontece dentro da igreja, o “Presbítero”, é ele que é responsável, o segundo depois da pessoa do pastor. Depois nós temos do presbitério, dos Presbíteros, “Evangelista”, depois do Evangelista nós temos “Pastor”. Já para as obreiras, no caso, o pastor aqui ele consagra “Auxiliar de Trabalho”, consagra também “Missionárias” e consagra também “Diaconisas”, ela auxilia o pastor na mesa na reunião de ceia...; a Diaconisa ora, também, pelos enfermos; tem que assistir os enfermos nos lares (...)

R: E quanto ao dom do Espírito Santo, você é batizada no Espírito Santo...? qual dom você sente chamada a fazer?

V: No caso, a Palavra de Deus fala que ele iria nos batizar, batizar com o espírito de fogo... então, o que acontece, o símbolo do batismo com o Espírito Santo é o fogo, então, o que acontece, nós, quando somos batizados com o Espírito Santo de Deus, nós recebemos por que Ele fala que a cada um Ele dá os dons segundo aquilo que nós temos a capacidade de administrar os dons os quais Ele vai nos dar, porque Ele não vai nos dar nada que nós não saibamos como usar, como administrar; então Ele distribui os dons, todos os nove dons, nós temos os nove dons. Então, como diz a Bíblia lá em primeira Coríntios, os nove dons. E esses dons são distribuídos, pra cada um: interpretação de línguas; variedade de línguas; revelação; milagres: cura; maravilhas; nós temos também os dons de visão, que Deus mostra...; nós temos também o dom da ciência, o dom da interpretação da Palavra de Deus, da Bíblia Sagrada, aquela pessoa que tem facilidade na mente, como você viu hoje, ele abrir um livro, ele abrir uma apostila e logo gravar aquilo em mente, então, o dom da interpretação, você logo interpreta imediatamente, com a sabedoria que Deus nos dá... São nove os dons, e esses dons Deus vai distribuindo para cada um que tem a capacidade que Ele acha que nós temos para administrar esses dons.

R: Então, todo o batizado recebe esses dons?

V: Recebe.

R: Não obrigatoriamente ele manifesta esses dons todos...?

V: Temos que ter, lógico. Aquele que é batizado com o Espírito Santo, ele, já de imediato, instantaneamente... a confirmação do batismo no Espírito Santo são as línguas, logo tem-se as línguas. Logo sabemos quando se fala em novas línguas. A palavra de Deus nos fala que seríamos batizados com o Espírito Santo e falaríamos em novas línguas, uma língua, como muitos usam em falam, uma “língua estranha”, língua dos anjos, a língua a qual nós estaríamos falando e já sabendo o que nós estamos dizendo, interpretando, porque aí nós já vamos ter essa interpretação... o entendimento e a interpretação. A testificação do batismo com o Espírito Santo é o falar em línguas, “falarás em novas línguas”.... e a Palavra de Deus também fala, lá em Efésios, que nós temos que nos encher do Espírito Santo. No caso, onde não há contenda, se enchemos de vinho... o vinho embriaga... se enche de vinho e vai logo começar a contenda, vai falar palavras vãs, não é? E aquelas conversações... então a Palavra de Deus ela então nos adverte que nós temos que nos encher do Espírito Santo de Deus e não de vinho, onde há contenda.

R: No caso, um traz o conhecimento e o outro traz problemas...

V: É, com certeza, seria assim.

R: E você, como mulher, na congregação, você acha que há diferença entre o trabalho para a mulher e outro para homens ou todos os trabalhos são iguais?

V: Sim. Funciona dessa forma: presbíteros, vou começar pelos homens obreiros, a Palavra de Deus fala lá em Thiago, os presbíteros seriam os que iriam ungir com o óleo alguém, porque ele é consagrado a Deus, e iria orar e Deus... quando o presbítero é consagrado ao presbitério, ele logo de imediato ele já recebe esse dom, porque é a palavra na qual está escrito na Bíblia lá em Tiago... que Deus escolheu os presbíteros, que os presbíteros poderiam orar pelos enfermos e seriam curados. Então as obreiras, nós obreiras no caso, nós temos também, quando chegamos em determinados locais, em residências, casas, onde nós estamos entrando para fazer uma visita, digamos assim, em nome do Senhor, se tem alguém enfermo, não vamos voltar na igreja para chamar o pastor, o evangelista ou um presbítero para orar por aquele enfermo, então nós, logo imediatamente vamos orar. Porque a palavra de Deus, ela nos fala, lá em São Mateus, capítulo dezesseis, que “porão as mãos sobre os enfermos”, não é especificamente só pra dentro de uma igreja, ou evangelista ou o pastor. Devemos orar e segundo a nossa fé na ordem que devemos dar em nome do Senhor Jesus, a pessoa tem que

ficar curada. Então nós fazemos visitas, fazemos orações, nós vamos aos lares... não há separação, porque no reino de Deus há trabalho para todos, então todos nós fazemos para não sobrecarregar uma só pessoa.

R: Obrigado, Vânia, agradeço bastante sua entrevista.

APÊNDICE B – ENTREVISTA COM O PASTOR EDINALDO SILVA - 16 DE AGOSTO DE 2006

Entrevista com o pastor Edinaldo Silva efetuada na sala pastoral da igreja Assembléia de Deus da Família, situada no Jardim Metrópole em São João de Meriti.

R: *O senhor poderia falar um pouco da sua trajetória. Sua vivência antes de aceitar Jesus e depois, sua vida em Pernambuco. O senhor pode ficar à vontade, pode falar um pouco da sua família.*

PE: Ah, você está pedindo um testemunho?! Não vai dar tempo...! Foi simples. Eu, nascido de uma família... eu louvo a Deus pela estrutura familiar que nós tivemos, nós somos onze irmãos; existe uma coisa muito forte que a gente tem, são as raízes familiares. Eu cresci vendo meus pais se amarem, se respeitarem, então, isso me ajudou muito. Só que o nível financeiro nosso dificultou muito a educação da gente e eu era uma pessoa que tinha um sonho muito grande, eu sonhava com jornalismo. Eu me apaixonei pelo jornal quando eu tinha por volta de sete anos de idade, despertou a curiosidade de ler, eu queria ler. Me lembro do Jornal do Commercio, do Diário de Pernambuco, um jornal preto e branco, lá em Recife, aí vinha enrolado aquelas barras de sabão...

R: *O senhor aproveitava...*

PE: É, há muitos anos atrás...

R: *O senhor tem quantos anos?*

PE: De idade? Eu tenho 32 anos. Então a gente às vezes, nos idos de oitenta e alguma coisa, a gente estava lendo um jornal de setenta e nove... e aí a gente, difícil ler, não é... as letras ficavam na mão da gente. Eu tinha uma curiosidade muito grande, meus irmãos, eles não tinham muito, mas eu tinha uma curiosidade muito grande, então, eu fui me dando pra esse tipo de coisa, mas não tinha dinheiro, não tinha condições de estudar, eu praticamente aprendi forçado. Quando eu tinha por volta dos onze anos de idade, uma pessoa por nome de Valmir Veríssimo de Souza, amigo da família, me convidou para lavar pratos para um restaurante. O

restaurante dele. Todo mundo trabalhava com cana de açúcar, nos temos um sítio lá; meu pai também foi camponês muito tempo e ele tinha um sonho de criar gado e a gente tinha que lidar co gado e então convivia tanto na cana de açúcar como na criação de gado que era pecuária. Mas eu não queria isso. Não queria isso porque justamente aquele jornal, aquelas leituras abriram minha mente para dentro de um lugar fechado onde era impossibilitado o progresso ali, eu não tinha condições de ter progresso naquele lugar.

R: *Era bem no interior?*

PE: Era um vilarejo mesmo, duzentas pessoas, em todos, perto de uma cidade a cem quilômetros de Recife na Zona da Mata, numa cidade de nome Timbaúba. Até hoje nós temos esse sítio, nós somos uma família muito respeitada lá. Então, eu sentia que eu tinha uma mente fértil, eu sentia isso. Aí, aconteceu a oportunidade de lavar pratos naquele restaurante, e lá me veio a vontade de continuar e de crescer, eu queria crescer, daí, evangélico nada... uma vez, nas margens de um rio chamado Capibaribe, hoje é um rio que está praticamente em extinção lá na cidade, nas margens daquele rio, num domingo á tarde eu ouvi uma música. Nós estávamos pastoreando o gado, e eu escutava uma música que vinha de uma corneta, um alto-falante em cima de uma igreja. aí aquela música veio nos meus ouvidos, era uma música que estava cantando, era tipo uma sanfona que estavam tocando também, só sei que dava pra fazer um barulho... algo que ao mesmo tempo era bonito, eu tinha medo! Eu tinha medo de uma missa, eu tinha medo de escutar um padre falar, por exemplo, eu achava coisa mais horrível do mundo a Ave Maria... “*Seis Horas*” (modifica a voz para dar o tom da radiodifusão da Ave Maria) “*é hora da Ave Maria*”.

R: *Dava Medo?*

PE: Eu achava aquilo tão sem graça, veja em que mundo eu vivia, eu achava uma coisa esquisita! Eu tinha medo de ouvir a Ave Maria. Eu lembro que lá em casa pegava a Rádio Cultura de Guarabira, eu tenho muitos amigos naquela rádio hoje, eu nunca imaginei que eu criança ouvia aquela rádio fosse um dia voltar lá e conhecer pessoas que eu tinha na minha imaginação. Aí seis horas dava... eu lembro de uma passagem que fazia assim: “Atenção senhores passageiros com destino... está saindo de João pessoa à Guarabira mais um ônibus da empresa do Expresso Guarabirense, uma empresa com gente nova para nova...” aí dava aquele toque e aí quando dava aquele toque entrava: “A partir de agora, os pensamentos se

voltam para o Céu, é hora do cristão e do plebeu, um programa da igreja Católica do Brejo da Paraíba...” aí entrava o povo rezando... eu não queria, então crente e católico misturava uma coisa só... achava que não... eu tinha medo, quando criança eu tinha medo. Mas como eu fui lendo, lendo, lendo... e vim para esse restaurante, minha mente mudou. Eu tenho uma irmã, que ela chegava lá em casa, a gente tudo lá... minha mãe foi espírita a vinte e cinco anos...

R: *Kardecista mesmo?*

PE: não, ela trabalhou no Candomblé. Ela não era (?) no caso o Allan Kardec, eu vou chegar aí. Então ela continuava com aquela coisa toda, a gente assistia aquilo, eu achava que aquilo não tinha cultura nenhuma, não tinha nada para oferecer... eu queria alguma coisa que oferecesse paz, verdade, que não me trouxesse confusões, eu sempre fui um sujeito que dei para uma coisa simples mas com responsabilidade com explicação, com uma coisa direta, não gosto muito de rodeios... apesar de eu estar rodeando muito no que estou falando...

R: *Não, o senhor pode ficar à vontade...*

PE: Então, ali a gente... ao misturar muito fui lendo, lendo, lendo e Valmir, lá do restaurante me deu uma oportunidade, eu falei “no dia que eu sair dessa pia aqui eu nunca mais volto”, eu era um sujeito muito otimista, como sou até hoje... então essa força, esse otimismo eu não consegui através da igreja, já existia isso dentro de mim, a igreja apenas só ajudou; a igreja não, a Bíblia, porque as igrejas, hoje infelizmente, se formos frisar bem igreja, as igrejas têm sido uma decepção pra vida de muita gente, culpa não da igreja mas de muitos líderes despreparados.

Então, eu ali naquela coisa, fui posto para assar galetos naquele restaurante. Passei um período e disse “um dia eu saio daqui”, saí pra cozinha, da cozinha eu fui pra copa, na copa eu falei “nunca mais eu volto”, ao balcão, nunca mais eu volto na cozinha, eu fiquei enjoado daquilo. Uma vez, eu conversando com um homem, eu não conhecia ele, no balcão, eu fiz uma amizade com esse homem, servia ele bem, aí ele disse: “eu sou o deputado estadual Gilson Luis, amigo de Mavial (?), Cavalcanti, que é deputado Federal”, e ele disse “você está aqui do lado de trás desse balcão, mas você vai sair daqui hoje, você é uma pessoa muito inteligente, vou falar com o dono do restaurante para tirar você daí.” Ele me tirou para a copa, aliás, para o salão para ser garçom. E tinha uma namorada na época, chamada Lidiane (?), faz muitos anos que eu não a vejo, eu queria... eu me apaixonei muito, primeiro amor, eu disse

“eu quero cantar uma música pra ela”, aí eu entrei numa escola de música, e o meu professor chamava-se orlando e a gente começou pelo violão, era Deus preparando já, eu comecei pelo violão. Lembro que a primeira música que eu cantei foi uma valsa: “quem parte leva saudade de alguém que ama...” uma coisa mais ou menos assim, cantei essa valsa: parece que essa foi a última, a namorada acabou comigo.

Eu aprendi a tocar violão aí cheguei no restaurante e, você sabe, nordestino apaixonado por Amado Batista, um goiano muito idolatrado lá em Recife, aí tinha uns amigos nossos lá... Reginaldo Rossi ia muito lá pra cidade, aquela coisa toda, aí num comício o Reginaldo cantou e eu fiz uma ‘palhinha’ também e então no restaurante eu comecei a cantar e tocar no restaurante, tocava junto com os meninos. Conclusão: o deputado chegou pra mim e disse “qual é o seu maior sonho?” eu falei: “doutor Gilson, o meu fascínio chama-se jornalismo. A minha vontade hoje, o meu sonho hoje é jornalismo”. Então ele disse pra mim: “Eu posso lhe dar uma oportunidade. Você vai abrir a rádio, vai trabalhar de graça pra mim de madrugada. Lá de madrugada ninguém está lhe ouvindo...” Rádio Princesa (?) de Timbaúba 1000, a rádio tinha 1000 khz de potência, amplitude modulada, era uma rádio muito poderosa. Aí, o pessoal de rádio arruma muita namorada... aquela coisa toda, não é...? E eu, lá na rádio, trabalhando de graça, eu queria a profissão; e através da rádio eu conheci muita gente, daqui a pouco, eu, ao pegar a manha da rádio mesmo, fui me tornando uma pessoa conhecida, de repente ele me chamou para puxar um trio-elétrico em um plebiscito político, ele fazia parte da Majoritária, e aí a majoritária falou “você vai trabalhar diretamente pra gente”. A Majoritária é prefeito, um vice prefeito, e tem os vereadores que são partidos e coligações, essas coisas... mas eu não trabalhava pra nenhum vereador, trabalhava mesmo pra Majoritária, para a equipe principal.

Aí ele me chamou pra puxar o trio-elétrico: primeiro dia, quarenta mil pessoas, um arrastão... aí eu dei o show naquele dia e quando eu olhei já estava do lado de Jarbes Vasconcellos, Inocência Oliveira, na época Marcos Freire, Jarbes era novinho, agora é governador de Pernambuco, era novinho na época. João Paulo que hoje é prefeito, eu conheci João Paulo trabalhando em associação de moradores, liga sindical, liga camponesa, hoje é prefeito.

E aí a gente, eu fui trabalhando, trabalhando, aí numa quarta feira, eu estava num diretório comitê político de um deputado e do prefeito da cidade, eu era conhecido como “o menino de ouro”, todo mundo gostava de mim, eu era bem atencioso com todos, daí um homem chamado Rogério Relojoeiro, candidato a vereador na época. [Rogério disse] “Você não está fazendo nada hoje?” eu falei “não”, [Rogério] “vamos almoçar comigo”. Eu fui almoçar com ele na chácara dele, rapaz e aí quando eu chego lá, ele fez aquela festa toda, eu

não sabia que ele era crente, não, a esposa dele chamava-se Brígida, os filhos Darilson, Denílson, Dinara, Damário. Coisa de louco, eu fiz, me familiarizei com eles muito. Almocei com ele, ele não falou nada e eu não sabia o significado daquele almoço, tudo bem. Quando foi no domingo a gente... eu tinha uma amizade muito grande e já tinha já... quase... eu era um fantasma! Um funcionário fantasma da prefeitura, lá no fim do mundo, aquela coisa, né? Ganhar dinheiro (?) com o paletó lá... muito jovem, inteligência minha de dezesseis anos, por aí. Aí eu ficava, aquele funcionário fantasma: eu ganhava 30% do salário e o dono do emprego 70, mas os trinta por cento...

R: *Já era o suficiente...*

PE: Roubo, na verdade era isso: roubo, roubo político. Por isso que hoje eu não gosto de política, detesto! Apesar de ser democrata, gosto muito da democracia que o país tem mas o Senhor tenha misericórdia. Então eu ganhei, como bom aluno também, eu fui sorteado para estagiar no Banco do Nordeste o BND. O melhor aluno da escola.

R: *O senhor estava fazendo o que na escola, faculdade, ensino médio...?*

PE: Não, não eu estava terminando o segundo grau. Eu era um bom aluno, os meus métodos eram um bom comportamento e querer estudar, eu era um bom aluno. Aí, o colégio recebeu uma bolsa, um sorteio do melhor aluno para estagiar no Banco do Nordeste, era um estágio e lá naquele estágio já tinha um residencial do próprio banco onde só morava bancário ali e lá naquele banco eu conheci um amigo chamado Genival – ele hoje é gerente do BNB, o Banco do Nordeste de lá – eu fui estagiar no banco durante a noite... durante o dia, e estudava durante a noite, e nas madrugadas eu abria a rádio, só que meu trabalho na prefeitura, eu não trabalhava! Eu recebia um bolsa, um dinheiro, entendeu? Que ele botava pra fazer isso com quem ele quisesse. Olha, uma prefeitura, eu fui descobrir isso depois: numa prefeitura, o prefeito é amigo do desembargador... é amigo de um juiz, por exemplo, o tribunal de contas... não tinha nem como subjugar pois era todo mundo amigo.

R: *Hoje já é difícil, imagine há um tempo atrás...*

PE: Todo mundo comprado, num churrasco quando o juiz participava com o prefeito, aquela coisa... Então, era uma mistura muito grande, ninguém fiscalizava nada, ninguém sabia de

nada, ninguém queria ver nada... a lei mandava por eles, eles eram quem faziam as leis e nós lá, os pequenos no meio disso tudo, não conhecia Jesus também... Aí, tô lá, no meio dessa farra toda, rapaz, eu num domingo estava num churrasco lá em casa, o dono da empreiteira lá da cidade estava comigo, um bocado de amigos, e de repente chegou o Genival. O Genival chegou com uma literatura e na literatura dizia assim: – literatura é um panfleto... – “que proveito o homem ganhar o mundo inteiro e perder a sua alma?” eu falei poxa “O camarada que escreveu isso aqui é muito atrevido, muito corajoso. Quem será que escreveu isso?” Aí nas costas “louco, esta noite pedirão a tua alma! Fique preparado para quem será” e eu gostava muito de Allan Kardec! Poxa, o meu sonho era ter dinheiro pra poder ir pra França! Estudar as obras de (?) ! Que isso! Era um fenômeno! Eu vendo aquele livro “Conheça o Evangelho, Jesus Cristo Segundo Kardec”. Tinha um centro lá, Bezerra de Menezes, tinha um centro ao lado do (Louro -?-) ele freqüentava uma seita oriental e ia sempre a um centro, toda segunda feira à noite, mesa branca, não é? Ia lá conversar com os mortos, aquela coisa toda. Eu tinha um apartamentozinho perto do centro e despertou a curiosidade e eu ia com o menino lá, de vez em quando ficava lá e vi muita coisa... então acreditava, eu acreditava na reencarnação, no processo de reencarnação. Fui me dando pra aquilo, fui me dando pra aquilo... mas só que eu queria estudar, eu gostava muito do autor; eu nunca valorizei uma música, eu sempre valorizei o autor. Para mim inteligente não é o intérprete, é o que faz. Aí, estou lá naquela coisa toda, de repente, rapaz, no meio desse contratempo aí, eu recebo e li essa literatura e eu perguntei “Quem é o autor disso aqui?”, falaram, rapaz, “O autor disso aqui é Jesus, é a Bíblia. Você só vai descobrir isso mesmo na igreja”.

Na minha mente, o Diabo era o produto da mente nervosa dos evangélicos. O diabo para mim não existia. Para mim os crentes eram um povo que não estudou, que não queria, que não sonhava... um povo triste, um povo feio, arrebitado... eu era cego, rapaz, eu não conhecia, não via crente na minha frente. Principalmente numa cidade pequena, aí eu digo, “crente é uma humilhação, procurar crente é ser chamado de louco”, não dá... Cidade pequenininha, todo mundo ria quando você fosse crente... Aí, rapaz, no domingo que eu li essa literatura (Rosenir-?-) falou “vamos jantar lá em casa!” Quando eu chego lá tinha um pastor, de uma cidade chamada Natuba e outro, presidente das Igrejas Congregacionais do Brasil, pastor Eliel. Aí eu sentei e falei “Lá vem sermão...” o cara não falou nada. Entrei no carro e fui, quando eu cheguei lá na igreja, Josué Teodomiro, meu amigo o Vice-Prefeito, [eu disse] “O que é que você está fazendo aqui?” “eu sou presbítero dessa igreja”, eu nem sabia o que era ‘presbítero’, Rosenir lá... os caras, tai, eles não evangelizavam, eu não sabia que eles eram crentes, “o que esses caras estão fazendo aí, rapaz ? Que coisa é essa...?”. Aí o pregador

lá na frente abriu a boca: “Você q entrou aqui assim...” falava minha vida toda, aí eu cutuquei Josué: “Doutor Josué. Você sabia que eu viria aqui hoje? Porque eu estava com Rosenir. Você mandou esse cara falar de mim?” [Josué] “não, rapaz, fica quieto aí!”, e tome Bíblia! [pregador] “Você que está enganando...” assim, assim... tudo que eu imaginava ele pá! Tinha resposta pra tudo! Aí no final, ele pegou um violão e cantou “Em Jesus confiar, sua lei observar...”, acostumado a tocar com grandes instrumentos, gostava de coisa boa, gosto até hoje... aquele violãozinho simples, acústico, em cordas de nylon fazia um som tão gostoso, mas vinha um som tão perfeito pros meus ouvidos que parecia que tinha uma orquestra. Estava me ajudando a entender tudo aquilo.

Eu fiquei fascinado por aquela música, por aquele hino, e o pastor mandou fazer o apelo, levantar a mão e eu falei “ Ih, agora pronto. Agora é a hora... nove pessoas fizeram isso! Rapaz, tinha uma mão que levantava essa, mas eu segurava... e ele dizia: “deixe o seu orgulho, sua prepotência, sua jactância... pare com isso”, e tal. Bem, eu sei que eu não fui não. No outro dia eu marquei com o pastor para conversar com ele, mas aí eu não fui, não achei que me interessava e tinha uma menina que fazia universidade, amiga minha chamada Janira, eu ficava doido por ela, eu já não tinha mais nada com a outra, não é? E eu disse “eu vou chegar lá dentro por causa da Janira – na verdade ela era uma morena linda, rapaz. E eu falei “um dia eu vou lá visitar sua igreja. mas acabou que eu entrei na igreja, fui lá, tal, mas eu vi que o povo já era mais inteligente do que eu pensava, mais experiente do que eu pensava, aí eu... fui na igreja, depois voltei... e no sábado eu estava com uma amiga para inaugurar um bar; uns colegas... onde a gente ia fazia uma festa, eu nunca andei sozinho... você sabe, com um violão debaixo do braço, rodinha de amigos... “olha, tem um bar hoje num bairro pequeno chamado Sapucaia vai todo mundo pra lá, poxa, vamos pra lá, vamos pra lá...” “Tá bom”.

Essa menina, ela era “sapatão”. Eu montei na moto, aí quando eu passei na frente da igreja católica, aí um Gol do meu lado, um Gol bege parou e disse “entra aqui, por favor entra aqui” eu encostei e aí o pastor “entra aqui! Deus está falando pra você entrar aqui”. Quando eu entrei, rapaz, eu estava dando uma volta no sábado, mas eu precisava, no outro dia às cinco horas da manhã do outro dia estar na rádio, com o plantão de polícia. Eu já estava querendo reportagem, já tinha feito amizade com o correspondente do Jornal do Commercio, Daniel Oliveira e eu já estava querendo estudar pra isso, entrar pra isso, então já ia, já tinha credencial da rádio e ia no hospital fazer plantão da madrugada, na cadeia, o delegado me conhecia, todo mundo... Então, eu fazia um levantamento, no plantão de polícia toda manhã, sete horas da manhã já tinha um resumo, dos principais jornais, já tinha a primeira página dos jornais, já tinha o resumo do que aconteceu nas cidades vizinhas, já tinha correspondentes co

muitas informações... aí, rapaz, eu chego e recebo um telefonema da rádio: “Você comparece agora mesmo no bar em Sapucaia que aconteceu uma tragédia”. Aí eu fui correndo pra lá, quando eu cheguei lá era a menina que havia sido esfaqueada. Duas facadas.

R: *O senhor ficou e ela foi, não é? (24:33)*

PE: É, exato. E eu “caramba e agora?” e para escrever – é porque naquela época era na escrita, não tínhamos isso aí [referindo-se ao MP3 player]... eu tive que escrever toda aquela situação e o pessoal lá fazendo a perícia e eu em volta do corpo daquela menina colhendo informações de alguém para passar pra rádio ... Rapaz, quando eu dei aquela notícia é como se fosse eu que tivesse morrido! Naquele dia...

R: *Ela chegou a falecer...?*

PE: Morreu, morreu... se arrebentou, e eu disse “e agora?” Se arrebentou outro aqui, daqui a pouco outro amigo meteu uma ala na cabeça “pá!” Noutro ano, noutros meses, alguns meses na frente... e eu fui vendo a vida, e dizendo “que merda é essa? Alguma coisa está errada...” E aí, rapaz... aquilo foi me dando na cabeça de ir ao encontro de Jesus, ao encontro de Jesus... e chegaram numa festa, uma vez eu cheguei, rapaz, a Tânia Alves, aquela cantora famosa... tivemos que fazer um trabalho com a Tânia Alves na cidade de Macaparana, eu lembro que a Tânia ficou numa casa de um amigo nosso e eu dormi na mesma casa que a Tânia e ela “vamos lá, vamos pro show, vamos assistir o show...” e aquele medo e aquela coisa e eu “eu vou, não vou, não...” aí eu fiquei. Quando chegou todo mundo já foi vomitando, aquela coisa... eu fui, Deus foi me mostrando um lado da vida com uma nitidez muito grande.

Aí eu resolvi aceitar Jesus num jantar lá no banco. Quando eu aceitei Jesus, meu amigo, como meu salvador, minha família botou a cabeça que eu estava ficando doido e meus irmãos – eu tinha um irmão que morava em São Paulo que se mandou pra lá pra me internar! Eles queriam me internar, rapaz... brincadeira não... aí eu cheguei no banco e com quinze dias Deus mandou eu abandonar tudo para ir para um centro de teologia, em João Pessoa. Quatro anos eu tinha terminado de estudar.

R: *E qual denominação o senhor era?*

PE: Congregacional. Aí, aquele movimento, aquela coisa toda no coração, abandonei tudo. Cheguei pro deputado e falei “chega. Hoje eu sou uma nova criatura.” “Rapaz, você é maluco”, aquela coisa toda, meu querido, aí sim, eu abri mão de tudo, eu abri mão. Não deixei nada, abri mão de tudo. E aí foi que eu me dediquei à obra de Deus. Te confesso uma coisa: na minha volta, eu conquistei sim [sic] aquele vilarejo todinho pra Jesus e o deputado, depois de quatro anos, me procurou e disse “poxa vida, você merece aplausos!” Foi feito um desfile lá; foi feito um desfile em respeito ao trabalho que eu fiz ali, porque foi uma reconstrução na vida de muita gente ali. E aí o BETEL me preparou para trabalhar em Portugal, na Rússia...

R: *O senhor, no caso, chegou a fazer os quatro anos...?*

PE: Claro! Com certeza. E aí dentro do seminário eu realizei os meus sonhos, porque lá dentro do seminário ensinavam a trabalhar com teatro, com jornalismo, com um monte de coisa então... fui realizado! Ganhei uma carteira do sindicato dos radialistas ainda quando não era crente, pelo próprio deputado, mas depois nem precisou mais eu fazer uso disso... e aí, meu querido, começamos a trabalhar. Trabalhamos, trabalhamos... andamos muito por aí afora, por alguns países e Brasil a gente conhece tudo.

Aí, há sete anos atrás, seis ou sete anos, eu recebi um convite para vir pro Rio de Janeiro. Quando eu cheguei aqui no Rio não sabia nada, não conhecia nada, nunca tinha vindo nessa cidade...

R: *O senhor era solteiro ainda...?*

PE: Isso... aí, ao chegar aqui no Rio de Janeiro, Deus... eu falei “qual é a cidade, Deus?” Ele disse: “Eu vou te falar por parábola”. Ele mandou ler tudo sobre a Guerra do Paraguai, tudo sobre a história daquela guerra, e eu meti a cara nos documentários, mapas... e descobri o grande fenômeno da Maçonaria o poder de Duque de Caxias quando se aliou com os chefes da maçonaria argentina, da maçonaria uruguaia, haja vista que a Argentina e o Uruguai tinham motivos suficientes para ajudar o Paraguai a derrotar o Brasil, mas a maçonaria contribuiu nessa aliança e aí o grande herói chamava-se Duque de Caxias. “Duque de Caxias” então o Senhor falou, “cidade, Duque de Caxias?” e eu falei, eu vou pro mapa. Chegando no mapa achei Duque de Caxias, eu vim até aqui. Quando eu cheguei em Duque de Caxias eu disse “a cidade eu achei” aí eu disse “e o bairro? E agora o bairro... “. Aí, estava passando aquele série, depois, estava anunciando aquela série “Chiquinha Gonzaga” e ele disse:

“Busque nessa mini-série uma resposta”. Eu comecei a ler e comecei a ver aquela mini-série e procura daqui, procura dali... e descobri “Olavo Bilac... Olavo Bilac”, e, fui fundo e descobri que em Duque de Caxias tinha esse bairro, Olavo Bilac, eu disse “então é lá”. Cheguei na praça de Olavo Bilac, passou um carro de uma companhia telefônica e o senhor falou “segue esse carro”, aquela voz, né? Aquela coisa... “não é uma voz minha, a minha imaginação... imaginação”, porque pra muitos até, é bom frisar isso, tem gente que imagina, mas é produto da mente... uma coisa é a voz de Deus, outra coisa é ignorância, as pessoas chegam e falam... [o pastor sinaliza se repreender por estar falando e rabiscando ao mesmo tempo]

R: *Não, eu sou mais ou menos assim também, eu gosto de rabiscar bastante...*

PE: É... aí eu tô lá naquela coisa toda, o carro parou e eu entrei. Quando eu entrei uma pessoa falou “realmente, Deus estava lhe esperando aqui [trecho falado muito rápido, difícil de transcrever tudo: isso não é... foi uma voz bonita...] Ahh! Às vezes acontece isso, não sei se isso acontece todo dia e se alguém vai ouvir isso [a gravação], não pense que é assim, tem gente louca, sem nenhuma sabedoria, irmãos cristãos fanáticos que aproveitam um testemunho desses, dá uma loucura e com a própria vida deles, acham que Deus fala tudo de qualquer forma... tem gente que generaliza e eu sou bem claro em dizer que nós, servos do senhor, devemos fazer tudo com decência e ordem; não fanatizar e nos tornarmos radicais a ponto de prejudicar os outros... equilíbrio, eu sou muito bem nas instruções que Jesus Cristo deu “Tudo com decência e ordem. E eu entrei ali, aquela casa, a pessoa estava realmente estava me esperando, a companhia telefônica... até hoje o meu telefone tem o nome de um bairro que não é o meu! O cara disse “eu estava instalando os telefones muito longe daqui e de repente veio no meu coração uma voz que não era para instalar ali, demorei um pouco, chegou a ordem da companhia que eu fosse instalar neste endereço, então eu vim instalar esse telefone aqui” eu falei “é a voz de Deus”. Aí começamos, meu querido, debaixo de um poste de iluminação pública, sem ninguém, isso há uns sete anos atrás... eu com muitos vínculos em Recife, João Pessoa... no Nordeste... viajava muito... não dei muita ênfase ao trabalho... fazia um trabalho bonito, mas não como merecia, inclusive o seu irmão passou a vir, ele conhece um pouco a história.

E aí, rapaz, conclusão, com poucos tempos, foi aumentando os trabalhos, foi crescendo, foi crescendo, e eu só sei que o resultado hoje é esse, a igreja ta aí, com um ano que a gente está aqui nesse novo prédio, você me pergunta o resultado disso tudo é o que? É sinceridade, respeito com as pessoas, é responsabilidade com aquilo que a gente está fazendo,

educação religiosa, isso tudo contribui, mas, o carro-chefe chama-se “Temor de Deus”, respeito, para não aproveitar essa infantilidade dessas pessoas impor sobre essas pessoas jugos desiguais coisas que você não pode fazer, obrigar elas a fazerem, usar a miséria para destruir para quem já está mais ainda miseravelmente vivendo , usar a inocência desse povo para tirar o que ele não pode e não tem pra dar. Essas coisas todas você tem que pensar um pouco. Você tem que, antes de pastorear, procurar ver se você tem amor, se você é um bom pai, se você quer pros seus filhos aquilo que você está querendo para as pessoas. Se não você se arrebenta, porque, a bíblia diz que “os que usam de engano não permanece na congregação dos santos”. Eu conheço muitos amigos meus que levaram por outro caminho, que acharam que era fácil, que acharam que mentindo e que se falando a verdade não chegariam a lugar nenhum; mas a Bíblia diz que “de uma boca não pode sair um ‘sim’ e um ‘não’ ao mesmo tempo” ou sim ou não na hora certa porque de uma fonte não produz água doce e água salgada ao mesmo tempo, você não vê...

R: *ou é um rio ou mar...*

PE: Ou é uma coisa ou outra. O senhor, ele diz isso, que nossa palavra seja sim, sim e não, não o que passa disso é procedência do Diabo. Nós, pra falar a verdade temos que falar sim quando é sim e não... embora que você se arrebente, se eu não gostar eu falo “não gostei”, se eu gostar eu falo “gostei”, o ser humano deve ser sincero. Então, eu prezo muito por isso, não quero nada de ninguém, Deus me livre, quero somente aquilo que for meu, e o que eu poder dar de humildade... não sou rico e eu acho que eu nunca daria para ser rico porque eu sou sensível demais do sofrimento dos outros, eu sou muito de chorar com as pessoas, e para mim um amigo é a coisa mais cara do mundo, o que nunca deve ser traído é uma amizade. Tudo isso eu aprendi dentro da igreja, eu aprendi nos caminhos do Senhor, mas eu vou falar uma coisa aqui para você bem clara, eu não aprendi isso muito com os crentes não, tem que ser claro, se você não abrir o olho você não der as costas, você cai dentro de uma igreja de sacana você se arrebenta, porque hoje para achar um pastor, meu amigo, uma igreja, está tão difícil! Eu não crucifico as pessoas, seres humanos, dizem que o povo está com o coração mais duro, eu digo que não, eu digo que o povo está cansado, cansado porque é decepção na política, decepção em todos os sentidos, e o único lugar que você poderia encontrar segurança era na religião.

R: *Mesmo assim...*

PE: Mas a religião ta... ta uma merda! Só Jesus mesmo... permita-me a expressão: a religião ta uma merda! Só Jesus é que nunca vai ser essa merda, que estamos vivendo hoje em todos os sentidos da sociedade. A igreja, ela deu as mãos à sociedade para caminhar em diagonal à política, à sociedade, aos homens da hipocrisia e ela está aprendendo a ser hipócrita. Então as virtudes do Espírito Santo estão sendo tiradas da igreja e a artificialidade está vindo. A igreja está sendo marqueteira, está investindo em marketing pra crescer, e as pessoas estão fingindo o espírito! Você vai no rádio (?) assiste um culto lá no Arizona, lá em qualquer parte dos Estados Unidos, você fica encantado com a reação daquelas igrejas hoje! É uma jogada de marketing tão grande, é uma coisa muito, sabe, profissional! Então, há crescimento? Há. Há um inchaço da igreja; mas a qualidade da igreja é o Espírito Santo e o Espírito está sendo substituído, por isso é que os sinais não estão acontecendo como nos tempos dos apóstolos, por isso que os milagres não estão acontecendo, como nos tempos dos apóstolos. A verdade não dá ibope, não dá público, tenho que ser realista. Falar de escatologia hoje é falar e pensar numa meia dúzia. O que dá público, o que dá povão hoje é o marketing artificial, é falar de dinheiro para o povo na linguagem de que o povo vai receber isso se fizer isso... é ilusão, ilusão...

R: *Enlatados... Enlatar a mensagem...*

PE: Isso... Isso... Correto! Se você vender ilusão, você superlota a igreja. agora, existe uma igreja dentro de outra igreja. Uma igreja que busca a verdade. Existe uma igreja, cara, que está dentro da igreja, que está dentro da macumba, que ta dentro da católica, que ta dentro das religiões em busca de verdades, são os filhos de Deus. E aí quando Deus levanta uma pessoa, que fala a verdade, que vive a verdade, elas correm, a igreja superlota, mas também tem um problema, os algozes, os teus rivais, pastores mesmo, amigos mesmo, eles também se levanta para questionar você, para derrubar você. Então a luta pela sobrevivência hoje é muito grande, em todos os aspectos. Então se existe uma coisa que nunca falha: Deus; só existe um que nunca está errado: Deus; só existe um que nunca vai faltar: Deus; e aí eu aprendi, camarada, a ponto de depender de mim, ter paz com todo mundo, como diz a Palavra, ser amigo de todo mundo, e a bíblia diz que para chegar no Céu, só por meio de Jesus Cristo, só por meio dele. Então, eu vejo muitas pessoas deixando a igreja, deixando Jesus, deixando a fé, por causa de decepções... eu ensino muito as pessoas: “pessoal, vivemos no mundo de homens, de pessoas falhas, de gente gananciosas, de gente que todo mundo quer viver, todo mundo quer ter

dinheiro, todo mundo quer crescer... e quer passar por cima de todo mundo! Camarada, pela ganância, pelo dinheiro ele passa por cima de quem quer que seja, ele faz até juramento, voto de fé, de sinceridade, ele levanta a ao, estende a mão, expõe o rosto, faz juramento, mas na hora que a raiz de todos os males, o poder desce sobre ele dói na cabeça dele. Então, você pra seguir a Cristo, você tem que saber que estão no mundo dos homens e que todo o homem é falho o salmista Davi diz que todo o homem é mentiroso, realmente todo o homem é mentiroso... eu não estou falando como se eu fosse o melhor homem do mundo, estou falando como uma pessoa que luta para que as coisas melhorem. Agora, isso é uma ilusão minha, pensar que tudo isso vai mudar e vai melhorar. Só quando Jesus Cristo um dia voltar para este mundo e levar a igreja para morar no céu, eu acredito no arrebatamento da igreja e para acreditar nisso é complicado também, tenho que ser realista. Se você a filosofia, e eu até dei uns livros pra você sobre ele, não é, Muhammad, Maomé, se você ler Joseph Smith, se você ler as teorias do próprio Kardec, se você ler as teorias desses homens todos, o cristianismo judaico... você vai ver que tem horas que você nem acredita que Jesus é o Messias, é o verdadeiro, entendeu...? então, pra você não ficar muito doido, acredita que você ta certo, que você ta bem, não faça o mal para o seu próximo, segue em paz com todo mundo, não vê defeito, entendeu? Se tranque dentro da sua salvação e se você puder, espalhe ela para os outros. Se todo mundo é ruim, você tem que ser a diferença, tem que ser bom; se todo mundo quer lhe fazer o mal, livre-se do mal mas nunca queira fazer o mal para ninguém, porque se não, é mais um... não vai dar em nada... entendeu? Você não vai ter compartilhado, você vai progredir uma desgraça, você está sendo a febre e o câncer do mundo.

Então, eu aprendi e vivo isso há muito tempo, graças a Deus, a plantar a semente do bem. De uma coisa é certa: se eu não tiver reconhecimento aqui na terra, vou (...?) um dia. Uma vez uma pessoa me fez uma pergunta: “se não for verdade?”, aí eu escrevi uma literatura, aí eu pensei naquela pergunta daquela pessoa e escrevi: “E se for verdade?”. Veja bem, ele disse pra mim: “você crê nisso, você crê naquilo, ta deixando de fazer isso, ta deixando de fazer aquilo, por causa de uma coisa que um livro fala... e se não for verdade?”. Aí naquela hora o Diabo falou para mim “ih, e agora?”. Aí eu fui pra casa pensando e o Espírito Santo começou a tratar na minha mente: “E se for verdade?”. Então, dúvida por dúvida, e se for verdade?

R: Eu fico na melhor, não é pastor?

PE: (Risadas) Eu não devo nada, por crer, eu não estou tirando dinheiro do meu bolso pra crer, eu não estou me drogando pra crer, eu não estou me arrebatando para crer, eu não estou me sacrificando para crer, não me custa nada crer! E se for verdade? Está entendendo, meu amigo? Então é melhor dar uma de inteligente, se passando por burro do que ser burro querendo ser inteligente (risos). Você... Alguém vai ouvir isso aí?

R: *Não, não vai não...*

PE: porque se for ouvir, eu recomendo... cabeça a mil por hora, mas eu deixo esse relato bem inspirado aqui no coração de vocês que pense nisso, que reflita nisso aí, e o que me trouxe a Cristo não foi uma religião, foi uma certeza de que é verdade e que as recompensas são grandes e... não falei do pentecostes, mas noutro dia eu vou falar pra você...

R: *Tá, tá ótimo...*

PE: é porque até agora eu não entrei na fase do pentecostalismo... como que pegou fogo e eu vim para a Assembléia de Deus, aí...

R: *Tá, a gente deixa para a próxima!*

APÊNDICE C – ENTREVISTA COM O PASTOR EDINALDO SILVA - 04 DE JANEIRO DE 2008

PE: Pastor Edinaldo Silva

R: *Ronald*

R: *Eu gostaria que o senhor me explicasse como foi a sua conversão pentecostal.*

PE: Minha conversão pentecostal ocorreu da seguinte forma: a Igreja Congregacional é uma igreja tradicional, ela é muito fechada... hoje não, isso há dezesseis anos atrás, hoje ela compreende mais essa questão. Então, na época quando isso aconteceu, essa visão pentecostal...

R: *Em que ano, mais ou menos...? O senhor lembra?*

PE: olha, isso foi nos idos de oitenta e nove para noventa, por aí... noventa. E nesses idos de noventa a igreja Congregacional já sofria uma chama... ela já estava sendo inflamada pelo Espírito Santo, porém os líderes se dividiram muito: uma parte ficou pentecostal e outra parte ficou tradicional. Nessa altura eu era um pouco ingênuo, na escolha eu não podia me precipitar por causa da liderança, que eu era subordinado. Então eu fiquei subordinado à uma liderança tradicional, por isso que eles ocultaram muito a questão do pentecostes, o avivamento; eu vi um grupo saindo, mas eu não sabia o motivo, era muito complicado pra entender. Então eles se foram e eu fiquei nessa situação, mas a mídia, programas de rádio, passaram a divulgar, umas pessoas até faziam programas de rádio naquela época já pentecostal e reuniões de oração também. E foi numa reunião de oração numa igreja Congregacional **neopentecostal** que aceitava uma parte, outra parte não, o Ricardo Strobel foi lá e lá, eu lembro que ele colocou seiscentas pessoas numa fila e, no meio dessa fila eu, inocentemente, entrei, aquela coisa, né, “Joãozinho-vai-com-as-outras”... ele colocava as mãos sobre as pessoas e de fato acontecia um impacto muito forte! Um homem como eu não iria se submeter a tais movimentos, apenas movido pelo lado psicológico, pela emoção. Eu era um pouco curioso. Eu jamais permitiria que acontecesse comigo uma coisa, na minha sã

consciência forjar alguma coisa porque eu não gostava disso... até hoje, sensacionalismo... Mas eu pensava que era. Eu entrei na fila, até achando que poderia ser produto da mente das pessoas que passavam naquela fila. Só que, quando chegou a minha vez, eu fiquei todo dormente... na hora foi estranho, eu não conhecia. Foi muito forte: eu fiquei dormente, de uma forma muito... Muito... Inexplicável, não dá para explicar. Misturava o som de outro planeta, eu não sei como é que era, com uma emoção, uma vontade de rir, de chorar ao mesmo tempo... e ao mesmo tempo que dava tudo isso você não conseguia se desligar de si próprio totalmente, não...

R: *Estava consciente.*

PE: Estava consciente. E, você sabe, um sujeito consciente, ele tenta puxar o máximo possível pra poder compreender o que está acontecendo. Ninguém é bobo! Só que a minha consciência, o meu subconsciente não conseguia raciocinar e tomar conta da situação! Então dois mundos se cruzaram: o natural, costumeiro e o outro – que eu nunca tomei droga... – é bem mais forte, eu acredito, que o efeito de alguém drogado. Pra ser sincero, é uma loucura! No bom sentido... no bom sentido. Isso produz uma vida dentro de você, um rejuvenescimento tremendo! Eu fui pra o ônibus, me levaram, praticamente, e durante aquela noite não me chegava o sono. Eu acho que durou uns três dias isso. Não direto, da mesma forma, mas uma lembrança muito forte, como se você tivesse perdido alguém da família e ficasse aquilo na memória. Parece que a tinha mente foi tomada praquilo naquela hora. Foi realmente um batismo de fogo.

Só que um enigma muito poderoso, muito forte, é que quando eu cheguei em casa, eu me lembro que tinha uma estante grande... Eu morava num residencial luxuoso, e ali eu tinha meu vizinho do lado direito, meu vizinho de frente, era um residencial do banco onde todo mundo do banco morava ali junto. Tinha um tapete branco no centro da casa, quando eu coloquei o pé naquele tapete... eu passei a noite assim, não entendo como... só que no outro dia eu liguei o rádio na rádio independência de Goiana, isso lá no Estado de Pernambuco, a rádio Independência de Goiana tinha um rapaz chamado José Silva, ele apresentava o programa “Encontro com Cristo” de sete da manhã às dez; e aí, lá naquele programa, de repente o cara falou de lá: “Você que está aí nessa casa assim, assim, assim...” deu toda as informações de como a casa era, ”eu estou contigo aí”... pela primeira vez, era uma profecia aquilo ali, pelo rádio! Que é isso...? “Olhe para sua direita e para a sua esquerda...” eu olhei, o meu vizinho sabia tudo o que tinha acontecido sem estar lá! Deus falou comigo, Ele me

mostrou... eu não acreditava, não, aí eu passei a acreditar a partir daí. Foi uma experiência profunda. Conclusão: eu fiquei apaixonado! Se você não abrir o olho fica fanático, isso não é bom, ficar fanático não é bom... tem que ter equilíbrio, fazer as coisas com maturidade.

Eu fiquei indo para os círculos de oração, é uma reunião que tem, de fogo mesmo, lá em Recife, algumas igrejas Por aí têm também. Fiquei indo para os círculos de oração, aí a minha igreja desconhecia esse lado e começou a entrar em contradição, em contradição... eu já considerava contradição, porque via na bíblia que tinha sentido para aquilo, mas a igreja não concordava. Aí a igreja, legalmente – eles são muito educados – optaram para eu ir para a Assembléia de Deus que era uma igreja que tinha aquele entendimento daquelas coisas. Lamentaram muito, hoje eles se arrependem mil vezes de terem me dado esse conselho. Então, ao chegar na Assembléia de Deus, na cidade de Goiana, Pernambuco, eu já tinha um contato muito grande com o pessoal da Assembléia de Deus em Timbaúba, também, uma cidade que fica perto... aí eu me envolvi fui bem aceito na Assembléia de Deus e aí, dentro da Assembléia de Deus, eu já tinha uma formação dentro da igreja Congregacional...

R: O senhor ocupava algum tipo de cargo na igreja Congregacional?

PE: Eu era evangelista. Evangelista é um *sub-pastor*. É uma pessoa que está *degrando* (sic.) os últimos *batentes*, como dizem lá na minha terra, os últimos batentes para chegar à esse posto. Mas eu já tinha uma função pastoral, praticamente

R: O senhor já tinha feito o seminário?

PE: Sim, aí já. É porque a igreja Congregacional é muito conservadora no sentido de aprendizado. Ela tem um seminário Congregacional e tem um seminário que ela apóia muito que é o Betel Brasileiro, o Centro de Teologia Betel Brasileiro. Fica lá em João Pessoa, mas ele tem no mundo todo. A essas alturas sim, mas na Assembléia de Deus não precisava muito desses estudos, não, na Assembléia de Deus quem soubesse cantar, pregar, fazer barulho... era uma igreja muito... hoje eles têm um equilíbrio nesse assunto, nesse aspecto, mas era uma igreja bem liberal, a Assembléia de Deus era bem... já para a Assembléia de Deus, quem tinha letra não servia muito; eles não se deixavam muito levar pela questão do ensinamento, não. Eles eram mais pela situação espiritual da pessoa. Por isso que se introduz às vezes pessoas que forjam *línguas de mentira*, acontece muito isso, profecias de mentira... porque isso foi até incentivado no começo, por alguns líderes despreparados que pra eles, quem chorasse, falasse

línguas estranhas, se fizesse alguma coisa era espiritualidade; que na verdade, hoje tenho sã consciência de que muitos fingiram até.

Mas, deixando esse assunto pra lá, eu fui bem aceito e graças a Deus desenvolvi um trabalho dentro da Assembléia de Deus muito poderoso de evangelização e, reconhecido já pastor...

R: Lá mesmo?

PE: Lá mesmo. E aí começamos a trabalhar. Baseado nessa chama pentecostal fomos abrindo igrejas, construindo templos... numa hora estávamos numa cidade fértil, noutras horas em lugares escabrosos: vilas e povoados pequenos... pois a vida de um pastor, ele se baseia muito naquilo que Paulo falava, aprender a ter fartura e aprender a padecer. Um pastor da Assembléia de Deus... hoje não... eu estou falando “*daquela*”... hoje é uma outra igreja, tem que entender isso...

R: Essa Assembléia de Deus de lá participava daquela Convenção das Assembléias de Deus...?

PE: Sim, sim... nessas alturas, nesses anos aí era uma convenção só no mundo todo... no Brasil inteiro...tudo que era Assembléia de Deus era convencionado a esse órgão chamado CGADB – Convenção Geral das Assembléias de Deus no Brasil – todas elas eram filiadas a ele; agora não, agora já perdeu um pouco da moral... mudou muito... tudo isso é para o bem da própria igreja, hoje a igreja lucra muito porque muitas são independentes, algumas pregam, como Paulo disse, “com vanglória”, outras pregam por inveja, outras pregam para agradar a Deus, outros pregam para agradar a si, mas o importante é que o Evangelho está sendo pregado. Cada um dará a conta de si naquele dia a Deus. E desenvolvemos um trabalho bom só que dentro de mim sempre houve uma sede de missões feito pelas vidas, pelas pessoas... e uma hora eu estava bem financeiramente, outra hora eu estava bem lá pra baixo financeiramente, mas havia uma alegria no coração, como há ate hoje, uma alegria muito profunda no coração que é a vontade de ajudar.

Hoje eu sou um homem um pouco conhecido a nível de Brasil, no mundo, alguns locais me conhecem um pouco, mas me conhecem...

R: *O senhor já esteve fora do país?*

PE: Já, várias vezes! Vinte e um anos nós estávamos na Alemanha... Alemanha, Rússia... inclusive a igreja de Estocolmo na Suécia era uma igreja que investia muito na obra missionária, como você até leu... enviava muitos missionários e foi uma madrinha para muitos missionários a igreja de Estocolmo “Filadélfia”, na Suécia e eu tive uma experiência de oito meses na Rússia, mais ou menos naquele ano de transição, na queda da União Soviética através de Gorbachev, não é isso? Foi ele o intercessor... chamaram até de traidor... naquela época aquilo pegou fogo... bem, no desmonte, na desmontagem daquele império daquela União, a igreja enfrentou um desafio e todos os missionários novos tiveram, alguns, de serem mandados pra lá. Fui pra lá, Bogotá, muitos lugares por aí afora, mas tudo acobertado pela igreja para evangelizar. E tem a “janela dez por quarenta” também, que é um grande desafio que a gente passou por lá... depois veio umas juntas religiosas, as igrejas batistas tinham também um trabalho muito sólido de missões no mundo, a gente conheceu também o pessoal da JOCUN... acabou que eu até adotei, depois que vim pro Brasil, adotei até alguns pastores, alguns seminaristas da JOCUN que tomei um conhecimento maior na JOCUN...

R: *É o que, algum tipo de seminário?*

PE: É uma junta de jovens... contém muitos jovens... uma junta mantida pelas igrejas batistas, uma junta de missões... espalhada, é um trabalho de muitos núcleos, de muitos resultados positivos. Visa levantar jovens missionários para evangelizar. E quando você entra no campo de missões, se você não abrir o olho você para de viver pra você. Porque você sente tanto amor pelas almas – se você de fato tiver – você vai encontrar na Bíblia o Senhor te mandando ir, chega uma hora que você abandona tudo mesmo e pensa só nos seres humanos, eu penso pouco em mim mas eu já não pensei em mim por muitos anos, pensava só nos outros; baseado na Palavra, porque a gente gosta muito e precisa muito copiar aquilo que Jesus Cristo fez (o ser humano não consegue) mas quando o ser humano que está envolvido, como você que faz Antropologia, já fez, né...? Você está dentro de um mundo que não é o meu! Eu jamais sinto a sensação que você sente dentro do seu mundo. Às vezes eu posso até te chamar de louco, como você disse que tem que ler quatro livros até fevereiro, não é?

R: *Catorze!*

PN: Catorze! Olha pra isso!! Pelo amor de Deus! Quando você disse que tinha de ler catorze livros até fevereiro, eu não sei... mas dá pra lhe chamar de doido...

R: *Com certeza, muitos já chamaram...!*

PE: Não é verdade? O seu mundo lhe obriga a isso. Você é obrigado a fazer isso, é que você está nisso e ninguém tira isso da sua cabeça, não adianta... então é como um missionário. A mídia, a sociedade até critica a religião, mas tudo nessa vida dá-se ao momento de você estar curtindo. Aquilo que você está curtindo naquele momento as pessoas podem até discordar, mas se você se apurar demais numa coisa você acaba às vezes esquecendo outra isso é natural. Então, um seminarista, um missionário, quando ele está numa missão missionária mesmo, de fato, de verdade, ele tem coragem de abandonar tudo, ele tem coragem de dar tudo... não é à toa que Francisco de Assis, aconteceu aquele fenômeno com ele, você conhece, não é, a história dele...? Você conhece outras histórias e a vida, a minha vida, quando eu abri os olhos, estava indo para esse caminho. Hoje eu tenho um ministério de solidariedade muito profundo... domingo mesmo, nós fomos à uma comunidade com dois caminhos de alimento. Todo mês eu levo dois caminhões de alimento para uma comunidade diferente... estou agora com um projeto de abrir um centro de alimentação lá no Nordeste, no sertão para alimentar as pessoas... Então a solidariedade ela é junto de você, você pensa muito nas pessoas... agora ela é uma força vinda d'Ele mesmo porque você encontra no livro, na Bíblia, o resultado para isso. Então essa chama *pentecostal* contribuiu muito pra isso, entendeu? Ajudou muito. Então hoje eu agradeço muito, respondendo a sua primeira pergunta, a Deus, e a minha vinda para a Assembléia de Deus foi justamente isso aí, esse espírito pentecostal que faltou na igreja Congregacional na época que eles não compreenderam e aí resultou eu vir para a Assembléia de Deus.

R: *E ao fim veio para o Rio de Janeiro, Não é?*

PE: É, aí o Rio de Janeiro foi um desafio, não é? Eu não queria vir para o rio de janeiro, eu detestava o Rio de Janeiro, já falei isso, não?

R: *O senhor falou um pouco por alto. Explicou que veio para o Rio de Janeiro por uma questão...*

PE: O início da igreja aqui eu falei, não?

R: *falou somente como o senhor chegou, que chegou sozinho, que Deus mandou o senhor procurar...*

PE: Das parábolas?

R: *Isso... sim, o senhor falou...*

PE: Só que eu vi lá na cidade, é que eu não desejava, não desejava porque a população cristã aqui já estava bom... eu pensava que já tinha terminado e que não precisava mais... eu queria ir mesmo para uma ilha; eu queria ir até ao Amazonas, ao nível de Brasil eu queria ir ao Amazonas, eu queria ir ao Alto Xingu, eu amo muito aquele pessoal, aquela nação, a nação que eu quero dizer é de índio... aqueles povos ali. Aí eu inclusive eu me apaixonei pelos povos indígenas, uma época, também, a ponto de querer morar com eles, construir cabana entre eles e habitar para levar a palavra de Deus para eles. Pra ter uma idéia, eu assisti aquela série do Xingu todinha³² que passava na rede Manchete... olha, eu assisti aquilo tudo, acompanhava aquilo tudo, estudava aquilo tudo... me trancava às vezes dias dentro de um quarto estudando livros querendo aprender a língua... você veja como é a vida, não é... Deus te direciona a esse tipo de coisa, e eu orava às vezes: “Deus, peço ao Senhor pra me levar pra um negro, uma pessoa de pele escura pra entender eles melhor, para ser mais aceito por eles porque a rejeição a princípio com os homens brancos foi muito grande! Mas aí Deus falava comigo: “Eu faço o que quero, com quem quero, uso quem quero”. Eu lembro que o [nome não claro] ele era *branco*, rapaz, que não agüentava um mosquito morder!!! E o negro nascia no coração dele e ele foi bater lá também... voltou todo rasgado ... eu queria voltar lá, mas aí o senhor falou “não, tem que ser Rio de Janeiro, Baixada Fluminense”. Aí chegamos aqui, como você me ouviu falar outras vezes

Ao chegar na Baixada Fluminense a gente desenvolveu esse trabalho, só que as igrejas estavam aí, igrejas de sessenta, setenta anos de existência, até meio desanimados, sabe, os pastores, alguns até meio desanimados: “não, como é que veio de tão longe para o Rio de Janeiro...?”, “aqui não...”. há um ditado que a cobra confia no veneno, e eu confio no meu Deus. Desafiei a mim mesmo, falei, se eu voltar envergonhado... não adianta falar de Deus

³² Essa fala se refere ao programa “Xingu”, exibido pela extinta TV Manchete do Rio de Janeiro em 1985, uma série de documentários sobre os índios daquela região.

porque esse aspecto de derrota iria me acompanhar pra sempre. Meu amigo, nós caímos dentro da obra e vimos que o que o povo precisa é de ajuda. Mike Murdock, eu estava lendo algumas coisas dele, ele tem um centro de sabedoria, o ministério dele é Centro de Sabedoria, nos Estados Unidos, homem muito conhecido, sábio, muito sábio, escritor de muitos livros sobre o homem... por exemplo, ele é... aliás, ele tem vários volumes, dicionários... então ele é uma enciclopédia de sabedoria! Não vou falar as obras dele aqui porque são muitas, eu poso até ser injusto com as mais importantes ao citar algumas... então veja bem, o Mike Murdock, eu estudando algumas coisas, lendo algumas coisas sobre ele, observei uma frase que ele citava, inclusive acerca da liderança de Jesus, da sabedoria de Jesus, da inteligência de Jesus, da forma de Jesus fazer, da forma de Jesus chegar, falar... depois que eu vi eu já tinha [palavra não clara] até isso. Eu fui vendo as pessoas aqui no Rio de Janeiro, a maneira de comportamento, as igrejas e fui dizendo pra Deus que ele fizesse no meu coração o que estava no coração dele, mostrasse o que ele quer, não o que eu quero. Olha, desânimo a gente recebe mesmo, afrontas, incompreensões e etc., mas nós, meu amigo, quando começamos a invocar o poder de Deus aqui nesse lugar, começamos a ver as doenças, as enfermidades sendo retiradas e Benny Hinn³³ disse uma vez aquilo que são Mateus e são Lucas tinham dito no seu livro, que o povo via Jesus passar e se alvoroçava e em meio àquele alvoroço citava [ficava?] a fé, e muitos foram curados. O povo quando me viu, a princípio, pregar, orar, muitos se alvoroçaram. Aqui dentro desse alvoroço, Ronald, começaram a surgir milagres: aí os paralíticos começaram a ser curados, os cancerosos foram sendo curados. Aquilo, quando você se envolve com aquela adrenalina forte, acontece tudo. Dentro de uma reunião onde o poder de Deus está operando acontece tudo. Quando Deus cura um, se aparecer mil, dez mil, cem mil ele cura, quando a reunião tem uma manifestação do Espírito de Deus, eu vou confessar uma coisa pra você: depois que Deus pega um ele pega todo mundo. Parece que sempre depende do primeiro, então quando o primeiro entra dentro de uma dimensão espiritual parece que Deus sai quebrando corações e fazendo obras de forma gloriosa, então foi o que aconteceu aqui, Deus encontrou o meu coração e aí foi tocando no coração das pessoas e fazendo com que tudo desse e resultasse em grande avivamento e avivamento na verdade é isso: é todo mundo em uma só fé, em um só espírito... é quase uma revolução, quando o país passa por uma revolução parece que vai todo mundo junto ouvindo aquele líder e o que der pra um dá pra todo mundo eles têm coragem até de morrer ou de matar

³³ Televangelista americano.

defendendo aquela tese. Uma revolução no bom sentido. Hoje a igreja aqui vive isso, uma revolução.

R: *Isso não incomoda outras lideranças religiosas?*

PE: Muito, muito, muito...

R: *Aqui mesmo...?*

PE: Eu tenho muitos inimigos. Pessoas que carregam a Bíblia, que falam a mesma linguagem que eu e que batem até nas minhas costas. Eu só confio, nessa vida, Ronald, em Deus. O maior erro de um homem é confiar num outro. Gostar, prezar, admirar... quem não admira é frustrado, quem não gosta é mal amado, quem se isola... precisa de paz, é um atormentado de espírito, mas quem confia no outro é tolo... [risos]

R: [risos] *É curioso, curioso...*

PE: É... o que seria de mim se não houvesse o meu próximo? Se eu destruo o meu próximo... o padre Zezinho disse isso em um show em São Paulo, ele pegou umas bexigas, soltou e ela foi embora, subiu outra e ela foi embora... foi um show para a noite de natal... e o padre Zezinho começou a falar do próximo aí ele dizia: “quem sou eu sem o meu próximo? Eu não existo se o meu próximo não existir... se eu matar o meu próximo eu estou matando a mim mesmo e o que seria do próximo se não houvesse o próximo...? Então... todos nós precisamos do próximo, agora, uma coisa é você gostar, querer, ter, cultivar, preservar, outra coisa é você se entregar. Então, as lideranças aqui e no meio pentecostal e na igreja existe isso, nós só vamos descansar disso quando chegar no céu. Eu encontrei muitos inimigos e tenho muitos algozes, homens que desejaria hoje o meu fim. Tentaram me prejudicar várias vezes, fui ameaçado, *sou* ameaçado. Já tive várias denúncias contra mim, denúncias sobre coisas absurdas! Já recebi polícia federal na minha casa, polícia civil... se fundamentos nenhum! Só que eles vêm e checam os relatos, acabam se conscientizando e aí passam até a compreender a situação. Tem sido bom, o apóstolo Paulo passou por isso, as grandes perseguições que Jesus teve foi com líderes religiosos porque nós somos muito falsos, a gente fala, fala, fala, fala do amor de Deus e de união, mas na hora de se unir acho que um tem medo do outro. Dentro das

igrejas acontece isso, em qualquer igreja! Muita mentira, muita falsidade, por isso é que eu não confio em ninguém, só em Deus porque a perfeição só Ele tem.

Saiu agora o filme, eu recomendo a você, “Faz o que eu mando e não faz o que eu faço”, é o nome desse filme, procure ele nas lojas, nas locadoras você vai encontrar, ou na internet. Fala justamente dessas brigas religiosas, eu recomendo esse filme pra você. Gente mentindo, pessoas se escondendo por trás da Bíblia, pessoas forjando milagres, contando testemunhos... isso tudo acontece. Agora, quando eu olho pra Bíblia eu vejo que o fim dos tempos chegou e Jesus disse: “é mistério no final dos tempos todas essas coisas aconteçam”. Acontecerá que no final dos anos apareceriam escarnecedores com os seus escárnios e a Bíblia diz mais ainda. O Timóteo, apóstolo do Senhor, um dos homens muito considerados da Bíblia, Timóteo, disse que o final dos tempos apareceria homens avarentos, jactanciosos, amantes de si mesmos... homens que por não suportar a sã doutrina, os santos ensinamentos ou as verdades de Deus e haveriam religiões segundo seu próprio coração, doutrinas segundo seu próprio coração; traduziria a bíblia da sua forma, do seu modo, implantaria sistemas do seu modo, da sua forma, enganariam a muitos ao seu bel prazer. Porque muita gente, Ronald... hoje eu digo pra você que essa chamada de pastor – eu não sei onde você vai rodar essa entrevista, mas eu quero dizer pra você que qualquer cachorro hoje quer ser pastor, e as pessoas esquecem que pra ser pastor tem que ter um equilíbrio psicológico...

R: E tem que ser membro, não é? Antes de pastor você tem que ser membro...?

PE: Tem que ser filho antes de ser pai [finalizamos juntos as últimas palavras “ser pai”]. Estão fabricando pastores em laboratório por aí a fora, à vontade, cursos e mais cursos a longa distância. Você hoje pode fazer um curso por uma entidade lá nos Estados Unidos, com três meses, um mês... você pode sair a, matando todo mundo assassinando todo mundo com palavras porque o homem que tem uma oratória à sua disposição, um microfone, uma tribuna e uma platéia ele tanto levanta como desgraça a vida das pessoas. Os “Borboletas Azuis”, lá em Campina Grande, morreram todo mundo porque o líder mandou “Jesus está voltando, vamos tomar veneno todo mundo e abreviar... simplesmente, muita gente se ferrou com isso! Se eu falar uma *merda* aí na frente, alguns não, mas a maioria vai fazer, vai fazer... você pode crer nisso! Então, nós somos malvados se não formos bons. Ou a gente é uma arma nas mãos de Deus ou na mão do Diabo.

R: Funciona do mesmo jeito...

PE: Do mesmo jeito. Ou você se enche de Deus para pelear contra o Diabo ou vai se encher do Diabo para destruir a humanidade. Quem é a grande vítima disso tudo? É o povo, as ovelhas da casa de Israel. Por isso é que Deus, lá em Ezequiel 34, Ele disse: “Eu vos darei pastor segundo o meu coração. Que vos apascente com sabedoria”. O pastor tem que ser o pai de todo mundo, o amigo de todo mundo, tem que ouvir todo mundo... e quem ouve o pastor? Somente Deus. Então, quando a Bíblia diz “o bom pastor dá a vida pelas ovelhas” é que existe maus pastores, que não dão a vida pelas ovelhas. Pensam em si e que se dane o resto. Então, eu encontrei muita gente mau e muitas resistências de alguns justamente por esse meu discurso, porque é um discurso limpo. “Não sejais vós que dizeis de vós mesmos mas que os outros digam”, eu não gosto muito de dizer que sou bom porque uma vez Nicodemos chegou pra Jesus e perguntou “Bom mestre” e Jesus disse “quem é bom?” nem o próprio Jesus se auto justificou. Quando Pôncio Pilatos disse “Está todo mundo te incriminando, tu não dizes nada?” e Jesus disse “não falo nada”, “se defende, dá uma palavra! Eu vou me basear no que tu disser pra te absolver porque eu sei que você é inocente, eu particularmente sei, mas o povo está aí te acusando. Se defende que eu uso a tese que você apresentar em sua defesa” e Ele disse “eu não me defendo”, “Por que?” e Ele disse: “porque eu na sou desse mundo. Eu não vim aqui me defender, eu vim aqui ser réu, eu não vou tirar de mim a responsabilidade. Eu vim cumprir o mandamento do meu Pai e vou afirmar até o fim tudo o que eu falei”. Lutero também ficou nessa situação, Lutero, quando Roma pediu pra ele simplesmente negar a literatura, “negue a literatura”, só isso. “mas se eu negar a literatura eu beneficio Roma e incito Roma a continuar errando e vou continuar sendo um homem de uma visão contraditória. Roma cresce e eu diminuo; a verdade abafa e a mentira continua. Então para o bem, para que eu, Martinho Lutero continue sendo respeitado” porque um escritor fala com as palavras, não é? Com as letras, canta com as letras. Eu estava vendo o filme “A Cidade Perdida”, sobre Cuba, você viu?

R: Não.

PE: Recomendo também. “A Cidade Perdida”, sobre Cuba. Quando Fidel assumiu, que aqueles escritores tiveram que fugir do país... na orquestra de Cuba foi proibido o saxofone... foi obrigado a tirar o sax das orquestras porque o sax foi criado pelo grande inimigo de cuba, o país do sax... o sax ganhou até o nome do seu inventor... aí proibiram o sax, aquela coisa toda... aí eu tava vendo uma frase quando eles estavam sentados na mesa: um pianista, um

escritor e, acho que um maestro, uma coisa assim... eles conversando, aí o escritor falando, falando, falando... depois ele calou-se aí deram uma risada e falaram: “o escritor se calou com suas próprias palavras” aí ele disse “um escritor se defende com as letras”. Ouvi essa frase e fiquei com ela guardada... voltando ao assunto de Martinho Lutero, ele não podia se calar, se não o caráter moral dele, todas as verdades seriam inúteis, então a mentira passaria a ser verdade e a verdade, mentira. Ele disse “eu não vou alimentar Roma” foi quando ele a apagar o que ele tinha dito retirar “eu não admito! Não retiro o que eu falei”. Então, essa persistência, essa coragem, essa audácia ela dá-se muitas vezes em determinados momentos, impulsada [sic.] pelo Espírito de deus, levada pelo Espírito de Deus e você não pode estar entrando nela em contradição consigo... então, você acaba conseguindo umas inimizades e por aí vai... eu consegui meus inimigos, consegui também os meus amigos e vou levando nas verdades... eu também recebi muitos convites pra negar algumas coisas pra ter amigos, entendeu? Até adiantando deixando pra trás algumas coisas que eu ia entrar... mas eu já fui citado em muitas reuniões, fui tido como uma figura polêmica, fui convidado pra debates, em determinadas emissoras de rádio ou televisão. Neguei. Perguntei muitas vezes ao produtor do programa “Por que você está me convidando?” “porque o senhor é uma figura polêmica” eu falei “eu não estou aqui para alimentar polêmica, estou aqui para falar a verdade.”. Eu não vim para o Rio de Janeiro ser um crítico de cristianismo, porque eu cito o que Paulo diz “miserável o homem que sou”. Eu sou o homem que mais falha, que mais erra, Ronald, então eu não sou um crítico, eu simplesmente falo a Palavra, falo a verdade, e procuro viver ela [sic.], sabendo que não atingirei jamais o nível de santidade que ela quer de mim, que o Deus eterno quer de mim, mas os nossos inimigos, às vezes eles tentam criar motins, reuniões fechadas, e se suscitaram o assunto como lá em Timóteo está escrito, né? Suscitaram uma tese, uma forma de pensar que facilite todo mundo, que facilite tudo daí eles vão levando... então a gente muitas vezes não consegue ser amigo de todo mundo e nunca vai conseguir ser amigo de todo mundo... e eu tenho as minhas opiniões, e eu não abro mão delas, não.

R: *Pastor, falando agora um pouco sobre a estrutura da Assembléia de Deus da Família, que o senhor construiu, faz quantos anos? Desde noventa e...?*

PE: Noventa e nove... noventa e nove...

R: *Quer dizer, vai fazer dez anos, não é?*

PE: É... estamos em oito pra nove anos... por aí...uma vida, né? Estou ficando velho [risos]. Cheguei aqui os meninos estavam aí... agora está tudo grande...

R: *mas pastor, algumas dúvidas sobre as questões administrativas que eu não conheço muito como funcionam, quer dizer, eu não faço parte da igreja, nem de uma igreja, então eu não sei como funciona. A ADF hoje, ela faz parte de convenções... de alguma convenção...? O senhor falou sobre a CGADB, ela não faz parte da CGADB...?*

PE: Não,hoje a ADF, não só a ADF como muitas igrejas, optaram pela sua administração à parte, porque a situação financeira, muitas vezes, ela é importante ela investir onde ela está e muitas vezes era desviado ou retirado para outros setores, outros setores eu quero dizer outros estados, outros países e acabava que aquela igreja ficava o tempo todo naquela comunidade e não desenvolvia nada. E na constituição a igreja precisa se desenvolver, alguma coisa aqui entre a comunidade para o bem-estar da comunidade, da própria igreja etc. Então eu vivi engajado na Convenção Geral muitos anos, depois eu descobri que era tudo... era um lugar de confraternização, apenas de confraternização, não se resolvia muita coisa, não se ajudava muito. Aí hoje eu faço parte do Conselho de Ministros, onde hoje o presidente é Jarbes de Alencar³⁴, lá em São Paulo. A gente se reúne, participo sempre, faço parte apenas desse conselho, tenho outros vínculos, em outros setores, mas a igreja Assembléia de Deus da Família hoje, ela é uma igreja da comunidade, do povo. Só que nós temos hoje um sistema de administração... aliás, desde o início, desde a ata de formação e de abertura, hoje quem administra no nível financeiro... nós temos tesoureiros, secretários, etc., etc., mas ela é administrada por um escritório de contabilidade, o *Espaço Contábil*, escritório muito famoso a nível de estado, que cuida de todos os lados, receita, bem, tudo que diz respeito à lei, ela tem um departamento jurídico que passa todas as informações e a gente... essa semana mesmo eu estava conversando com o Leonardo essas coisas de andar no caminho certo, eu quero as coisas transparentes, mais certas possíveis. O escritório é muito dedicado e hoje, perante o governo, perante a Receita, a igreja está aí, aprovadas todas as contas porque somos *confiscados*... somos, como é mesmo...?

R: *Tributados.*

³⁴ O pastor Jarbes de Alencar é pastor presidente da *Assembléia de Deus Ministério Bom Retiro*, SP. Site da igreja: <http://www.adbomretiro.com.br/site/>

PE: Direitinho, graças a Deus.o pessoal que trabalha com a gente, é tido como voluntários, têm suas ajudas de custo, isso por uma escolha não forçadas, cada um deles recebe a sua ajuda, os que prestam serviço direto e os que prestam indireto. Eles não têm vínculo financeiro nenhum. Na verdade é aquela vontade mesmo de ajudar e crescer...

R: Doação.

PE: Eu aqui, o que eu peço em termo de doação ao povo é leite, é o que for. Todo mundo ta aí, todo mundo participa, todo mundo ta junto... eu não tenho o que é meu... agora, no setor administrativo é bem organizado, as congregações, passa tudo por aqui, é uma conta única, entendeu? É um caixa único, até porque hoje se uma igreja cair na malha fina ou qualquer uma pessoa jurídica você que é complicado e o governo ta aí agora com uma forma de cobrar tributo muito mais viva. Hoje ele não vai mais na sua casa buscar, ele manda uma intimação, hoje o governo conhece a nossa vida direitinho, não adianta. A impunidade – eu não acredito na justiça, tem que ser realista, eu não acredito... – a impunidade acontece nesse mundo, quem tem dinheiro dribla a história, muda o assunto, você sabe disso. Agora, quando se trata de igreja, a igreja não tem muito argumento pra negociar, não. Portanto é bom que a igreja faça as coisas certas pra evitar transtorno, até porque, meu querido, a própria Palavra manda dar a César o que é de César e dar a Deus o que é de Deus. Aquilo que é do governo, eu faço questão que o governo leve, porque a injustiça aqui da terra prevalece mas a de Deus não. Um dia todos os governantes, toda a sociedade comparecerá perante o tribunal e eu não quero ser julgado igual a eles, só isso.

R: E quanto as lideranças internas, pastor? Eu sei que existem presbíteros, diáconos... como funciona aqui na ADF?

PE: A pessoa entra como “obreiro”, obreiro é o quê, é uma pessoa que... é um ajudador [sic.], é alguém... é um aluno, que você dá a ele a oportunidade de estagiar, aí depois ele vem pra “diácono”. O diácono é uma pessoa que cuida de cestas básicas, faz obras de caridade, visita as pessoas... o diácono, quando é necessário limpa o chão, limpa o banheiro... faz de tudo! O diácono serve a Ceia, evangeliza, também; o diácono... aqui o diácono até batiza,

porque Filipe³⁵ era diácono e batizou, na falta de um pastor na hora ou de um presbítero, o diácono faz muita coisa. O presbítero é uma pessoa mais, em termo de responsabilidade, cuida muito da área de enfermos, doentes... é um pastor, praticamente. Temos o evangelista que é o formador de cruzadas, o pregador de boas notícias, preparador de palanque para o pastor... é o abridor de caminhos. Tem o pastor, é o pai, é o amigo, é o diácono, é o presbítero... é tudo o pastor. Algumas igrejas têm bispos, apóstolos... “o senhor não chegou ainda, pastor, nesse nível?” [sugerindo uma questão minha] , bem, hoje nós estamos como pastor... eu nunca digo dessa água não bebo, dessa comida não como. Se amanhã o conselho decidir mudar a minha credencial, eu vou pensar. Hoje eu não sei se eu queria. “Mas quem faz isso pastor” [novamente sugere uma questão], normalmente é a igreja, a diretoria, junto com a igreja decidem se você apoiar. Hoje muitas coisas dependem do meu aval, nunca olhei pra esse lado não... hoje você tem missionários, tem pastoras... porque o envolvimento de mulher aqui é constante! A gente não tem discriminação racial e nem de sexo.

R: *Aqui todo mundo, tanto homem quanto mulher pode chegar ao pastorado...?*

PE: Todo mundo é igual... todo mundo é igual. Então, eu penso muito nas entrevistas que eu dou porque eu deixo bem claro nas entrevistas que sou uma metamorfose. Posso mudar e amanhã você ouvir dizendo que agora eu sou um bispo, pronto! Por enquanto eu não vejo necessidade disso mas não fecho as portas porque o ignorante, Salomão disse que ele é conhecido como tolo.

R: *Logo Salomão...*

PE: Então eu fico calado... você já disse tudo.

R: *Então, pastor, é o senhor quem levanta os diáconos, os presbíteros... é uma decisão espiritual ou é uma decisão de tempo...?*

PE: É espiritual. Você primeiro tem que orar muito, jejuar, para que Deus lhe dê o nome das pessoas e você se engana ainda. Porque no meio do espiritual você coloca, de vez em quando, alguém que você se enganou. Vou dizer uma coisa pra você, meu amigo, se eu não errasse, tava complicado... graças a Deus porque eu falho! Erro e me engano. Então é uma decisão

³⁵ O “Filipe” referido é o apóstolo de Jesus nos Evangelhos.

espiritual mas existe muito o lado da necessidade também: às vezes você pensa que está espiritualizando e você está vendo o lado da necessidade também. E às vezes você bota uma pessoa errada. Mas sou eu quem recebe a autorização para nomear as pessoas, baseado nisso aí, a igreja participa junto. Até porque eu não deixo todo mundo aqui dar determinadas opiniões, todo mundo votar, porque não havendo sábia direção o povo se corrompe. O povo precisa de um líder pra ajudar a viver ou pra matar, até pra morrer numa guerra você não vai sem um líder.

R: Nortear as decisões, não é?

PE: É, tem que ter. se você não tiver um líder você é um homem perdido. Sem liderança... a gente sempre precisa aclamar um rei, somos assim, é do gênero humano. Quando se aclama um rei a população se cala.

R: E se o senhor vier a aceitar o posto de bispo, ou algum outro cargo, quem teria autoridade para nomeá-lo? A própria comunidade? Seria uma revelação...?

PE: Uma junta... uma junta de... [se mostra bem reticente] homens e mulheres de Deus... é considerada uma diretoria... uma mesa diretora, que nós temos...

R: Aqui temos?

PE: Sim, nós temos... nada aqui eu saio metendo a cara e fazendo, não. Tem uma mesa diretora onde na multidão de conselheiros, Salomão disse, né, que os bons assuntos surgem, as boas idéias, e muita gente pensando é bem melhor. Eu executo, mas lá no Senado surge uma idéia, lá na Câmara³⁶ surge uma idéia dos deputados vai pro Senado, do Senado... até chegar no gabinete do presidente pra ele vetar ou não... passa por uma observação porque a gente visa o bem das pessoas. Nós temos também uma regra estatutária, é o estatuto interno, nós temos o interno e o externo. No nosso estatuto constam as leis e eu obedeço, a mesa obedece são os senadores.

R: A Constituição existe para ser obedecida...

PE: Se eu desobedecer serei punido, não tem jeito. Não é a minha idéia que prevalece. É o pensamento divino em cérebros humanos tementes, que passam de... passam de vinte. Acho

³⁶ Referências ao Senado e Câmara federais do Parlamento.

que chegam quase a uns cinqüenta. Então, Deus me livre tomar uma decisão sozinho. Eu seria o mais tolo do mundo em ditar uma regra e depois as conseqüências dela virem sobre mim. Quando você bota a sua cara de gente em nome de uma organização cujo estatuto consta as leis, é mais fácil, mas nunca entre sozinho em determinadas situações, em determinadas confusões achando que vai resolver porque você é “o tal” porque quando o chicote vier todo mundo vai bater no seu espinhaço. Quando eu digo “a mesa não aprova” eu estou dizendo “Não”, mas a pessoa vai me olhar assim e não vai me martirizar não, não sou eu...

R: *É uma decisão coletiva...*

PE: Coletiva... cobrar de quem se todo mundo é um grupo. “Foi você quem decidiu?” Foi. Mas não cobre de mim porque fulano também ta ali, beltrano também ta ali, ninguém nunca vai achar o... inclusive, a justiça, a Constituição funciona dessa forma, por isso que ninguém é punido também, né, porque você sabe, né, agora nesse problema ai do caos aéreo ninguém sabe quem é culpado porque é muita gente, né... cobrar de quem? A Constituição é a coisa mais esperta que a humanidade criou para se livrar das responsabilidades. Não sou ditador, não sou a favor do militarismo, não sou comunista, mas essa constituição...! [risos] a gente segue, né...? Vai seguindo!

R: *Tem que seguir, né? Não tem outra opção... estamos no Brasil...*

PE: Se eu quiser mudar o mundo então eu vou ter que morrer e mudar o meu mundo, passar da morte pra vida. Eu posso mudar o meu, me matando, mas o dos outros não, é impossível... se isso fosse fácil Deus resolveria [estala os dedos] mas o próprio Deus está vendo que é uma batata quente esse negócio aí!

R: *Até Deus ta vendo isso... [risos]*

PE: eu vejo isso dessa forma. Eu acredito que Deus está fazendo a parte d’Ele pela humanidade, mas Deus já sabe como vai terminar isso tudo... falar nisso, a gente ta num calor imenso aqui, né? Oh, aleluia...!

R: [risos] *Mas nós estamos quase no fim.*

PE: É final, né, é final. Da vinda d'Ele, tudo vai acabar... você vai ver. Esse mundo, do jeito que vai, todo mundo tá sabendo que estamos caminhando pros últimos dias...

R: *Pastor, hoje a ADF tem outros pontos de pregação, tem filiais. Como funciona essa organização de filiais?*

P: É a mesma coisa, a nossa linguagem é a linguagem das filiais todinhas.

R: *Quantas são, hoje?*

R: É... tem várias... parece que tem umas oito... umas sete ou oito, por aí. Só que tudo, cada uma delas tem o mesmo padrão de tratamento daqui, certo? Só que existe uma conta única, eles depositam as suas rendas financeiras tudo na conta então daqui é liberado de novo. Para que o governo reconheça o dinheiro da entidade a gente deposita, registra, entendeu? E depois ele é sacado, eu prefiro fazer assim do que funcionar abertamente... é perigoso.

R: *E quanto às lideranças? Aqui é a catedral, né? Seria a igreja central das filiais...?*

PE: Isso.

R: *E em questão de liderança, são outros pastores? Pastores daqui que vão pra lá ou são pastores levantados lá...?*

PE: São pastores levantados lá, dependendo do ambiente, do local. São pastores levantados lá ou pastores que vão daqui. Tudo subordinado à mesma fé, a mesma ordem e o pastor daqui é o pastor dela, de todas elas.

R: *Entendo. Quanto à rádio, pastor como foi a idéia? Eu sei que o senhor gosta muito da rádio daqui da igreja... e não digo sua porque a rádio não é só sua, mas de toda a comunidade...*

P: Ela desvinculou, hoje. Hoje a igreja tem um programa, ela patrocina com apoio cultural, mas a gente viu que hoje a rádio precisava ser mais cuidada, precisava de mais amor. Então nós colocamos hoje na rádio lideranças, passamos ela [sic.] para outras pessoas cuidarem com

mais responsabilidade... é porque o retorno hoje é bem maior, a rádio hoje tem um pico de audiência muito forte, muito grande... então hoje a gente já não administra muito mais a rádio, não, só penas, falando em rádio, a gente tem uma verba, tantos por cento da igreja, em torno de trinta por cento que a gente investe em publicidade: rádio, jornal, televisão, o que vier.

R: *Mas eu sei que ela, inicialmente foi criada pela congregação, não é?*

P: É, foi uma iniciativa minha... tem muitos anos atrás, não só hoje, nem só aqui no Rio... em todo canto que eu andei, fui radialista, também, sempre tive paixão por rádio. Sempre criava... em todo canto que eu vou eu sempre coloco um programa de rádio, sempre gostei de rádio... esta rádio a gente assumiu ela, por um tempo..

R: *Ela já existia, não é?*

PE: Já. A gente locou ela por um tempo, entendeu? Fez um contrato. Só que agora o contrato acabou e a gente decidiu não refazer novamente porque a gente está com outro projeto esse ano pra televisão.

R: *Quais são os projetos principais para o futuro da igreja em questão de comunicação?*

PE: Primeiro, em questão de comunicação, a gente procura colocar um programa com uma hora ou duas horas de duração em uma das TVs, pode ser CNT, Rede TV!, pode ser Bandeirantes... a que a gente tiver um retorno melhor e falar uma língua de negociação melhor, também, porque você sabe que publicidade, mídia é muito caro. Só que a gente vai chegar lá! Só que antes de chegar lá eu já estou pretendendo transferir. Essa aqui vai ficar como sub-congregação, sub-sede, mas eu pretendo ir lá pro centro de Caxias... a minha meta é três, quatro mil pessoas num salão... estamos já trabalhando pra isso.

R: *Seria onde em Caxias?*

P: Eu pretendo no centro, mesmo, onde todos os ônibus estão. Porque o meu público é muito grande, meu pessoal é muito grande, meu povo é muito solidário. Também, a gente faz muita caridade nas comunidades então eles estão sempre junto da gente... então hoje, o meu relacionamento com os ouvintes é muito bom, graças a Deus. Eles me respeitam.

R: *E quais é o método de escolha para os programas da rádio que o senhor aluga? Geralmente são cultos... pregações...? os cultos são gravados aqui esmo...?*

PE: É atendimento ao vivo. “Clínica”, mesmo. É como um médico vai a um programa responde perguntas, consultar. É como se convidasse um psicólogo ou... vamos dizer... um ginecologista. “Ele vai estar com a gente hoje”, então todo mundo liga... ele é o cara. O nosso programa é assim, eu dou a cara pra bater, mesmo, respondo tudo que o pessoal me perguntar, oro, espiritualizo o programa com muita responsabilidade... é um doutor no ar, é um doutor espiritual, nosso programa á esse. Muito junto do ouvinte pelo telefone, pelas cartas também... isso que você está vendo na minha bíblia, você vê fotos aqui de pessoas, você vê caras, não sei se estão aqui ou se eu deixei no meu material de estudo... lá na rádio, mas nós temos cartas, o pessoal liga pra mim, escreve... não ta aqui não, ta na rádio já, mandaram... lá na rádio a gente responde as cartas pelo ar... a gente faz aconselhamento pastoral, tem “pensamento do dia”, tem dias que eu fico lá quatro horas. Esse é o tipo de programa. E às vezes tem culto também..

R: *Radiodifusão dos cultos...*

PE: É, transmissão dos cultos daqui, a gente envia muito pra rádio, também ninguém é de ferro, um dia eu canso, aí...

R: *Adoece, também...*

PE: É, aí naquele dia a rádio transmite o culto.

R: *Uma última parte, pastor, quanto às lideranças egressas da ADF? Existe algum tipo de pessoas que decidiram sair... por algum problema de comportamento...? como funciona esse problema de circularidade da membresia fixa...? eu me lembro que nesses dois anos de participação Há pessoas que eu não vejo mais, que não sei se saíram, porque não é minha idéia perguntar esse tipo de coisa... acontece bastante esse tipo de coisa?*

PE: Acontece muito isso. Vamos chamar isso de “concorrência”, meu amigo...! Tem que ser realista... por que mentir? As igrejas concorrem muito uma com a outra. Cada uma oferece uma coisa e o povo fica naquela, escolhendo e que Deus abençoe o povo, que Deus proteja o

povo e tenha misericórdia da gente para não fazermos as coisas erradas. Quando a pessoa sai daqui ela continua sendo meu amigo porque o respeito pelas pessoas não pode ser somente quando elas estão aqui e sim quando elas vão, porque eu visio o ser humano, não é uma cédula ambulante, nenhum escravo e nem alguém pra bater palma. Eu não vejo as pessoas como um número e sim como seres humanos. Portanto o valor delas vai com elas e as lembranças ficam. Eu não tenho coragem de disciplina ninguém, negar uma recomendação a ninguém... todos aqui, às vezes a pessoa tem até um determinado defeito, eu prefiro que os outros falem. Isso não é covardia, não, isso é ocultar alguns fatos, até pra não me comprometer. É como você: professor, o aluno não vai à escola, mora lá no morro, chega perto de você e bota uma arma na sua cabeça e fala “se você não me der um diploma, se você não me aprovar eu te mato”. Você não vai acabar com a sua carreira por causa de um cara que não quer nada com a vida, dá o diploma dele e deixe ele ir embora, viva sua vida. Sou obrigado a fazer isso, sei que a pessoa não presta, mas...

R: *Isso deve te entristecer um pouco...*

PE: Muito, muito, muito... mas eu preciso entender que muitas outras pessoas precisam de mim, então eu não posso arriscar minha vida fazendo uma besteira, propagando a intimidade de ninguém para envergonhar ela e para me auto engrandecer. Lá no juízo final ela vai prestar conta dela. Ele engana a mim, a um irmão, muitas vezes mede forças comigo, mas, com o Senhor Deus, ela não vai consegui fazer isso não. Então, funciona dessa forma: paz, muita paz.

R: *Justiça também...*

PE: Justiça também. Quando depender de vós tende paz com todos os homens. O sentido de justiça, a igreja guarda muito a justiça, mas a justiça divina. Eu, quando faço a justiça aqui, mostrando muito pra pessoa porque que ela está sendo castigada, do quê que ela está sendo julgada, pra quê. Porque o reino de Deus é movido pelo amor, não pela ignorância. Eu antes de corrigir uma pessoa falo dos valores dela porque é muito bom dizer que você confia na pessoa, que acredita na pessoa e fale da capacidade dela antes de falar de Deus, aí ela vai te ouvir.

R: *Do contrário ela nunca ouviria...*

PE: Nunca ouviria. Então, a justiça, quando eu faço, julgo a pessoa aqui dentro segundo algumas situações, eu penso sempre no valor delas, porque a Constituição proíbe a gente torturar alguém, disciplinar sem motivo, fazer determinadas coisas... a gente tá indo contra os direitos humanos, você sabe que os direitos humanos tá aí com tudo... então existe muitas coisas, a igreja tem que saber viajar no meio dessa situação toda e é por isso que eu digo, o pastor não pode ser bobo...

R: *Compreendo...*

PE: [risos] ah... as pessoas processam as outras com uma facilidade muito grande, sabia...? se a gente não abrir o olho a gente...

R: *É, é o mundo cruel...*

PE: É o mundo cruel. Eles querem justiça sendo injustos.

R: *E por que o nome “Assembléia de Deus da Família”? essa é a curiosidade...*

PE: Muito bom. Porque “Assembléia de Deus”, se eu botar “Assembléia de Deus”, aí um outro botou “Assembléia de Deus”, aí eu vou pra rádio: “Assembléia de Deus”, mas onde? Como? Por que é que tem um sobrenome? “Assembléia de Deus da Família”, “Assembléia de Deus de Madureira”, “Assembléia de Deus de Belém”, “Assembléia de Deus Renovada”, “Nova Assembléia de Deus”, “Primeira Assembléia de Deus”, “Segunda Assembléia de Deus”, “Terceira Assembléia de Deus”... é pra definir a mente do povo. Engraçado, tô lá, “Assembléia de Deus da Família”, registrada em cartório, tudo certinho... essa semana mesmo eu recebi uma ligação da “Assembléia de Deus da Família”, nem conheço.

R: *Outra Assembléia de Deus também chamada “da Família”?*

PE: “da Família”. Acontece muito isso... a gente não vai brigar com os nossos irmãos por causa dessas besteiras... mas eu vou ter que colocar “Assembléia de Deus da Família II” daqui a pouco... [ambos riem] daqui a pouco “Assembléia de Deus da família III”...

R: *Ou “Assembléia de Deus da família Brasileira” ou “de Duque de Caxias”...*

PE: Mas é isso. É pra diferenciar o seu trabalho daquele trabalho. Senão as pessoas acabam generalizando tudo, vendo “Assembléia de Deus”, vai pra qualquer uma... e você está lá na rádio, chamando o povo pra vir pra sua igreja e o povo não vem porque você não está sabendo falar. **É um nome-fantasia, pronto. É uma jogada de marketing.**

R: *O senhor falou sobre o pastorado feminino, que aqui não há preconceitos...*

PE: Não existe aqui, mas existe por aí...

R: *A Assembléia de Deus da CGADB não aceita o pastorado da mulher, a mulher como pastora, são mais tradicionais...*

PE: Olha, hoje algumas já aceitam... hoje já... algum tempo passado mas hoje já está mudando muito. Madureira, também...

R: *Já está aceitando?*

PE: Já.

R: *Mas aquela mais tradicional, tradicionalíssima, CPAD...*

P: Não... mas a da CPAD, a CGADB é assim: vem lá “CGADB”, mas eu posso, por exemplo, se eu quiser estar na CGADB agora, é só eu dar um telefonema aqui que daqui a pouco eu estou na CGADB. Daqui a pouco você vai me achar lá na internet. Daqui a pouco, se eu quiser, agora... eu tenho lá influência, lideranças, influências lá dentro... se eu ligar agora, acabou!

R: *Mas não é interessante, não é?*

PE: Não, não é interessante porque é simplesmente pra manter uma aparência, eu não gosto disso. Eu não preciso disso. Eu preciso de Jesus. Eu confiei muito neles, depusitei muito minha confiança neles, nunca me ajudaram em nada! Eu não quero ajuda pra mim, não, eu

quero comida pro povo, roupa... eu quero que me traga uma ajuda pro povo, mas ninguém dá, meu irmão... só tira, tira então não funciona não... pra tirar daqui, ninguém manda... ninguém vem aqui tirar leite de onça. Eu estou aqui sem comer desde manhã... eu acordo sete horas da manhã, vou dormir duas horas! Eu durmo cinco, quatro horas por dia, por noite... minha vida é trabalhar. Minha voz, minha saúde, minha casa, minha filha, minha família é dedicada, é tudo sacrificada ao Senhor. Se ninguém me ajuda, todo mundo quer tirar, então não vai tirar não.

R: *Pegando um gancho sobre a família, eu conheço o seu pai, ele também faz parte da igreja, seu pai, seu irmão, não é?*

PE: Isso...

R: *O pessoal da sua família, quando o senhor veio de Timbaúba, eles vieram com o senhor pro Rio ou vieram depois?*

PE: Não, não... vieram depois, outros vieram antes...

R: *Já tinha gente que morava aqui no Rio...?*

PE: Meu irmão morava aqui. Moravam noutros lugares por aí, Jacarepaguá, outras regiões por aí... eu vim encontrar minha família aqui depois de oito anos... seis, oito anos, por aí...

R: *Irmãos seus...*

PE: É, eu não convivia com a minha família não, porque eu fazia missões. Abri mão pra poder viajar mundo a fora, a mando das igrejas. Aí eles congregam, freqüentam, mas não exercem funções, até porque eles... a gente prefere chamar as pessoas que Deus chamou, não as pessoas que a gente quer. Eu não beneficio jamais ninguém sem que o meu Deus me autorize.

R: *Pra terminar, eu gostaria de saber, alguns amigos meus assembleianos falaram sobre “Assembléia de Deus Renovada”. O que seria exatamente isso, pastor? Essa idéia de “renovação” dentro da Assembléia de Deus? Isso realmente existe... é só mais um título?*

P: É só mais um título... é mais um título, pronto! Você já conversou com outros, não foi?

R: *É, geralmente eram de igrejas Assembléia de Deus muito radicais.*

P: Pronto... eu sou uma igreja “Renovada”, quer dizer isso: as pessoas não usavam brinco, pulseira, anel... tinha que dormir de palito, gravata, *papapá... papapá...* a igreja renovada é essa agora, que bate palma, que canta, que é alegre, que é descontraído. É essa igreja. A tradicional não batia palma, eram aqueles hinos antigos. Então quando diz “renovada” é porque adota as coisas atuais... nós somos “renovada”, a gente se encaixa nisso. Toca as músicas de hoje, os ritmos de hoje, um reggae, uma salsa, um merengue, um forró... é sempre bem vindo, né? Todos os ritmos é do senhor. Então a outra não, a outra era mais uma valsazinha...

R: *No máximo...!*

PE: Aí é “papai-mamãe” também... Deus me livre... [risos] comparar uma música dos anos trinta... comparar uma Emilinha Borba, um Vicente Celestino... eu tava, por exemplo, eu tava lá na... como é que é o nome... eu tava lá na Paulista, em São Paulo tem uma loja lá na Paulista, em frente à TV Gazeta, me esqueci o nome agora, era uma loja de vídeo... uma das maiores lojas de São Paulo, um luxo de loja. Tava ouvindo lá umas músicas dos anos vinte, trinta... é muito diferente, muito diferente. Naquela época o lado urbano era muito pouco, era muita terra, era muita fazenda, era muito rural... então esse louvor, esse canto em uma região urbana já não tem mais... então a turma se estressou mais... o pessoal ficou meio doido então os ritmos enlouqueceram também. Então você não pode vir agora com aquele ritmo porque senão o louco agora é aquele! Se você vier com aquela choradeira do passado agora é loucura mesmo.

R: *Até em questão de roupas também...*

PE: Principalmente roupa. Você imagina você ver uma novela de época, uma mini-série ou estuda alguma coisa de época, veja a roupa do povo! Naquela época, né... não dá mais pra botar uma roupa daquela agora, até porque o próprio planeta esquentou. As próprias organizações mostram que tá tudo muito mais quente, o ser humano... imagina uma roupa daquela agora aqui na gente... [era um dia muito quente e não havia ar condicionado no

gabinete do pastor, ambos estávamos suando muito] era uma confusão, não dá. Então “renovado” por isso. Já você vai à Alemanha, numa cidade fria, na Rússia, você não vai ficar assim com você está lá, você é obrigado a se empacotar. Aí Gunnar Vingren e Daniel Berg vieram da Suécia, rapaz, gelado na época, isso há cem anos atrás, camarada, quer o quê?! Tu imagina o mundo há cem anos atrás, no planeta! Aqui não tinha um prédio, aqui só tinha árvore, era muito frio isso aqui... olha a temperatura que está agora! Cem anos, amigo! Presta atenção nisso! Então eles vieram naquela época, cem anos atrás pra cá com aquelas roupas, aí se eu gostar de azul todo mundo vai gostar de azul, porque o que o líder faz, o povo costuma fazer, então todo mundo usava aquela roupa, estilo europeu, entendeu? Frio, no Brasil. Achava que aquilo fazia parte do ritual de religião, mas não é! Totalmente errado, é costume. Não vamos misturar costume com a Palavra. Então “renovada” por isso. A minha mente hoje pensa assim, a mente de muitos hoje pesa assim. Antigamente a gente não tinha tempo de pensar isso, porque não era a gente que pensava, eram outros que pensavam por nós.

R: *Pastor, creio que conseguimos terminar, eu agradeço muitíssimo sua entrevista e sua abertura e fico muito feliz pelo trabalho que o senhor me proporciona.*

(A entrevista formal termina, e segue-se uma conversa. O pastor atende o telefone, fala sobre uma viagem para Recife e, após alguns poucos minutos faço uma última pergunta acerca de um título de “Cidadão Caxiense”, em uma moldura de vidro preso na parede)

R: *Ah, eu gostaria de perguntar uma coisa que eu estou olhando desde que eu cheguei, quanto ao “Cidadão Caxiense”, como foi essa nomeação?*

PE: Rapaz, essa nomeação, eu tava em fortaleza e recebi um telefonema pra eu voltar correndo pra eu receber esse título aqui no Rio. Ora, pra receber esse título, por exemplo... a cidade de Caxias estava aniversariando...

R: *Foi que ano isso?*

PE: Foi ano passado [2007]. A cidade estava em aniversário e foi escolhido parece que doze pessoas, não sei... a nível de estado pra receber esse título. Aí lá só tinha coronel famoso, prefeitos, aquele fulano que desenvolveu aquela vacina... só tinha gente da alta, da alta... e eles me ouviram pelo rádio, viram o trabalho que nós fizemos, do meu caráter, o crescimento

da igreja e me colocaram dentro e eu não tenho um amigo lá dentro, não tenho uma amizade lá. Eu digo que isso foi Deus. E no dia eu tava do lado de um juiz, muito conhecido aqui no Rio, o Ciro estava lá também, o Ciro Darlan, tava muita gente, né? O governador do estado, tinha muita gente, tinha muita gente... a sociedade toda lá, parte dela, melhor dizendo, artistas, e quando começaram a chamar os nomes dos agraciados, “olha, fulano de tal desenvolveu isso assim, assim... beltrano, não sei o que do biocombustível...” eu disse “o que é que eu fiz?” E quando me chamaram, disseram “Edinaldo Valdemar da Silva, pastor evangélico, nascido no estado de Pernambuco...” rapaz, eu baixei a cabeça e disse “vão me dar uma vaia”... bem, eu consegui arrancar aplausos do teatro. Me aplaudiram... porque, inclusive o prefeito Washington Reis me deu um abraço e falou nos meus ouvidos, com lágrimas nos olhos: “o senhor é o primeiro homem no meu mandato a receber esse título, eu estou muito feliz. Um pastor, um homem de Deus...” se desmanchou, né? Taí. Eu não usufruo muito das regalias que ele dá até porque se eu fosse usar a credibilidade que eu possuo na cidade de Duque de Caxias, mas eu vou carregando a cruz por aqui. Foi bom, foi bom... Deus exaltou!

R: com certeza, com justiça, né?

PE: Com justiça, com justiça... reconhecimento. A gente vê, vem lá de Pernambuco... passei fome, companheiro! Passei fome... já falei isso pra você, eu acho... sou de uma família muito pobre. Lá da Zona da Mata, na divisa de Pernambuco com a Paraíba. Não tive condições de estudar, sou um homem “*analfabro*”, praticamente.

R: O senhor não conseguiu completar seu ensino...?

PE: Eu não tive escola porque *não havia escola!* Quando eu fui conhecer energia elétrica, escola, eu tinha doze anos... me apaixonei tanto que eu trabalhei de graça pra comer... pra estudar...pra aprender, né?

R: Formalmente não tinha como, né?

PE: Eu estar aqui hoje falando, dando aula pra alguns filósofos... falando pra filósofo, uma loucura! Eu não sei como é que é isso... ouro dia e estava lá na Bienal [do livro] essa última que teve aí, né? Até palestra eu dei! EU não sei como é que foi... falamos de obras literárias, fui convidado lá para livreria... algumas livrerias religiosas, falei lá algumas coisas... e já dei

muita aula de educação religiosa em colégios públicos, escolas públicas e dou uma palestra para empresários aqui na sexta-feira, hoje vai ter, só pra empresários, falamos para os grandes homens de negócio. E eles gostam! [risos] Funciona!

R: *Posso tirar uma foto?*

R: Fique à vontade. A barba está grande... a última foto que eu tirei foi para a *Backstage*³⁷ da América...

³⁷ Aqui ele se refere à revista mensal especializada em música pela editora H Sheldon.

APÊNDICE D – QUESTIONÁRIO E NOTAS QUALITATIVAS.

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO -
UERJ**
PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS - PPCIS - UERJ
Linha de Pesquisa: Religião e Movimentos Sociais em Perspectiva

Questionário 001/2007 - Para a Assembléia de Deus da Família

Este questionário é totalmente sigiloso e de conhecimento do pastor da congregação. Se você não se sentir à vontade para responder alguma(s) das questões abaixo, deixe-a(s) em branco. As perguntas a seguir serão feitas para todos os membros efetivos ou não da congregação. Pedimos que **NÃO SE IDENTIFIQUE**, dessa forma, se sentirá mais à vontade para responder as questões, totalmente despreocupado quanto a sua identidade.

Cabe ressaltar que o objetivo desse questionário é unicamente para pesquisa em Ciências Sociais e não será utilizado para outro fim. Podendo, contudo, ser disponibilizado ao pastor da congregação.

SEXO: () MASCULINO () FEMININO	-	IDADE:
---	---	---------------

1) Você é membro da Assembléia de Deus há quanto tempo?

() Menos de um ano. () Até três anos. () Até cinco anos () Há mais de seis anos.

2) Você participava de outra denominação antes de ser membro da Ass. de Deus da Família?

() Não. () Sim. Qual?

3) Você é membro efetivo da Assembléia de Deus da Família?

- () Sim. Sou um membro cadastrado e batizado.
 () Sim, mas ainda não sou batizado.
 () Não, venho à igreja para alcançar bênçãos e mudar minha vida.
 () Passei a vir depois que ouvi a rádio.

4) A Assembléia de Deus da Família é a igreja mais perto de seu endereço?

() Não, existe(m) outra(s) Assembléia(s) de Deus mais perto. () Sim.

5) Quantas vezes você frequenta o templo?

() Uma vez por semana. () Até três vezes por semana. () Mais de três vezes por semana.

6) Você já foi batizado no Espírito Santo?

() Não. () Sim.

7) Manifesta algum dom durante os cultos?

() Não () Sim. Qual?

8) Você apresenta algum dom fora do templo?

Não. Sim. Qual?

9) Quantas vezes por semana você escuta a rádio da Assembléia de Deus da família?

Todos os dias. Até três vezes por semana De três a cinco vezes por semana

10) Você já alcançou alguma graça ao ouvir a rádio?

Não. Sim. Qual?

11) Você já alcançou alguma graça nos cultos?

Não. Sim. Qual?

12) Quantas pessoas da sua família participam na igreja?

- Só eu.
- Eu e mais uma pessoa.
- Eu e mais duas pessoas.
- Eu e mais três pessoas.
- Toda a minha família.

13) Você é membro do corpo de obreiros?

- Não, e nem pretendo ser.
 - Não, mas pretendo ser.
 - Sou. Qual função?
-

14) Você faz parte de alguma comissão na igreja?

- Não, e nem pretendo fazer parte.
 - Não, mas pretendo fazer parte.
 - Sim. Qual?
-

15) Você participa de algum ponto de pregação feito pela Assembléia de Deus da Família?

Não. Sim. Qual?

16) Quantas vezes você participa da Escola Bíblica Dominical?

Sempre. Quase sempre. De vez em quando. Quase nunca. Nunca.

17) Quando você vem à Escola Bíblica Dominical, você traz o seu material de Estudo?

Não. Leio com algum irmão. Sim.

Notas acerca do Questionário da Igreja Assembléia de Deus da Família

Sexo:

Masculino: 12

Feminino: 33

Total: 45

Idade

Homens: Entre 15 e 20 anos: 1

Entre 21 e 30 anos: 2

Entre 31 e 40 anos: 3

Entre 41 e 50 anos: 4

Não declarada: 2

Mulheres: Abaixo de 15 anos: 2

Entre 15 e 20 anos: 5

Entre 21 e 30 anos: 5

Entre 31 e 40 anos: 10

Entre 41 e 50 anos: 3

Entre 51 e 60 anos: 7

Não declarada: 1

15) Você é membro da Assembléia de Deus há quanto tempo?

Homens: Menos de um ano: 8

Até três anos: 4

Mulheres: Menos de um ano: 19

Até três anos: 8

Até cinco anos: 2

Há mais de seis anos: 4*

* Na classe “Há mais de seis anos”, consta uma entrevistada de 14 anos de idade.

16) Você participava de alguma outra denominação antes de ser membro da Assembléia de Deus da Família?

Homens: Sim: 6

Não: 6

Mulheres: Sim: 20

Não: 13

Entre os homens temos um fator de quase empate, sendo que as respostas afirmativas aparecem todas nos que responderam participar há menos de um ano. Nas respostas negativas, cerca de 60% participam há até três anos (4), e o restante (2) há menos de um ano.

Entre as mulheres, a mudança de templo ocorre majoritariamente entre as fiéis com menos de um ano de participação na ADF (14), seguidas pelas que participam há até três anos (3) e mais de seis (2); os número quase se igualam entre si quando a resposta é “não”: Menos de um ano (4); Até três anos (5); Até cinco anos (2) e Há mais de seis anos (2).

Dentre as denominações que precederam a ADF temos as seguintes: Pentecostal de Nova Aliança; Universal (4); Igreja Carismática Santuário de Deus (2); Tabernáculo Batista; Assembléia de Deus Jeová Nissé (sic.) (2); Igreja Batista Nova Filadélfia; Assembléia de Deus de Itatiaia “(Pastor Marcelo)” e Igreja Batista central em Olavo Bilac [num mesmo questionário, menos de um ano na ADF]; Assembléia de Deus [apontada como “outra” ou não especificada] (3); deus é Amor e Batista [num mesmo questionário; menos de um ano de participação na ADF]; Igreja Pentecostal Evangélica Ebenézer; Igreja Batista (3); Pentecostal Nova; Católica; Igreja Congregacional. Três questionários não apontam a igreja de origem.

17) Você é membro efetivo da Assembléia de Deus da Família?

Homens: Membros cadastrados e batizados: 7

Membro, mas não batizado: 1

Passou a vir depois de ouvir a rádio: 4

Mulheres: Membros cadastrados e batizados: 19

Membro, mas não batizado: 3

Passou a vir depois de ouvir a rádio: 12

18) A Assembléia de Deus da Família é a igreja mais perto de seu endereço?³⁸

Homens: Sim: 7

Não: 5

Mulheres: Sim: 15

Não: 17

Sem resposta: 1

Dentre os sete homens que têm a ADF como a igreja Assembléia de Deus perto de sua casa, nenhum participa há mais de um ano sendo que cinco são egressos de outras denominações. Já no grupo que possui outra opção de Assembléia mais próxima de casa, apenas um participa há menos de um ano, sendo também o único que veio de outra denominação.

Dentre as mulheres que têm opções de igrejas mais próximas de suas residências (“não”) do que a ADF, mais da metade (10) freqüentam a igreja há menos de um ano, sendo que cinco delas o fazem a até três anos, uma por até cinco anos e uma outra há mais de seis anos. Já entre as que têm a ADF como a Assembléia de Deus mais próxima às suas casas, o quadro se modifica: temos onze que participam há menos de um ano; três fiéis até três anos e outras três por mais de seis anos.

³⁸ Em relevância á discussão acerca das igrejas pentecostais e neopentecostais, suas particularidades e diferenças (MARIANO, 2005), nos referimos a ADF como “Assembléia de Deus” sem diferenciá-la de qualquer forma das

Já no que se refere à mudança de religião, dentre as que têm opções mais perto de casa, quase que a metade (7) já trocou de igreja; sendo que apenas duas das que têm a ADF como opção mais próxima trocaram alguma vez de denominação.

19) Quantas vezes você frequenta o templo?

Homens Uma vez por semana: 2

Até três vezes por semana: 7

Mais de três vezes por semana: 3

Mulheres: Uma vez por semana: 5

Até três vezes por semana: 19

Mais de três vezes por semana: 8

Sem resposta: 1

Levando em consideração a assiduidade aos serviços da igreja, podemos ver que, em comparação com os números do total da amostra da pesquisa³⁹ – 12 homens e 33 mulheres – o número de homens no templo por mais de três vezes por semana representa ¼ do total masculino, enquanto no campo feminino, esse número chega a um pouco menos, 24%, apontando uma participação de longo prazo quase que idêntica entre os dois grupos. O que não podemos deixar de levar em consideração é que o número total de cada grupo é diferenciado – muito mais mulheres que homens relatados – , significando um número de mulheres muito maior do que o de homens frequentando a ADF por mais de três vezes por semana.

Dentre os homens, o grupo dos que participam mais é composto por pessoas que estão há menos de um ano no templo, sendo que dois são egressos de outra igreja. Apenas esse último é batizado e cadastrado. Todos têm a ADF como a igreja Assembléia de Deus mais próximas de casa.

outras formas de ADs para que não houvesse confusão no ato de responder o questionário. Assim, a ADF é colocada como uma AD entre muitas no andamento do questionário.

³⁹ A respeito da nomenclatura *amostra*: “Ao coletar os dados referentes às características de um grupo de objeto ou indivíduos (...) é muitas vezes impossível ou impraticável observar todo o grupo (...). em vez de examinar todo o grupo, denominado *população* ou *universo*, examina-se uma pequena parte chamada *amostra*”. Cf. SPIEGEL, M. R. 1972.

Entre as mulheres, a metade frequenta o templo há menos de um ano, com apenas uma batizada e cadastrada; duas frequentam até três anos, ambas cadastradas e batizadas; uma participa há até cinco anos, também membro batizada e cadastrada, assim como a última, que participa há mais de seis anos.

20) Você já foi batizado no Espírito Santo?

Homens: Sim: 5

Não: 7

Mulheres: Sim: 14

Não: 19

O grupo de homens batizados com o Espírito santo é composto de quatro membros cadastrados e batizados nas águas, dois deles frequentam a ADF há menos de um ano, os outros dois há até três anos; apenas um passou a vir depois de ouvir a rádio. É importante frisar que dos membros homens batizados com o Espírito Santo, dois deles não participavam de outra denominação antes da ADF, onde frequentam há mais de três anos, o que nos aponta que o batismo se deu nesse templo.

Entre as mulheres, quatro participam há menos de um ano e passaram a participar depois de ouvirem à Rádio, três são egressas de outras denominações. Já entre as dez batizadas nas águas e cadastradas, cinco participam há menos de um ano, todas egressas de outras denominações. Quanto às demais: três têm até três anos de participação, sendo duas egressas (uma delas da igreja católica) de outras denominações; uma participa por cerca de cinco anos e a última por mais de seis anos (nenhuma das duas são egressas de outras denominações).

21) Manifesta algum dom durante os cultos?

Homens: Sim: 5

Não: 7

Mulheres: Sim: 12

Não: 20

Não respondeu: 1

Um fato interessante aconteceu nessa questão – assim como na próxima, que se relaciona com a presente – tanto entre homens quanto entre mulheres, que deve ser marcado: existem, tanto nos grupos dos que se dizem batizados com o Espírito Santo, quanto nos que não o são, há a presença – assim como a ausência – da manifestação de dons. Em outras palavras, no grupo dos batizados composto por catorze mulheres, apenas **seis** afirmam manifestar algum dom do Espírito; entre os cinco homens, apenas **três** manifestam dons. O que é interessante, ao inverso, é que dentro do grupo dos que não são batizados com o Espírito Santo, seis mulheres dizem manifestar dons; dois, dentre os sete homens não batizados também manifestam dons do Espírito.

Esse dado se mostra importante pois, a manifestação de dons seria um fator essencial para o batismo com o Espírito Santo e, segundo o questionário, alguns fiéis afirmam ser batizados sem apresentar dom algum, e, entre os não batizados, seria possível a manifestação de dons mesmo sem o batismo. Segundo os relatos, podemos ver que muitos dos que responderam os questionários se referem a diversos sentimentos e dádivas alcançadas como sendo dons do Espírito.

Dentre os dons relatados temos: não batizados: “ministrar cura de enfermidade”; “Dá uma alegria muito grande de louvar sem parar”; “muito poder na oração”; “cura minha e libertação dos parentes” (sic.); “dá vontade de pular e dançar na igreja”; “orando sem me controlar”; “eu fico com muita vontade de orar”; “minha cura espiritual”. Batizados: “Ministério”; “Falar línguas estranhas (4)”; “Orando sem controle”; “Revelação”; “Ministração em louvor / Palavra (sic.); “louvor”; “Profecias”.

22) Você apresenta algum dom fora do templo?

Homens: Sim: 6

Não: 6

Mulheres: Sim: 12

Não: 20

Não respondeu: 1

O mesmo ocorre com a questão corrente quanto á manifestação dos dons entre batizados e não batizados com o Espírito Santo, como já discutido acima. Sete mulheres e quatro homens batizados com o Espírito Santo manifestam dons fora do templo, dentro desse grupo, um em cada gênero apresenta dons apenas dessa forma.

Dois homens e sete mulheres não batizados com o Espírito Santo manifestam dons fora do templo, duas delas apenas dessa forma. Os dons apresentados são, na sua quase maioria, idênticos aos apontados na questão acima.

23) Quantas vezes por semana você escuta a rádio da Assembléia de Deus da família?

Homens: Todos os dias: 6

Até três vezes por semana: 5

De três a cinco vezes por semana: 1

Mulheres: Todos os dias: 19

Até três vezes por semana: 5

De três a cinco vezes por semana: 4

Não responderam: 5

24) Você já alcançou alguma graça ao ouvir a rádio?

Homens: Sim: 4

Não: 7

Não responderam: 1

Mulheres: Sim: 20

Não: 13

Dentre as graças alcançadas, temos: cura; libertação; emprego; problemas familiares; bens alcançados ou restituídos; alcance da paz e melhora de tensões.

Dos homens que não alcançaram graças ouvindo a rádio, três a ouvem diariamente e quatro até três vezes por dia. No grupo das mulheres, cinco ouvem a rádio diariamente; duas até três vezes na semana; duas de três a cinco vezes e quatro não responderam a questão.

25) Você já alcançou alguma graça nos cultos?

Homens: Sim: 9

Não: 2

Não responderam: 1

Mulheres: Sim: 29

Não: 4

Dos homens que não alcançaram graças nos cultos, um frequenta o culto há menos de um ano e não é batizado no Espírito santo, mas é cadastrado; o outro já participa há cerca de três anos e se encontra na mesma situação que o primeiro quanto à membresia e o batismo com o Espírito Santo.

Das quatro mulheres que não alcançaram graças nos cultos, três frequentam a ADF há menos de um ano, apenas uma tem até três anos de participação; nenhuma foi batizada com o Espírito Santo e apenas uma manifesta dons nos cultos e fora do templo.

26) Quantas pessoas da sua família participam na igreja?

Homens: Só eu: 4

Eu e mais uma pessoa: 3

Eu e mais duas pessoas: 1

Eu e mais três pessoas: 2

Toda a minha família: 2

Mulheres: Só eu: 7

Eu e mais uma pessoa: 8

Eu e mais duas pessoas: 2

Eu e mais três pessoas: 8

Toda a minha família: 8

27) Você é membro do corpo de obreiros?

Homens: Não e nem pretendo ser: 3

Não, mas pretendo ser: 5

Sou: 4

Mulheres: Não e nem pretendo ser: 3

Não, mas pretendo ser: 21

Sou: 8

Não respondeu: 1

Dentre as mulheres que não aspiram participar do corpo de obreiros, duas passaram a vir depois de ouvir à rádio, há menos de um ano, uma delas egressa de outra denominação e batizada com o Espírito Santo. A terceira é membro há mais de cinco anos, ainda não batizada com o Espírito Santo, mas cadastrada e batizada nas águas. Entre os homens, dois participam há menos de um ano e o terceiro já participa por cerca de Três anos. Dois são membros, sendo que um deles não foi batizado nas águas; o terceiro passou a vir quando ouviu a rádio – onde conseguiu graça. Apenas um é batizado com o Espírito Santo (o que é membro cadastrado).

Quanto aos obreiros, as funções são as seguinte: pastor e Auxiliar de trabalhos entre os homens; Diaconisa (4); obreira auxiliar; professora.

14) Você faz parte de alguma comissão na igreja?

Homens: Não e nem pretendo fazer parte: 1

Não, mas pretendo fazer parte: 3

Sim: 7

Não respondeu: 1

Mulheres: Não e nem pretendo fazer parte: 3

Não, mas pretendo fazer parte: 11

Sim: 18

Não respondeu: 1

Quanto ao grau de comprometimento com os trabalhos da igreja, podemos fazer uma ligação entre a última pergunta com a corrente, comparando quem ocupa cargas duplas na igreja – membro do corpo de obreiros e de uma comissão: Membros com dupla pertença: 9 mulheres e 3 homens.

Dentre as comissões, temos as seguintes: Grupo dos homens “Heróis da Fé”(5); Jovens; Coral dos homens; Campanha evangelizadora. Entre as mulheres: comissão das mulheres “Intercessoras da Última Hora” (10 ; Juventude (4; Comissão de enfermos; Comissão das Crianças (coordenação); Coral; Círculo de Oração (2; Coreografia (dança profética).

15) Você participa de algum ponto de pregação feito pela Assembléia de Deus da Família?

Homens: Sim: 3

Não: 9

Mulheres: Sim: 6

Não: 26

Não respondeu: 1

Devemos levar em consideração que, no complemento da pergunta (“Qual___?”), recebemos informações que apontam que ao responder a essa questão, algumas pessoas que

disseram “sim” se referiram a diversas atividades fora do templo – visita aos doentes, cultos de libertação e, principalmente, visita aos lares.

16) Quantas vezes você participa da Escola Bíblica Dominical?

Homens: Sempre: 5

Quase sempre: 2

De vez em quando: 2

Nunca: 2

Não respondeu: 1

Mulheres: Sempre: 15

Quase sempre: 5

De vez em quando: 5

Quase nunca: 2

Nunca: 6

Levando em consideração a freqüência usual dos fiéis da ADF, em comparação com sua presença na escola dominical, teremos: Ambos os homens que nunca vieram freqüentam o templo há menos de um ano; um deles freqüenta o templo até três vezes por semana com mais três pessoas e pretende fazer parte de uma comissão; o segundo faz parte do coral dos homens e freqüenta o templo até três vezes durante a semana.

Das fiéis que quase nunca participaram, ambas têm até três anos de participação, sendo uma delas membro efetivo cadastrada, ainda que na façam parte de comissões ou do corpo de obreiros. Dentre as que nunca comparecem para a escola dominical, cinco participam na igreja há menos de um ano, sem cargos ou participação em comissões – ainda que duas sejam cadastradas como membros regulares. A sexta pessoa é membro cadastrada e batizada há mais de seis anos, ocupa a função de diaconisa e participa da comissão das irmãs; ela freqüenta o templo mais de três vezes por semana.

17) Quando você vem à Escola Bíblica Dominical, você traz o seu material de Estudo?

Homens: Sim: 8

Não, leio com um irmão: 2

Não respondeu: 2

Mulheres: Sim: 21

Não, leio com um irmão: 8

Não respondeu: 4